



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES PROGRAMA**  
**DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**RARIELA VALESKA DA SILVA SALUSTINO**

**O CIÚME E SEUS AVATARES: APRECIACÕES PSICANALÍTICAS,  
NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS *O REMORSO DE  
BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2020**

**RARIELA VALESKA DA SILVA SALUSTINO**

**O CIÚME E SEUS AVATARES: APRECIACÕES PSICANALÍTICAS,  
NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS *O REMORSO DE  
BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

**JOÃO PESSOA – PB**

**2020**

Catálogo na publicação  
Seção de Catalogação e Classificação

E181c Salustino, Rariela Valeska da Silva.

O ciúme e seus avatares : apreciações psicanalíticas,  
no romance contemporâneo português "o remorso de  
baltazar serapião", de Valter Hugo MSe / Rariela  
Valeska da Silva Salustino. - João Pessoa, 2020.  
127 f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado) - UPPB/CCHLA.

1. Ciúmes. 2. Psicanálise. 3. Masculinidade e ciúmes.  
4. Valter Hugo MSe - Crítica e interpretação. I.  
Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UPPB/BC

CDU 616.89-008.444.2(043



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)**  
**RARIELA VALESKA DA SILVA SALUSTINO**

Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte, às dezoito horas, realizou-se virtualmente, através da plataforma GOOGLE MEET (<http://meet.google.com/xij.zchm-ftz>), a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “O CIÚME E SEUS AVATARES: APRECIACÕES PSICANALÍTICAS NO ROMANCE PORTUGUÊS ‘O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO’, DE VALTER HUGO MÃE”, apresentada pelo(a) aluno(a) **Rariela Valeska da Silva Salustino**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Marinho Lúcio, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O professor Doutor Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os Professores Doutores Leyla Thays Brito da Silva (UFPB) e Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo (UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Hermano de França Rodrigues convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo professor Hermano de França Rodrigues, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Hermano de França Rodrigues (Secretária *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 31 de agosto de 2020.

Parecer: A banca apontou a relevância do trabalho para a área, indicando a publicação.

*Hermano de França Rodrigues*  
 Prof.(a) Dr.(a). Hermano de França Rodrigues  
 (Presidente da Banca)

*Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo*  
 Prof.(a) Dr.(a) Fabiana Souza Silva Mendes de  
 Araújo  
 (Examinadora)

*Leyla T. B. da Silva*  
 Prof.(a) Dr.(a). Leyla Thays Brito da Silva  
 (Examinadora)

*Rariela Valeska da Silva Salustino*  
 Rariela Valeska da Silva Salustino  
 (Mestranda)

*Los celos son señales de amor, es como la calentura en el hombre enfermo que a tenerla es señal de tener vida, pero vida enferma y mal dispuesta. (Cervantes)*

*La force qui fait le plus de fois le tour de la terre en une seconde, ce n'est pas l'électricité, c'est la douleur. (Marcel Proust)*

## DEDICATÓRIA

*Para Ricardo, meu grande amor.  
Sem você nenhuma conquista valeria a pena.*

## AGRADECIMENTO

Uma dissertação, apesar do processo solitário, reúne contributos de várias pessoas e instituições. Manifesto, assim, o meu agradecimento aos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a realização do presente trabalho.

Ao Professor Doutor Hermano de França Rodrigues, meu orientador, pela orientação que me proporcionou sugestões preciosas, ideias, apoio incondicional, pela disponibilidade demonstrada ao longo deste percurso através do esclarecimento de todas as minhas questões, e, sobretudo, e pela liberdade de ação que permitiu o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico através do presente trabalho.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Ulysses que juntamente com o professor Hermano orientou o corpus desta dissertação, pelas críticas construtivas, sugestões, disponibilidade, apoio e carinho. Seria impossível concretizar esta investigação sem a vossa ajuda..

Aos colegas deste percurso, pela partilha de conhecimentos, ideias e espírito de entreaajuda.

Aos coordenadores do PPGL Ana Marinho Lúcio e Roberto de Assis, assim como o corpo docente e os colaboradores do departamento de Pós Graduação de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Aos meus três filhos e meus dois enteados Luíz, Javier e Camila (*in ventre*), Beatriz e Tomás - pela alegria, carinho e amor incondicional que sempre me estimularam nos momentos mais difíceis, além da compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu marido Ricardo, um exemplo de dedicação e apoio incondicional, por seres o meu companheiro e a pessoa que esteve mais presente no trajeto desta pesquisa dando todo o suporte na concretização dessa etapa acadêmica.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Reservo este espaço para agradecer especialmente ao meu orientador Professor Doutor Hermano de França Rodrigues, que está presente em minha trajetória acadêmica desde a literatura infantil nos primórdios da graduação. Sempre me acompanhando e me orientando numa parceria dialógica que me fez crescer muito como ser humano e profissional.

Desde nosso primeiro contato em sala de aula soube que nossa trajetória seria longa, produtiva e bonita. Como aluna, é maravilhoso encontrar um mestre que consegue transformar magistralmente um momento de aprendizagem em um caminho de evolução.

Paralelamente à realização deste trabalho e de tantos outros, escrevemos em conjunto uma história entre aluno e orientador. Uma história que vai muito além do apoio técnico, mas fartamente amoroso, que foi necessário para a produção científica; da presença em sala de aula e fora dela, da dedicação e busca constante por transmitir o conhecimento da forma mais receptível possível; da compreensão, da força, da generosidade típica de quem opta por doar sua vida para um bem comum maior, incalculável e imprevisível que é o poder transformador da educação. Estou falando da amizade, da ligação acima de tudo humana que pudemos construir.

Sorte de quem consegue transcender às atribuições materiais do ser pesquisador e consegue, para além de resultados e palavras, construir sentimentos, relações, crescer e permanecer juntos durante a difícil jornada na universidade. Em diversos momentos da minha vida ele esteve presente na acolhida, na escuta e nos conselhos. Compartilhamos várias experiências de dores, alegrias, viagens, perdas e ganhos. Estando perto ou longe, sempre tive uma porta aberta à minha disposição para o que precisasse.

Sou muito feliz e agradeço muito pela amizade construída, pelo tempo empenhado e por sua existência!

Muito obrigada!



## RESUMO

O ciúme é um sentimento normal e comum: desde a infância, precisamos ser amados e até mesmo preferidos! Este sentimento pode então aparecer para um dos pais, um irmão ou uma irmã. Além disso, Freud (1922) escreveu que não é normal não sentir ciúmes. Segundo ele, seria até uma necessidade! É verdade que observamos esse sentimento em todas as culturas, em todas as latitudes, no entanto, quando o ciúme se torna prejudicial é a porta aberta para sofrimentos e círculos destrutivos. A proposta deste estudo é: apresentar uma leitura abordando as relações existentes entre o ciúme patológico motivado pela formação da identidade masculina na cultura patriarcal, e, ademais, aclarar os aspectos subjetivos dos ciúmes tomando os óbices como manifestação da masculinidade e a masculinidade como reflexo da incorporação de uma dinâmica violenta no que concerne à expressão dos ciúmes varonis. A partir da articulação entre a literatura e a fortuna crítica sobre a concepção de ciúmes e masculinidade. Para tanto, partiremos da leitura analítica da obra *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe – poeta, romancista, artista plástico e cantor nascido em 1971. A qual fornece, por um lado, um panorama sobre o patriarcado, enquanto sistema de dominação baseado no poder socialmente construído do homem, e, por outro lado, representa as modalidades do desdobramento da violência considerada como produto formador do estereótipo masculino. Agraciada pelo prêmio José Saramago em 2007, a narrativa conta a história da família Serapião, mais conhecida em sua região como “Os Sarga”, “nascidos de pai e vaca”, em virtude da relação que eles estabelecem com a criação da vaca Sarga. Na obra, somos apresentados a um contexto lusitano em que o ambiente bucólico e miserável serve como cenário para que se manifestem a violência e o machismo, resultantes da herança cultural de sua nação, do protagonista, Baltazar. No cerne do romance, o remorso constrói uma história de amor e ciúme, que é, com alguma naturalidade, mas não normalidade, o que é importante ressaltarmos, uma vez que o comum não pode ser confundido com o normal. Afinal, não se deve conceber como normal uma história em que o amor se mescla com constantes acessos de violência física e moral. Todavia, com a violência consentida, dado que a impunidade viril da época era reforçada por estereótipos e levada ao extremo da destruição do outro e da autodestruição. Ademais, é nesse ponto que notamos que, no fundo, esta Idade Média ficcional, como percebemos na linguagem e no conteúdo empregados na obra, é sobretudo a reconstrução da cena pulsional – de algum modo primitiva, não tanto por natureza, mas por cultura milenar – da guerra dos sexos. Embora marcada temporalmente em tempos medievais, qualquer leitor crítico e atento poderá ver, infelizmente, que esse retrato literário possui demasiada verossimilhança, visto que a violência contra a mulher persiste em todas as sociedades contemporâneas. Evidentemente, essa interpretação não classifica nem supõe todas as formas de violência, todavia, oferta um quadro abrangente das arbitrariedades brutais cujo fundamento é a manutenção do poder masculino na sociedade frente às mulheres e outros grupos de homens, sejam eles nas posições de subordinados, marginalizados e cúmplices. O presente trabalho consiste em apresentar uma discussão reflexiva situada no estudo das relações fronteiriças entre psicanálise e literatura, a partir de uma alegoria estética, a literatura, no romance “o remorso de baltazar serapião”. Para tanto, nossa investigação parte de uma revisão bibliográfica dos textos do próprio Freud e de outros autores que se debruçaram a respeito do fenômeno subjetivo do ciúme e os sentimentos periféricos que o acompanham.

## RESUMEN

Los celos son un sentimiento normal y común: desde la infancia, ¡debemos ser amados e incluso preferidos! Este sentimiento puede aparecer luego a un padre, hermano o hermana. Además, Freud (1922) escribió que no es normal no estar celoso. Según él, ¡incluso sería una necesidad! Es cierto que observamos este sentimiento en todas las culturas, en todas las latitudes, sin embargo, cuando los celos se vuelven dañinos es la puerta abierta al sufrimiento y círculos destructivos. El propósito de este estudio es: presentar una lectura que aborde las relaciones existentes entre los celos patológicos motivados por la formación de la identidad masculina en la cultura patriarcal y, además, aclarar los aspectos subjetivos de los celos tomando los obstáculos como manifestación de masculinidad y la masculinidad como reflejo de la incorporación de una dinámica violenta en la expresión de los celos masculinos. De la articulación entre literatura y fortuna crítica sobre el concepto de celos y masculinidad. Para ello, partiremos de la lectura analítica de la obra *El remordimiento de Baltazar Serapião*, de Valter Hugo Mãe, poeta, novelista, artista y cantante nacido en 1971. Que ofrece, por un lado, un panorama del patriarcado, como sistema de dominación. se basa en el poder socialmente construido del hombre y, por otro lado, representa las modalidades del desarrollo de la violencia consideradas como un producto que forma el estereotipo masculino. Otorgado por el premio José Saramago en 2007, la narrativa cuenta la historia de la familia Serapião, más conocida en su región como “Os Sarga”, “nacida de padre y vaca”, por la relación que establecen con la creación de la vaca Sarga. En la obra, se nos introduce en un contexto lusitano en el que el ambiente bucólico y miserable sirve de escenario para la manifestación de la violencia y el machismo, resultado de la herencia cultural de su nación, del protagonista, Baltazar. En el corazón de la novela, el remordimiento construye una historia de amor y celos, que es, con cierta naturalidad, pero no normalidad, lo cual es importante notar, ya que lo común no puede confundirse con lo normal. Después de todo, una historia no debe concebirse como normal en la que el amor se mezcla con episodios constantes de violencia física y moral. Sin embargo, con la violencia permitida, dado que la impunidad viril de la época fue reforzada por estereotipos y llevada al extremo de la destrucción del otro y de la autodestrucción. Además, es en este punto donde notamos que, en el fondo, esta Edad Media ficticia, tal como la percibimos en el lenguaje y el contenido de la obra, es sobre todo la reconstrucción de la escena pulsional, de alguna manera primitiva, no tanto por naturaleza, sino por cultura antigua. - La guerra de los sexos. Aunque marcado temporalmente en la época medieval, cualquier lector crítico y atento puede ver, lamentablemente, que este retrato literario tiene demasiada verosimilitud, ya que la violencia contra la mujer persiste en todas las sociedades contemporáneas. Evidentemente, esta interpretación no clasifica ni supone todas las formas de violencia, sin embargo, sí ofrece un cuadro amplio de arbitrariedad brutal cuyo fundamento es el mantenimiento del poder masculino en la sociedad frente a las mujeres y otros grupos de hombres, ya sea en las posiciones de subordinados, marginados. y cómplices. El presente trabajo consiste en presentar una discusión reflexiva ubicada en el estudio de las relaciones fronterizas entre psicoanálisis y literatura, a partir de una alegoría estética, la literatura, en la novela “*El remordimiento de Baltazar Serapião*”. Para ello, nuestra investigación parte de una revisión bibliográfica de los textos del propio Freud y de otros autores que han investigado el fenómeno subjetivo de los celos y los sentimientos periféricos que lo acompañan.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Jealousy</i> – Ciúmes, Edvard Munch.....	15
Figura 2: Os amantes, René Magritte.....	24
Figura 3: (Abandono) sem título, Osvaldo Goeldi.....	29
Figura 4: O beijo, Gustav Klimt.....	34
Figura 5: <i>Unos cuantos piquetitos</i> , Frida Kahlo.....	36
Figura 6: O banquete de Platão, Anselm Feuerbach.....	46
Figura 7: <i>Edipe et le sphinx</i> , Gustave Moreau.....	53
Figura 8: Sigmund Freud, Max halberstadt.....	57
Figura 9: Maternidade, Picasso.....	62
Figura 10: A família, Tarcila do Amaral.....	64

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I – AS SOMBRAS DO SUBJETIVO .....</b>	<b>17</b>
1.1. CIÚME: NARRATIVAS E ESCOMBROS.....	17
1.2. EXTRATOS AFETIVOS DO CIÚME.....	22
1.3. A QUEBRA DA CUMPLICIDADE E OS TORMENTOS DO CIÚME.....	26
1.4. CIÚME: O SIGNO DE UMA FERIDA PROFUNDA.....	31
1.5. GRITOS E SUSSURROS DO CIÚME.....	36
1.6. CIÚMES VIRIS: PILARES ENRAIZADOS DE PODER?.....	41
<b>CAPÍTULO II – BANQUETE ESTÉTICO DO CIÚME – DO FILOSÓFICO AO PSICANALÍTICO .....</b>	<b>48</b>
2.1. AMOR, CIÚME: EROS FAMILIAR.....	48
2.2. CIÚME E O LASTRO DO PRIMEIRO AMOR: DO BERÇO AO LEITO.....	54
2.3. DO MITO SOFOCLIANO AO COMPLEXO FREUDIANO.....	59
2.4. O EMBRIÃO DO CIÚME NO SEIO FAMILIAR.....	64
2.5. MURALHA DO CIÚME: INTINERÁRIO PSICANALITICO.....	70
2.6. CIÚME DOMÉSTICO: VIOLÊNCIA NA PORTA DE CASA.....	75
<b>CAPÍTULO III – CLÍNICA DO CIÚME: OLHARES PSICANALÍTICOS .....</b>	<b>80</b>
3.1. ALGUNS MECANISMOS DO CIÚME SOB A ÓTICA FREUDIANA.....	80
3.2. CIÚME NO DIVÃ: ENLACES ANALÍTICOS.....	85
3.3. INVEJA E CIÚME: RAÍZES AFETIVAS.....	89
3.4. CIÚME: PERDAS E DANOS.....	97
<b>CAPÍTULO IV – A ESTÉTICA DO AMOR BRUTAL: ESCRITURAS VIOLENTAS EM – O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO.....</b>	<b>103</b>
4.1. LITERATURA NO DIVÃ.....	103
4.2. A CONSAGRAÇÃO LITERÁRIA DE VALTER HUGO MÃE E AS PARTICULARIDADES DE SUA ESCRITA NA INCOTORNÁVEL OBRA “O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO”.....	107
4.3. REFUGIADOS DO PATRIARCADO: MULHERES NA PRISÃO.....	111
4.4. PATRIACARLISMO, CIÚME E CÁRCERES EM “O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO.....	116
4.5. DELINQUENCIAS DO CIÚME: O GOSTO CORTANTE DAS RELAÇÕES FATAIS.....	122
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>

## INTRODUÇÃO

Desde a ação criadora primordial dos escritos orientais e ocidentais, o ciúme e seus “avatares” são temas ligados ao mistério das paixões. A afetividade é um dos aspectos mais importantes da nossa vida, e bem antes de existir civilização o homem já estava preocupado em encontrar uma resposta às primeiras perguntas feitas sobre a natureza e a origem dos sentimentos, dentre eles os ciúmes. Esse sentimento que pode invadir todo o nosso ser, especialmente quando estamos apaixonados. A origem grega da palavra "ciúme", *zelos*, refere-se a "zelo". A etimologia da palavra ciúme revela que tal afeto se refere a uma modalidade particular de conexão com um objeto. Freud propôs, antes de tudo, que o ciúme é um afeto inato e doloroso comparável ao luto, despertado pela perda, real ou suposta, do objeto amado em benefício de um rival. Portanto, ele considera o ciúme natural e pertencente ao reino do amor – e em termos de perda. Isso significa que o objeto perdido entra em cena como é ou era possuído pelo sujeito. Geralmente, o ciumento acusa o outro e não reflete, da precipitação, pode se tornar uma obsessão irracional e levar a pessoa e a relação a uma dinâmica destrutiva, gerando muito sofrimento.

É pertinente apontar que são múltiplos os subsídios para a elaboração de um percurso analítico no território dos afetos através da linguagem. Consta-se, então, como uma das temáticas mais representadas na literatura, em músicas e filmes, seja em versões felizes ou miseráveis, inúmeras vezes, múltiplas emoções nos dominam por razões dos ciúmes. Enquanto, na realidade, a origem desse afeto pode ter estado presente por muito tempo e ter raízes bem mais profundas do que a memória pode alcançar. *“De todo o modo, o sentimento de posse que sobra depois que nos sentimos desgrudados de nossa mãe volta a se manifestar quando nos sentimos acoplados sentimentalmente às figuras amorosas adultas, que sempre são, de certa forma, substitutas da mãe.”* (GIKOVATE, 1998, p. 121)

A partir da esfera crítica e científica é possível aclarar a compreensão do assunto em questão, trata-se, por conseguinte, de uma realidade a ser evidenciada. A concepção dos vínculos amorosos assume uma acepção mais ampla que ultrapassa os limites das relações humanas. Contudo, ao considerar a possibilidade de analisar os ciúmes numa perspectiva do estudo da literatura e na ótica teórica da psicanálise, foram vastas as referências e os caminhos que se revelaram para abordar um tema abrangente e complexo como esse, assim, fez-se necessário um recorte para situá-lo no processo do desenvolvimento embrionário dos afetos humanos.

Para tal, elegemos a metodologia de investigação bibliográfica coadunando o ciúme e os vínculos de apego amoroso, reunindo formulações teóricas de distintos pontos a respeito da natureza das relações afetivas, tanto das mais simples realizações cotidianas quanto das mais refinadas manifestações dos sentimentos humanos.

O primeiro capítulo faz parte de uma pesquisa sobre a relação entre amor e ciúmes do ponto de vista histórico, filosófico, mitológico até chegar à psicanálise freudiana no capítulo dois. Nesse momento, buscaremos compreender melhor os óbices do ciúme na discussão teórica que passa por alguns terrenos até chegar à psicanálise. Freud revela que o ciúme protagoniza o complexo de Édipo, e o narcisismo ferido pelo ciúme amoroso já está atrelado à estrutura edipiana que subjaz a qualquer escolha de objeto de amor dentro da estrutura da neurose. Assim,

Procriar significa, como regra, gerar um oponente, alguém com quem iremos rivalizar pelo amor do cônjuge. A história da psicologia moderna, construída a partir da psicanálise de Freud, está fundada nessa questão, que foi colocada como fundamental e básica para os conflitos íntimos de todos nós. (GIKOVATE, 1998, p. 125)

Sendo necessário, a partir da iluminação psicanalítica, retroceder na história psíquica do sujeito ciumento para expor a estrutura original do ciúme, que, segundo Freud, é constituída por puro imaginário e tensão, opondo o sujeito a seu rival especular desde o calor do colo materno. Esse afeto é composto de humilhação narcísica, hostilidade contra o rival e autocrítica, atualizando a questão do lugar do sujeito no desejo do Outro. Isso significa que o narcisismo é fortemente questionado. Não pretendemos comparar elementos de percepções epistemológicas distintas, mas reconhecer, a despeito do ponto de análise da linguagem, um toque comum no que se refere aos estudos da esfera dos afetos, numa articulação cautelosa entre o gesto humano ancorado no ciúme, a fortuna crítica que aborda tal temática e suas representações.

O ciúme é primordial para o bem-estar do casal, e difícil de definir claramente o conceito de ciúme devido aos seus vários estágios. Enquanto alguns são descritos como saudáveis, outros podem ser extremamente prejudiciais. Logo, a questão complexa é que o ciúme, quando desmedido, tende a interpretar tudo como fatos objetivos. Contemporaneamente, parece haver uma preocupação maior em como podemos despertar os sentimentos dos outros e nunca como podemos aprender a compreender mais e melhor os afetos que nos acometem. O assunto é muito mais amplo do que a primeira impressão pode sugerir. Geralmente, o ciúme não é encarado como uma habilidade a compreender, algo

pendente, é antes visto como um sentimento espontâneo. Isso pode nos lembrar da experiência muito primitiva de uma criança de aproximadamente três anos que não pode emprestar seus jogos para um amigo, irmão ou irmã. Emprestar um brinquedo é para ela uma perda insuportável, como se alguém quisesse tomar parte de si mesmo, uma vez que nós só podemos possuir bens materiais. O ciúme, portanto, pode se manifestar como uma forma de reduzir o outro a um bem passível de pertencimento, ou seja, que se pode possuir com exclusividade. Sendo assim, sentindo uma rivalidade constante e permanente com os outros. O paradoxo do ciúme é que ele se projeta concretamente no outro aquilo que foi erroneamente imaginado. Logo, as razões podem ser imaginárias, porém a dor e o sofrimento do ciumento são reais.

Por trás do ciúme, esconde-se uma gama de sensações: medo, insegurança, perda de território, sensação de abandono, ser enganado, falta de autoconfiança, etc., as causas são muitas e variadas. Por um lado, está intimamente ligado ao amor e, por outro, articulado à posse, o que significa que o amado é considerado um bem que se tem. No involucro dos ciúmes, sem raciocínio possível e discussão objetiva, o ciumento está preso a sua crença e qualquer ameaça é experimentada como uma perda iminente da relação, o que pode se tornar embaraçoso. *“As pessoas que mais assiduamente exercem o ciúme não são, como regra, as que mais intensamente amam. São as que mais temem perder o parceiro.”* (GIKOVATE, 1998, p. 103)

Obviamente, há momentos em que o ciúme é justificado e os fatos costumam agir como bons indicadores afetivos, pois uma história se desenvolve cheia de paixão e euforia. Mas, às vezes, o amor pode causar medo ou angústia no coração de um ou ambos os pares afetivos. Pessoas ciumentas sentem-se ameaçadas e estão num temor implacável de não serem mais amadas, podendo ser substituídas, deixando de ser a única pessoa para a outra. As fontes são variadas, mas suas convicções só podem vir dos pensamentos do próprio sujeito ciumento e o outro não está disponível para tranquilizar, reparar e curar as feridas que a vida causou.

No quarto e último capítulo cujo recorte temático encerra as idiosincrasias entre o amor e o ciúme, elegemos a leitura analítica da obra *o remorso de baltazar serapião* sob o escrito tsunami, como afirmou Saramago, do autor português Valter Hugo Mãe, no qual a imaginação ciumenta do esposo violento não tem limites, suas suspeitas se tornam obsessão. Com a influência de autores como o José Saramago, Valter Hugo Mãe compõe sua famosa tetralogia formada pelos seus quatro primeiros romances: *o nosso reino*, *o remorso de baltazar serapião*, *o apocalipse dos trabalhadores* e *a máquina de fazer espanhóis* –

publicados entre o período de 2004 e 2010. Em sua composição tetralógica, o autor elimina completamente as letras minúsculas, incluindo o seu próprio nome e os títulos, fazendo com que sua escrita funcione como o registro complexo de vozes que ecoam profundas experiências vividas.

Valter Hugo Mãe é, sem dúvida, uma das vozes mais talentosas da literatura contemporânea e sua obra se caracteriza pelas descrições meticulosas dos sentimentos involucrados na psique de seus personagens mediante os dramas que os acometem. Ao longo desta história rica em abismos diabólicos e de um padrão violento que se revelam nas ações das personagens, sobretudo masculinas, vislumbramos uma oportunidade para retornar ao ponto de vista histórico e psicanalítico desde o ciúme normal ao patológico e, mais particularmente, ao delírio do ciúme. Indubitavelmente, Baltazar está sofrendo do mesmo ciúme delirante de Otelo, aquele personagem de Shakespeare, que mata sua esposa, Desdêmona, porque suspeita erroneamente de que ela é infiel.

A experiência do pensamento sobre o amor deixa sua marca no tempo e pouco a pouco, o homem que, devido à sua natureza pensante, é chamado a refletir, devendo seus alcances ao pensamento racional. Muito lentamente o pensamento lógico, de aparição tardia, foi abarcando cada vez mais domínios, ainda que sua entrada pareça vedada em determinados redutos. Nesse seguimento, com fins de oferecer informações úteis sobre a dimensão humana do ciúme nos vínculos e de realizar uma leitura do ciúme nas relações amorosas a partir das inscrições que foram reservadas a tal temática, recorreremos ao arcabouço psicanalítico de veios freudianos e às publicações especializadas produzidas por autores ulteriores aptos a esclarecer as vicissitudes que forjam o afeto em tela. Desse modo, realizaremos a leitura analítica da obra *“o remorço de Baltazar serapião”*, Portanto, compreender a maneira como os que sofrem com ciúmes e como vivenciam esse sentimento conflitante é a principal justificativa deste trabalho.



## CAPÍTULO I – AS SOMBRAS DO SUBJETIVO

### 1.1 CIÚME: NARRATIVAS E ESCOMBROS

Diante de um terreno complexo, difícil de teorizar, a fragilidade das relações humanas resiste aos avanços do conhecimento inteligível. Freud advertiu que “*Não é fácil trabalhar cientificamente os sentimentos*”<sup>1</sup>. Através da arte, o homem valoriza subjetivamente a própria realidade, revelando a erupção do sagrado, fundamentando e convertendo a natureza, o mundo, e o homem no que são. Mediante a dinâmica dos afetos, o ciúme é um dos sentimentos caracterizados pela imposição e pelo domínio. “*Afinal, trata-se por um sentimento determinado por nossa biologia? Ou é o fruto de um tipo de estrutura social, econômica e política onde a propriedade privada dos bens se estendeu, estabelecendo até mesmo o direito à posse de seres humanos?*” (GIKOVATE, 1998, p.104) Representações referenciais sempre construíram os modelos paradigmáticos dos que compõem o corpo das sociedades, e, para cada época, foi conveniente e necessário induzir os sujeitos a sentir e agir de modo determinado.

Figura 1 - Munch, Edvard (1895) Ciúmes – Jealousy



<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/616>

Acesso em 02-08-2019

As simbologias das concepções do que é o amor e do que é ciúme estão definidas por normas comportamentais, através das narrativas e dos costumes, totalmente infiltradas nos modos de fazer e nas formas de dizer presentes nas várias manifestações do imaginário humano (artísticas, religiosas e científicas), impostas aos indivíduos com a força de uma legitimidade. O ciúme amoroso inspirou muitas narrativas, como *As mil e uma noites* árabes, mitos gregos e romanos, a *Bíblia*, clássicos produzidos por Shakespeare, Marcel Proust e Machado de Assis, entre outros, sendo uma temática ainda recorrente na literatura contemporânea. Além disso, é presença garantida no rastro de grito e desespero das diversas notas vermelhas do jornal policial. Isso representa sentimentos de alegrias e dores que muitas vezes são indescritíveis pelos próprios sujeitos que as sentem, o âmbito da literatura nos ajuda a entender que o amor é ambivalente, ao mesmo tempo,

<sup>1</sup> FREUD, 1930/ 2011, p. 8

saciedade e insatisfação, felicidade e dor, apropriação e perda, vida e morte. Durante séculos, escritores populares e respeitados estudiosos escreveram e analisaram o amor e os sentimentos que acompanham tal fenômeno sem esgotar seu potencial para o debate contemporâneo.

Nos contos de fadas, a inveja e o ciúme estão presentes reivindicando a exclusividade do status da beleza, amor e poder. “*Muitas situações onde o que predomina é a inveja se dão em condições mais relacionadas com o fenômeno amoroso, sendo muito comum que se use o termo ciúme como se fossem sinônimos.*” (GIKOVATE, 1998, p. 115) Em alguns casos, o ciumento, homem ou mulher, gostaria de estar no lugar do outro para desfrutar do que ele tem. Na narrativa da *Branca de Neve*, a fulminação do ciúme se manifesta através da maçã envenenada que busca eliminar uma rival indefesa, a qual sequer tem noção do mal-estar que evoca na sua madrasta. Nas histórias de amor, os ciúmes aparecem de repente colocando tudo às avessas, e a mitologia grega recolhe essas peripécias em histórias como Medéia, que, repudiada e abandonada por Jason, mata seus filhos por vingança. Medeia – na obra de Eurípidés – merece nossa atenção. Medeia é apresentada como uma mulher bárbara que, no intuito de ultrajar o marido infiel, desacata as leis humanas e divinas, matando os próprios filhos. Ela faz com que a usurpadora use adornos impregnados de veneno e, no processo, mata as crianças que tinha com Jason. Apesar de tal crime, seu discurso é tão comovente que chegamos a compactuar com seu sofrimento. No fragmento Medeia fala ao coro, no primeiro ato, em que refere ao rastro fatal que o ciúme evoca:

*“Ah! Vou dizer tudo que espero obter de vós: se eu descobrir um meio,  
um modo de fazer com que Jáson pague o resgate de seus males  
e sejam castigados quem lhe deu a filha e aquela que ele desposou, guardai segredo!  
Vezeis sem número a mulher é temerosa, covarde para a luta e fraca para as armas;  
se, todavia, vê lesados os direitos do leito conjugal,  
ela se torna, então, de todas as criaturas a mais sanguinária”!*

(Versos 297 ao 302 – Tradução de Mario da Gama Kury)

Medeia é, com *Otelo*<sup>2</sup>, o grande patrimônio estético da figura trágica de ciúmes. Ela gosta tanto de sua vingança quanto da dor de Jason. Enquanto na narrativa shakespeariana do amor ciumento por excelência, Otelo foi devorado pelo ciúme que o fez assassinar sua amada esposa *Desdemona*, conduzido pelo intrigante personagem *Iago* que pôs à prova a sua

<sup>2</sup> Clássico de William Shakespeare de 1603

reputação "*O que aconteceu?*", indagam os leitores horrorizados. O mouro veneziano *Otelo* ceifou a vida da sua amada *Desdemona* por ciúmes delirantes, demonstrando que a vulnerabilidade e um baixo desenvolvimento emocional podem ser detonantes que independem de classe ou posição social. "*Ora, qualquer coisa: um assassino honrado, se quiserem. Pois absolutamente nada fiz por ódio, e sim por minha honra*". O ciúme insano da rainha trágica Fedra<sup>3</sup>, seu desgosto, tristeza também marca a literatura mundial, Fedra, filha de Minos e esposa de Teseu, sente um amor secreto e impossível por Hipólito, seu enteado. Quando ela descobre a paixão de Hipólito por Arícia, consumida com ciúme, ela deixa uma carta acusando o jovem de abusar dela, depois se mata. O pai de Hipólito vingará os malfeitores! Sacrificará Hipólito sem saber que este era inocente.

Identificado como fenômeno biológico e social igualmente como a vergonha e a culpa o ciúme parte de um constante processo impessoal que consiste em um complexo formado por um conjunto de conceitos culturais, impregnados nas condutas, sentimentos e visões dos indivíduos. Imaginemos que se mulheres de um arem sofressem de ciúmes a poligamia seria inviável na manutenção de tal estrutura, o que nos permite afirmar que a maneira como sentimos o mundo e nos relacionamos uns com os outros é estruturada por meio de um suporte de coletivização que nos ultrapassa. O modelo de amor puro ainda pontua o Ocidente e alimenta o desejo de exclusividade. O ciúme é um sentimento complexo e natural que se manifesta como uma espécie de código de conduta, pregando uma função adaptativa nos vínculos afetivos remetendo ao papel de assegurar a estabilidade das relações, expressando o temor à infidelidade e a promiscuidade, podendo, ainda, representar cuidados, interesses e esmeros.

Especialistas afirmam que os ciúmes formam parte da nossa cultura desde os nossos antepassados, inclusive até hoje, marcam nossos processos mentais oriundos de tempos que a memória não alcança. O médico Dr. Boris Sokoloff apresenta em seu livro "*O ciúme*" (1954) um estudo do ponto de vista freudiano de uma série de casos que revelam a importância de tal sentimento. E afirma que "*A origem desta emoção pode ser encontrada no passado da humanidade, quando o homem era primitivo e selvagem. E, no entanto, a intensidade e a força do ciúme não diminuem com o progresso da civilização.*" (SOKOLOFF, 1954, p. 23) Desde a origem até sua definição os ciúmes são incertos, mas o certo é que se trata de um conceito formado por uma multiplicidade de estados psíquicos, indo desde a insegurança, ao mais profundo medo, passando pela ira, tristeza e a frustração.

---

<sup>3</sup> *Hipólito*: tragédia registrada por Eurípedes em 428 a.C

Quando o homem primitivo saía para caçar ele era encarregado de trazer alimento para a sua família e a esposa se preocupava com o cuidado que recebia deste, motivada pelo temor de perder o protetor-provedor. As comunidades agrícolas inicialmente se estabeleceram nômades, onde a propriedade nasceu e poderia ser legada, além da morte individual. *“Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos – literalmente – melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lhe ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele.”* (FREUD, 1930/2011, p. 43) A mulher pouco importava que outra coisa seu homem pudesse ter feito se ele cumprisse seus ofícios e retornasse ao lar, enquanto ao homem cabia a problemática de poder ter deixado a mulher muito tempo sozinha e aumentado o risco de ela engravidar de outro homem, o que comprometeria o seu ciclo de sobrevivência, pois os filhos deveriam cumprir as funções paternas de cultivar e perpetuar a descendência do progenitor. Esse exemplo demonstra dois tipos de ciúmes: os morais e os sexuais e representariam uma conduta arcaica demonstrativa que serviria de imposição de limites sobre os possíveis saqueadores podendo ser interpretada como um curto circuito para impedir a infidelidade e a espúria filial. Destarte, *“Nossa natureza nos faz competitivo, agressivo e predador, entre outras propriedades, de modo que sempre agiremos sob a influência desses impulsos.”* (GIKOVATE, 1998, p. 104) Sendo assim, a vingança proveniente dos ciúmes surgiria do elemento obscuro das paixões humanas mediante uma injúria justificando um possível acerto de contas. Isso é reforçado pelo fato de que *“O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver. Ainda antes, em sua pré-história antropológica, ele havia adotado o hábito de construir famílias; os membros da família foram provavelmente os seus primeiros ajudantes.”* (FREUD, 1930/ 2011, p. 43) Essa interpretação aclararia em partes o ciúme dos homens primitivos dessas comunidades, nas quais as mulheres estariam culturalmente mais propensas aos ciúmes morais e os homens, supostamente, mais expostos aos ciúmes sexuais. Contudo, não nos diz quase nada do ciúme das sociedades complexas, uma vez que a incorporação das mulheres no mercado de trabalho e o advento do contraceptivo fizeram com que o público feminino também pudesse experimentar o sexo para além da “caverna” patriarcal dos contratos matrimoniais, tornando a exclusividade entre os casais um luxo ainda maior.

Não é prudente pensarmos que todos os ingredientes possessivos que nos caracterizam estejam apenas relacionados com uma sociedade onde o tema da propriedade é fundamental. É muito provável que existam fortes elementos, prótopríos de nossa biologia, que nos impulsionam na direção da busca de exclusividade dos nossos relacionamentos afetivos. E mais, que tais elementos interagem em nossa subjetividade de uma forma complexa, se misturam com reflexões que derivam de vivências derivadas de nossa história pessoal e com o

modo como nos colocamos diante dos nossos pares, produzindo resultados típicos de cada cultura, de cada época e de cada mente. (GIKOVATE, 1998, p. 107)

A palavra ciúme é oriunda do grego *zêlos* ou latim *zêlosus*, zelo, “*sentimento que provoca dor, tristeza por se pretender exclusividade no amor de alguém; ciúme*”<sup>4</sup>. Tal sentimento alinhava nossos amores, nossas amizades, os relacionamentos com nossos irmãos, irmãs, pais, como também com as artes, a literatura, o cinema, ópera, mitos, etc. É, de fato, um afeto que verte questões sociais por um lado e psíquicas por outro, passível de análise por fazer parte do constante fio afetivo do drama humano, calcado no sentimento de exclusão, em que há no mínimo três personagens.

O ciúme considerado normal se manifesta como tristeza e dor pela pessoa, ideal, projeto, trabalho que se acredita perdido. Juntamente com esses sentimentos, há um sentimento de ofensa ao narcisismo do sujeito e, finalmente, sentimentos hostis contra a pessoa que se considera um rival, aquele que tirou ou ameaça tomar o que "possuímos". A pessoa ciumenta fica triste com o pensamento, que surge da suspeita, de não ter toda a atenção do ente querido. Essa tristeza tortura tanto que o ciumento vive em ansiedade perpétua, uma desconfiança que o impulsiona a observar o parceiro, buscando nas palavras, nas atitudes, nas ações, nas idas e vindas, tentando encontrar alguma justificativa para suas suspeitas, rapidamente conclui suas especulações na direção de suas apreensões. Daí a mentira e a ilusão se encaixam cada vez mais no pensamento do ciumento; e essa mentira consiste em uma falsa certeza que é construída a partir de sua imaginação.

---

<sup>4</sup> Dicionário brasileiro da língua portuguesa – *Michaelis* versão online.

## 1.2 EXTRATOS AFETIVOS DO CIÚME

O ciúme é um exemplo da dificuldade dos seres humanos estabelecerem um juízo valorativo objetivo frente aos afetos, uma vez que todo pensar desse campo se apoia na visão subjetiva, mais influenciada pelo sentimento que pela lógica. Apesar da desilusão da empresa “casamento”, muitos homens e mulheres permanecem sonhando com a possibilidade de uma cumplicidade sexual por toda a vida, ou pelo menos os ditos monogâmicos. A liquidez das relações está em alta e a infidelidade entre os pares amorosos continua tão frequente quanto dolorosa. Conseqüentemente, os ciúmes têm lugar em todas as épocas e culturas, sendo uma das principais causas de tensão nos casais, e é essencial concordar com as regras: quais são os momentos para proteger, quais são os limites da nossa privacidade e para a do outro?

Por vezes, uma mirada pode ser o ápice para alguns, enquanto, para outros, o simples fato de o parceiro possuir uma vida com situações individuais que o exclua pode ser o suficiente para que surjam fatores como potências detonantes de ciúmes, tais como a insegurança e o sentimento de traição, desprezo e abandono. *“Nas suas manifestações mais singelas, o ciúme tem importante correlação com a humilhação, com uma ferida na vaidade com a sensação de ser tratado com descaso e inferioridade, de ter sido preterido, trocado por alguém mais interessante.”* (GIKOVATE, 1998, p. 111) Além de qualquer opção teórica, o desejo de fusão e singularidade da fantasia da enunciação simultânea do “eu te amo” parece um caminho para o efeito de confusão e alegria que os recursos do desejo mobilizam.

A situação amorosa é vivida com uma instabilidade absoluta; os sentimentos poderão se alterar de uma hora para a outra. Essa é a razão pela qual aqueles que se amam gostam de ouvir várias vezes ao dia a expressão “eu te amo”. O “eu te amo” de ontem não vale para hoje. É tudo muito instável; tudo está por um fio.” (GIKOVATE, 1998, p. 126)

O amor e sua natureza têm sido desde a época dos gregos antigos, um dos pilares temáticos centrais da filosofia socrático-platônica, desde a concepção do amor como anseio animalesco que dita nosso comportamento a um fenômeno intensamente espiritual que, no seu nível mais alto, promete-nos tocar a divindade. Entretanto, nenhuma teoria interpessoal pôde alegar ter compreendido a totalidade deste afeto. O conceito dos ciúmes de origem grega possui inúmeras definições. Platão definia como aqueles estados psíquicos em que os homens se encontram sob a determinação do domínio das paixões, e numa etapa muito próxima da loucura encontram-se os ciúmes delirantes. *“Segue-se necessariamente que um apaixonado sente ciúmes dos bens que possam ter os seus amados e que, em contrapartida, sente uma*

*enorme satisfação com as suas penas e misérias*” (PLATÃO, 2011, p. 43) Apaixonados, podem realizar proezas e fazer grandes feitos, mas, paradoxalmente, tomado pelas paixões, também se pode mentir, trair ou até levar a desgraças e assassinatos.

As narrativas do amor explicam por que o ciúme é um sentimento sofrível: no horizonte da vida humana, em que a nostalgia daquele que fomos e nunca mais seremos remete à condição de insuficiência constante, proveniente da inexorável sensação de incompletude experimentada por todos humanos desde o rompimento do cordão umbilical. *“Nossos ‘amores adultos’ repetem todas as peculiaridades daquilo que vivemos e sentimos nos braços das nossas mães.”* (GIKOVATE, 1998, p. 124). O ciúme estabelecido no caráter do adulto é, em geral, uma reação remetente às experiências de pequenez e vulnerabilidade da infância. Isso explica sua universalidade e sua frequente irracionalidade. A natureza do ciúme possui algumas ramificações éticas e políticas, podendo gerar uma série de questões angustiantes, o que significa que para alguns é um sentimento desprendido de qualquer coisa real, e isto é tudo; para outros, é um meio pelo qual o eu e seu mundo – são irrevogavelmente afetados quando “tocados pelo ciúme”.

Possuindo trilhos fronteiros com o amor, independentemente de ligações sexuais ou meramente sentimentais, seja muito bem escondido dentro de nós ou em sua expressão mais violenta, o ciúme é capaz de causar sofrimento e perturbar relações amorosas. *“A grande maioria das pessoas considera o ciúme como um ingrediente indicativo da presença de forte sentimento amoroso. Gostam de reconhecer, quando não de provocar, o ciúme no parceiro, pois assim se certificam que estão sendo amadas.”* (GIKOVATE, 1998, p. 128) O amor está intrínseco ao desejo de exclusividade; de ser o mais importante para o outro, fazendo com que o ciúme seja um dos primeiros sentimentos existindo praticamente desde o momento do nascimento das criaturas e do estabelecimento de seu primeiro vínculo com a mãe, o ciúme primeiro é o de natureza sentimental no qual o indivíduo pode se sentir incomodado com a sensação de exclusão, mesmo não havendo vínculo de natureza erótica. *“Nossa mãe e nós somos uma coisa só. Ela, segundo nosso desejo, existe apenas para nos cuidar e acariciar. Ela nos é exclusiva, remédio para nossos males e fonte de todo tipo de prazer físico e emocional.”* (GIKOVATE, 1998, p. 117).

A relação de sujeição – mãe e filho – determina, em primeiro lugar, um particular vínculo, no qual a mãe exerce uma ação de apropriação da liberdade, da vontade, dos afetos e da vida do filho. A condição dessa sujeição determina que os filhos devam amar as cadeias que os atam, um poder capaz de regular nosso comportamento, mais além dos nossos desejos

inconscientes. Essa dominação não é (unicamente) uma condição psicológica e política, mas, sobretudo, existencial. Em cada pessoa, a intensidade do ciúme estará presente na proporção de seus sentimentos frustrados e reprimidos provenientes da insignificância e impotência intrínsecas da infância.

As manifestações do ciúme são extremamente diversas, tanto na forma de expressá-lo como na forma de experimentá-lo. É por isso que é difícil, se não impossível, dar uma definição exata, especialmente porque muitas vezes é confundido com inveja e ambas as emoções estão marcadas por impulsos destrutivos e o desejo de posse. Habitualmente, a inveja envolve dois personagens, nos quais a pessoa invejosa quer obter algo que pertença à outra pessoa e não suporta que ela possua. O objeto de inveja pode ser diverso: o parceiro de alguém, um bom relacionamento, alguma característica desejável, como beleza ou inteligência, posse, sucesso ou popularidade. Enquanto o ciúme, por outro lado, geralmente envolve três personagens e a pessoa afetada por tal sentimento reage ao que considera uma ameaça que um terceiro representa para um relacionamento que considera valioso, em alguns casos o terceiro existe somente na imaginação da pessoa ciumenta. O ciúme parte de uma tese na qual o ciumento busca confirmação: - *Sou traído, resta descobrir*. A fantasia e a realidade se misturam e o enciumado imagina que o seu valor está na outra pessoa optar por ele. É normal para uma criança ter medo ou até mesmo pânico de ser abandonada por quem ela ama, porém, existem adultos que preservam esse temor e não conseguem enxergar que diferentemente da criança é possível viver sem o par amoroso.

A origem do ciúme não tem apenas uma razão, porém uma delas tem a ver com a insegurança, e, sobretudo, com a baixa percepção de si mesmo. Nesses casos, se agrega provavelmente também uma ideia distorcida do que é o amor. *“Além do ciúme exagerado, a grande insegurança da autoestima rebaixada leva a um alto grau de dependência emocional da pessoa amada.”* (BALLONE, 2010, p. 49) A origem dessa dependência geralmente vem de uma infância, onde a criança não deve ter tido a sensação de se beneficiar de um amor incondicional de seus pais. Na vida adulta, portanto, pensará que, para ser amado, deve "zelar" a todo o momento, e, dificilmente se sentirá amado e confiante. Deve-se acrescentar, neste ponto, que o ciúme nas relações não é um evento ausente e que grande parcela das pessoas sente ciúme do parceiro em algum momento do relacionamento, embora existam aqueles sujeitos que o experimentam sob a forma de um mal-estar constante, apesar do fato de a outra pessoa não os provocar. Nesse caso, o ciúme parte da baixa autoestima, não das ações do parceiro. Este, conseqüentemente, sente-se incapaz de controlar a sensação de



inferioridade, pois se sente cada vez mais insegura; gerando cenas de ciúmes. Por causa de sua insegurança constante, precisará de provas recorrentes de amor e de fidelidade para acalmar sua ansiedade. Portanto, devido a se tratar de um problema do ciumento e não da relação, nenhuma justificativa o confortaria em sua posição e a situação provavelmente se tornará cada vez mais conflitante.

O que faz você ter ciúme? O ciúme em si não é raiz. Você ama uma mulher, você ama um homem. Você quer possuir essa pessoa só porque tem medo de que, amanhã, ela talvez possa ir embora com outra pessoa. O medo do amanhã destrói seu dia hoje, e esse é um círculo vicioso. (OSHO, 2005, p. 41)

Quando não possui correlação com os fatos agregado a uma intensidade excessiva, o ciúme também pode tornar-se mórbido. Transformando as suspeitas em certezas e o ciumento num investigador compulsivo, produzindo incertezas, não apenas nos pacientes, mas também nos analistas. Uma vez que as ideias expressas por essas pessoas parecem tão plausíveis e realistas que às vezes é muito difícil acompanhar as fronteiras da ilusão, pois estão diretamente associados a uma compreensão errônea da realidade, seja com base na deformação das impressões sensoriais ou num caráter puramente ilusório.

### 1.3 A QUEBRA DA CUMPLICIDADE E OS TORMENTOS DO CIÚME

Figura 2 - Os Amantes II. René Magritte. 1928 - Óleo sobre tela (54 cm x 73 cm)



<https://arteartistas.com.br/os-amantes-o-amor-na-visao-surrealista-de-rene-magritte/> Acesso em 21-12-2019

O vínculo de um “par” dá lugar a uma ampla gama de situações, que pode transmitir desde o mais agradável ao mais dramático do jogo da vida. No amor, somos guiados pela necessidade de estar com a única pessoa amada, cujas qualidades foram idealizadas até certo grau de perfeição estético e moral, que, quando visto no contexto de uma traição, toda a admiração pode se transformar drasticamente em ódio e no desejo de aniquilar essa mesma pessoa. Na passagem de uma situação a outra, a

“moral” tende a inclinar suspeitosamente a balança da justiça em favor do sujeito que se diz ferido por amar e não do que é amado e, supostamente, cometeu algum deslize. As palavras tradição e traição possuem a mesma raiz do latim: *tradeire* – entregar. Ao formar um vínculo emocional com outra pessoa dentro de uma relação íntima entregamos nossa confiança, compartilhamos nossos segredos, intimidades, vergonhas, debilidades e nossos sonhos. Em síntese, nos entregamos completamente. *“A cabeça diz: “Pense antes de saltar.” E o coração diz: “Salte antes de pensar” Esses dois caminhos são diametralmente opostos. Amar é saltar numa situação perigosamente viva, sem calcular nada de antemão”*. (OSHO, 1931-1990/2005, p. 34) Sempre cremos que o outro aplique em nós o mesmo investimento que depositamos na relação, pelo menos seguindo os mesmos códigos. Para além da perspectiva sociocultural a infidelidade é um ato que atinge diretamente os envolvidos, pois fere os valores e as expectativas que embasaram o construto da relação.

Persistente em todas as épocas e culturas e manifesto em todos os tipos de pares amorosos, as relações extraconjugais desnudam as estruturas e dinâmicas mais profundas e vulneráveis de um relacionamento amoroso. O médico psiquiatra e especialista de casais: Frank Pittman (1935 - 2012) acreditava que o termo “infidelidade” deveria ser reservado para uma relação sexual fora de um vínculo monogâmico ou seu equivalente.

De modo como eu a defino, a infidelidade é uma quebra de confiança, a traição de um relacionamento, o rompimento de um acordo. Há muitos tipos de infidelidade, mas aqui nós estamos falando a respeito de uma infidelidade sexual em um casamento ou relacionamento monogâmico, que é equivalente ao casamento. (PITTMAN, 1989, p. 4)

Contudo, “*a infidelidade não está tanto no sexo, mas na desonestidade e no segredo do ato.*” (PITTMAN, 1989, p. 2) A definição de infidelidade torna-se mais complexa, dia a dia, porque as formas de interagir com os outros mudaram demasiadamente. Receber elogios na página social de publicações, como *selfies*, ou travar conversas com estranhos em *chats* sem o parceiro ter conhecimento é infidelidade? Trocar fotos íntimas com outra pessoa através de aplicativos virtuais pode ser uma maneira de traição? O fato é que as formas de expressões e interações são outras e, portanto, o que constitui o que é ou não é infidelidade varia e está em discussão permanente, fazendo parte da temática sobre o que é traição. Será necessária a consumação sexual, ou formas de expressões eróticas e afetivas, trocadas remotamente através dos novos meios de interação virtual já poderiam ser consideradas como traição?

A infidelidade sempre constituiu uma incógnita na história das relações humanas. Entretanto, “*Alguns casais desenvolvem seu próprio conjunto de regras sobre o que é e o que não é infidelidade.*” (PITTMAN, 1989, p. 4) Logo, é muito difícil julgar um acordo afetivo feito entre duas pessoas no íntimo de seus momentos privados. Não há modelo que forneça critérios seguros para delimitar o que é fidelidade e o que seria o seu oposto. Uma vez que apenas os envolvidos na relação íntima e afetiva podem depor a respeito dos arranjos que demarcam cada pacto individual. Esse ponto é tanto mais relevante quanto se considere que os pactos contratuais de fidelidade desafiam os nossos instintos e diferenciam as relações humanas das relações entre os animais, impondo uma força de domínio calcada na moral, o que, por vezes, é rompida como um poder de força maior. Assim, “*Os seres humanos formam pares naturalmente e preservam essa parceria através do mecanismo do ciúme.*” (PITTMAN, 1989, p. 48) A infidelidade consiste na quebra de um acordo que funciona como um ideal conjunto, qualquer que seja o contrato estabelecido pelo casal; os ciúmes são a sensação dessa quebra, ou seja, a mesma dor de quem passou por uma experiência de traição real é sentida pelo ciumento independente de os fatos serem congruentes ou não.

A traição é uma das ações mais destrutivas nos pactos afetivos humanos, porque supõe uma falta grave que viola a lealdade acordada de pessoa a outra. Freud discrimina “*três fontes de onde vem nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na*

*sociedade.*” (FREUD, 1930/ 2011, p. 30) A infidelidade não somente causa dor, mas marca e provoca os mais diversos danos. *“A infidelidade pode não ser a pior coisa que um parceiro faça ao outro, mas pode ser a mais perturbadora e desorientadora, e, conseqüentemente, a mais capaz de destruir o casamento – não necessariamente por causa do sexo, mas por causa do segredo e das mentiras.”* (PITTMAN, 1989, p. 6) Quando um par rompe por causa da traição de uma das partes, o sofrimento se multiplica, não se tratando apenas da dor da ruptura, mas, sobretudo, dos transbordantes sentimentos que acompanham a angústia de ter vivido um processo de desamor.

Quem foi deixado tem um tipo de sentimento, e quem deixou tem outro. A frustração inicial de quem foi deixado é tão forte e traumática que parece não sobrar espaço para o ciúme típico e normal. Por algum tempo as emoções e os sentimentos entorpecem e sufocam totalmente a razão. (BALLONE, 2010, p. 33)

A convicção de ter sido desconsiderado no pacto da cumplicidade traz uma gama de sentimentos, prejuízo grave para a psique humana, podendo desencadear dúvidas acompanhadas de dificuldades em retomar a confiança no futuro amoroso. *“A pessoa que tenha sofrido uma traição, por exemplo, pode desenvolver crenças que a tornam ciumenta, desconfiada ou com descrença total nos homens ou nas mulheres.”* (BALLONE, 2010, p. 30) O ciúme é uma emoção dolorosa, desagradável e intensa, um ardor que surge quando sentimos que perdemos nosso objeto amado para um rival. *“Nos casos concretos de traição ou de iniciativa para separação, a pessoa ferida não tem mais medo, não tem mais suspeita de perder a condição especial. De fato, ela sabe que já não é mais importante para a pessoa amada.”* (BALLONE, 2010, p. 33) Diante de uma traição concreta, geralmente a resposta imediata é a perda da confiança na pessoa que traiu, além de sentimentos de vergonha e humilhação aliados a uma profunda dor, resultando muito difícil a recuperação da confiança em si e no outro.

Tanto o amor quanto o ódio podem desconhecer os limites e as necessidades alheias. Respeitar os limites e sentimentos próprios do nosso par estimado é, sem embargo, o elemento imprescindível para o equilíbrio de qualquer relação. Este esquema, tão simples de enunciar, é muito difícil de delimitar, por conta do predomínio de nossa natureza humana no narcisismo infantil, arrogante e prepotente. *“No auge do enamoramento, a fronteira entre Eu e objeto ameaça desaparecer. Contrariando o testemunho dos sentidos, o enamorado afirma que Eu e tu são um, e está preparado para agir como se assim fosse.”*(FREUD, 1930/2011 p. 09) O amante pretende o amor incondicional do amado, competência inevitável que ao passo

do tempo aprofunda as dificuldades provocadas pela resistência do objeto amado, o qual nem sempre deseja o mesmo.

Indubitavelmente, a paixão mútua constitui um paradigma de felicidade universal. O que é esperado é que nunca se tome consciência daquela desmesura das pretensões, que equivalem a exigir que o outro esteja sempre à disposição do sujeito. A infidelidade produz, em primeiro lugar, na pessoa traída, ira e raiva, e a primeira reação possui grandes indícios de ser uma resposta agressiva. Depois da ira, podem surgir rancor, ódio ou sentimentos de vingança. Ao mesmo tempo, provoca uma grande perda da autoestima, humilhação e sentimento de impotência no traído, o qual pode levar a uma conseqüente depressão. Aqui nos interessa outro aspecto da questão: todos os prejuízos da experiência de infidelidade estão presentes nos que sofrem de ciúme, independentemente de nunca ter havido traição.

O ciumento sofre pela ficção do que pode passar, e não necessariamente por conta da realidade. Sentir dor por imaginar que o par pode ser feliz com um terceiro. *“Será que a intensidade do ciúme é uma medida da “veracidade” do “amor”, como tantas pessoas pensam? O ciúme intenso, na ausência de desonestidade ou infidelidade real, pode indicar todo tipo de coisas, mas o amor está bem no final da lista.”* (PITTMAN, 1989, p. 49) O ciúme manifestado por suposições infundadas gera angústia e por trás de tudo está o medo do rechaço e abandono, paradoxalmente pode ser um convite à infidelidade, pois muitas vezes a manifestação dos ciúmes dá força e poder ao parceiro para dar cabo a fantasias ocultas e até então adormecidas na imaginação. Outras vezes, gera a oportunidade para confrontar o pacto entre os casais positivamente quando analisado racionalmente a partir do marco do compromisso. O amor é uma vinculação diária e floresce com a verdadeira liberdade. *“O ciúme provavelmente contém um elemento de dependência e medo de abandono. Ele pode ser o equivalente adulto dos medos de ser abandonado pelos pais que todos nós experienciamos quando éramos bebês.”* (PITTMAN, 1989, p. 49) O ciúme é um maestro que está dentro de todos e o importante das emoções e pensamentos é o que fazemos ao senti-los, uma vez que podem se manifestar contra nós.

Por exemplo, *“Sim, meu marido me engana”*, crê a mulher com ciúmes, porque com ela, ele não tem a mesma gentileza que com esta ou aquela outra senhora. *“Sim, minha esposa me engana”*, pensa um marido ciumento, porque acredita que ela ama demais as amigas, gosta de sair demais de casa. Diante deste ou daquele cavalheiro, ela parece seduzida; seus olhos ficam brilhantes, enquanto há muito tempo ela não o olha mais assim. *“Certamente ela é infiel para mim”*, ele suspira. Na realidade, quando há ciúmes, não pode haver tristeza

apenas na pessoa ciumenta, mas também na vítima de ciúmes. E assim o ciúme gera no outro a tristeza com que se alimenta.

A monogamia parece ter se transformado numa imposição, não mais um acordo, como uma tentativa desesperada de evitar traições e ciúmes, mas a monogamia nunca foi remédio para os ciúmes, tampouco impedimento de traições. Cada vez existem mais relações abertas na sociedade, por exemplo, as conhecidas “poliamor”. Todavia, não se fala delas, porque a sociedade condena, rechaça e reprime. Esse ponto de partida nos leva a negar o natural desejo que os outros são capazes de nos causar. *“Fantasias privadas são necessárias para um funcionamento sexual e emocional normal, e elas não precisam ser compartilhadas.”* (PITTMAN, 1989, p. 54) Desejar outro ser humano é um sintoma de que estamos vivos, o que passa é que numa sociedade descritivamente cínica e hipócrita todos somos cúmplices da infidelidade. Porém, *“A fantasia não é uma ameaça ao relacionamento, mas a preocupação da pessoa ciumenta com os pensamentos particulares do outro.”* (PITTMAN, 1989, p. 54) Uma vez que, a infidelidade tem a ver com violar um pacto, dependendo dos acordos que os casais estabelecem nos confins da relação.

A infidelidade sempre é um feito muito difícil, doloroso e traumático, lastima e precisa de tempo e ações para reconstruir os ladrilhos da confiança. *“Os problemas inerentes à infidelidade são (a) culpa e (b) ciúme. Se a culpa e o ciúme puderem ser superados, a infidelidade deixará de ser um problema. Infelizmente, a culpa e o ciúme raramente são superados durante o período de uma vida.”* (PITTMAN, 1989, p. 7) Se analisarmos o que geralmente motiva a deslealdade, veremos que, em quase todos os casos, consta uma desmesurada ambição do traidor que exclui o traído de todos os modos de seus interesses. *“O drama da infidelidade tem sempre pelo menos três participantes – o traidor, o que é traído e o parceiro do caso.”* (PITTMAN, 1989, p.6) O infiel teve um desejo por um terceiro ou situação que superou o valor da relação e do parceiro no momento de sua atitude. Logo, a traição deve ser assumida pela vítima como um movimento do outro, do qual estamos isentos de qualquer responsabilidade. *“Sejam quais forem os problemas no casamento antes de uma crise de infidelidade, os problemas depois do caso são bastante diferentes e bem mais sérios.”* (PITTMAN, 1989, p.29) Não é uma carga que devemos agregar a dor da perda do par nem da ruptura da relação. O traído sempre se vê confuso e incapaz de discernimento após a descoberta do engano. Todavia, não há nada que a vítima possa fazer, exceto ocupar-se de avançar a vida e esquecer aquele que causou tanto dano. Tarefa nada fácil para alguém que se encontra moral e psicologicamente degradado.

#### 1.4 CIÚME: O SIGNO DE UMA FERIDA PROFUNDA

As relações são formadas por um conjunto de condutas, desejos, sofrimentos, fantasias, necessidades, crenças, vínculos, entre outros. Todas as relações que estabelecemos representam forças vivas suprimidas na consciência, que condicionam nossa vida, nosso

Figura 3 - [ABANDONO]sem título, GOELDI, Osvaldo 1937, assinada xilogravura a cores, sem numeração 17,3 x 21,8 cm



[http://centrovirtualxilogravuras.com/paginas.aspx?Menu=obras\\_interior&opcao=F&IDItem=261](http://centrovirtualxilogravuras.com/paginas.aspx?Menu=obras_interior&opcao=F&IDItem=261) Acesso em 21-12-2019

destino e nossas experiências. Existem aqueles que não estão em condições psicológicas para iniciar um relacionamento saudável ou mesmo para findá-lo de modo sensato, pois é fundamental uma cota de maturidade necessária para ter respeito pela vontade do outro e tentar ser feliz apesar do que ele não pode ou não quer dar, porque, em resumo, o relacionamento amoroso tem a ver com ser capaz de discriminar o que o outro tem a dar, do que ele não tem.

Como na famosa máxima de Jacques

Lacan: *“Amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer.”* E o que é mais importante: talvez o outro tenha, mas não queira dar, e é seu direito. Logo, *“Para pessoas que dizem não ter feito nada que justificasse a separação da qual foram vítimas, é bom lembrar que nem sempre só as más atitudes resultam em desarmonias e descontentamentos conjugais; as não atitudes também.”* (BALLONE, 2010, p. 35) Quando algum dos pares não respeita essa dinâmica, o relacionamento torna-se patológico. Por quê? Porque uma das partes vai olhar de qualquer maneira para o que não recebe e vai atormentar o outro; vai colocar pressão sobre a relação e isso fará com que seu parceiro se sinta mal, questionado e exigido incessantemente.

Na realidade, os ciúmes não estão necessariamente fundamentados em uma ação, mas em um juízo interior. O ciumento compulsivo tende a enxergar sinais de ameaças em todas as partes. *“Quase invariavelmente esses ciumentos exagerados possuem baixa autoestima, à qual leva a crença de que, muito provavelmente, virão a sofrer traição, sabe-se lá quando.”* (BALLONE, 2010, p. 56) Problemas de autoestima é frequentemente a primeira causa levantada por estudiosos sobre o assunto. O sujeito ciumento é muitas vezes insaciável

quando se trata de encontrar algo para confirmar seus medos (ilusórios ou não) e é difícil convencê-lo do contrário. A baixa autoestima causa medo de ser insuficiente para o parceiro e ser facilmente substituível por outras pessoas que (no pensamento ciumento) provavelmente sejam melhores “*a grama dos vizinhos é mais verde*”. Traz a sensação de ser incapaz de manter o parceiro se ocorrer uma concorrência ou ameaça.

O ciumento busca uma confirmação a partir da interpretação de uma situação distorcida, contendo a trindade edipiana em que está o ciumento, seu objeto, e um intruso. Todos os enciumados reportam um grupo de emoções que possuem outros nomes: raiva, sede de vingança, tristeza, impotência, desespero, ansiedade, frustração, etc. “*Há uma intensa participação de todo o organismo no ciúme em geral e, em particular, durante uma crise aguda de ciúme, tal como ocorre durante os episódios de estresse agudo.*” (BALLONE, 2010, p. 41) Mais que um estado emocional, o ciúme é uma concepção intelectual, um término que usamos para definir os abalos que estamos sentindo proveniente de traições, enganos ou suspeitas d’outrora, em que o núcleo e a base são o temor de ser enganado, podendo aparecer injustificadamente como uma desordem que se manifesta por meio de conflitos pessoais que podem nos fazer atuar através de suspeitas infundadas.

Vamos começar lembrando um fato: é perfeitamente normal e até salutar ficar com ciúmes. É parte da natureza que todos os seres humanos sejam desejados e aspirantes, efetivamente o casal deve construir seu afeto e seu vínculo em função da decisão presente de um estar com o outro. Ninguém nunca poderá se mirar vazio, sem outros que reflitam as experiências e a imagem corporal ou psíquica. Os espelhos distorcem, enquanto as relações mostram algo de nós que não podemos ver. O amor é um sentimento exclusivo, e uma pessoa normalmente terá problemas em saber que esse amor é compartilhado com outra pessoa, mas, por outro lado, há um ciúme mais insidioso, quase doentio. É ciúme mórbido ou suspeito, essa forma de ciúme geralmente leva a assédio e suspeita “*A pessoa ciumenta crê que a pessoa amada tem admiração pelas qualidades encontradas em outras pessoas e não nelas mesmas.*” (BALLONE, 2010, p. 46) Talvez o ciumento se pegue cavando nos bolsos, rastreando ou perdendo os nervos quando seu parceiro é cortês e educado com alguém que pareça um potencial rival.

Se todos concordam que o ciúme é um sentimento muito pernicioso, muitas pessoas não reconhecem que se sente assim, geralmente, não se elogia o ciúme. De fato, o nível desmedido de ciúme deixa qualquer um infeliz e impede o desenvolvimento normal do relacionamento. Muitas vezes, a pessoa que sofre se retira da relação, cansada de viver sob a



influência de atitudes maníacas. O ciúme doentio pode causar úlceras, doenças cardíacas, entre tantos outros sintomas psicossomáticos que priva o indivíduo da alegria de viver. *“Há um forte sofrimento global – emocional e orgânico – produzido pelo sentimento de ciúme. Essas reações podem repercutir em todos os órgãos e sistemas, por exemplo no sistema cardiocirculatório, endócrino, respiratório e assim por diante.”* (BALLONE, 2010, p. 41) Às vezes, também, a pessoa ciumenta redobra seus truques para enganar o parceiro, e seu mundo desmorona quando o outro se descobre explicando cada sinal de ciúme, em seguida, mergulhando em uma engrenagem tóxica sem fim.

Além disso, todo mundo tem direito a privacidade. *“Não são raros os momentos em que a pessoa ciumenta submete a outra a sessões de interrogatórios humilhantes e estressantes. Logo em seguida se arrepende e pede perdão.”* (BALLONE, 2010, p. 39) Nesse caso, o ciúme é um forte senso de preocupação com o apego do outro e também é um sentimento de desejo que o outro lhe pertença. Assim, *“É comum as vítimas ocultarem os ciumentos por constrangimento de não conseguirem responder à mais elementar pergunta que certamente ouvirão: “Por que ainda estão juntos?”* (BALLONE, 2010, p. 23) Muitos, por exemplo, dirão que o ciúme moderado é uma prova do amor, apego e valor que você traz ao seu parceiro. Todavia, é difícil aclarar o termo, porque a definição depende do contexto. *“Quando ele é francamente doentio é mais fácil identificá-lo, e qualquer pessoa percebe que se trata de uma atitude bizarra, mas entre os casos totalmente patológicos e aqueles mais ou menos anormais a questão torna-se mais complicada.”* (BALLONE, 2010, p. 14) Para alguns, o ciúme seria uma expressão de amor e, para outros, seria prejudicial para o casal.

A forma mais conflituosa de ciúme é, provavelmente, aquela que é dirigida a pessoas que, simultaneamente, se amam - como a de pares afetivos. É esse tipo de ciúme que tende a submergir com maior vigor no Inconsciente, porque ameaça destruir exatamente o que mais valorizamos: nossos sentimentos amorosos. Independentemente da confirmação de que não há rivalidade ou perigo, ele pode ser tomado como uma forma de ausência de confiança. Em seu grau excessivo, o ciúme cria uma situação paradoxal no par amoroso, pois, enquanto o outro está no centro dos pensamentos e preocupações do ciumento, as ações destinadas a mantê-lo e proteger a relação são negligenciadas e distancia ambos do cultivo sadio do relacionamento.

O ciúme sugere a competição que é despertada ao sentir que pode ser traído pelo parceiro afetivo ou por pessoas estimadas. O estado emocional da pessoa enganada é tão marcado pela humilhação, pela dor, pela ansiedade, pela ferida narcísica e pela frustração que torna a pessoa em questão particularmente hostil à outra, que diga o rival.

O afastamento da realidade, do bom senso e da razão o corre porque o ser humano costuma ser mais servo do que senhor de suas emoções. Em função disso, os pensamentos ou imagens irracionais de ciúme são involuntários surgem de forma automática e emancipada da própria vontade consciente. (BALLONE, 2010, p. 96)

Essa é a forma de ciúme mais comum, que pode ser "digerido" por um processo de luto até que um equilíbrio psicológico se estabeleça. Quando possível, é equivalente ao equilíbrio mental. Certamente, isso requer aceitação (e talvez uma referência ao perdão), é impossível para alguns por causa da atenção negativa da pessoa que se torna um rival, pois tal pessoa era amada e era com ela que existia uma fusão. O sucesso de uma terapia requer franqueza, confissão, o reconhecimento de não saber discernir as questões certas, adotar as atitudes adequadas antes e depois do relacionamento, para que se possa reconstruir uma base sólida, para uma recuperação futura, devendo passar pela reelaboração, maturação e assimilação do episódio doloroso.

O ciumento teme que o sentimento de seu objeto de amor por ele diminua em favor de outro, sendo um estado muito emocional que pode levar à agressão e à violência. *“Os sofrimentos causados pelo ciúme passam também por brigas, agressões físicas, chantagens, pressões, separações, avalanches de palavras, indevidas e cruel destruição moral do outro.”* (BALLONE, 2010, p. 42) O indivíduo que desenvolve o sentimento ciumento em grau desmedido se torna um agente investigador à procura de evidências da infidelidade de qualquer pessoa que estabelece vínculo, observa cada palavra e gesto do outro, fica cada vez mais curioso sobre as atividades de seu par.

Sabendo da estranheza de suas atitudes, a pessoa ciumenta passa a agir sob o disfarce de atitudes aparentemente meritosas, com um cuidado extremo com o outro, excesso de generosidade, zelo para com a moral e os bons costumes e coisas assim. Esse aparato todo não é uma postura generosa nem autêntica da pessoa ciumenta, mas uma tentativa de prender o outro com modos falsamente generosos e gentis. Ela acaba encarcerando seu par com um cruel exercício de poder, dissimulado sob a capa da conduta irreprimível. (BALLONE, 2010, p. 43)

O ciúme é causado pelo medo de perder a cumplicidade instalada com um ente querido. Invade sua vida cotidiana, é um sentimento obsessivo e todos envolvidos sofrem. O corpo sente os mesmos sintomas e os nervos se juntam aos pensamentos orquestrando a angústia. Muitas vezes, é a marca de um forte sentimento de insegurança. *“O ciúme, em essência, representa uma desvalorização de si mesmo, uma baixa autoestima capaz de fazer com que a pessoa ciumenta busque obsessivamente indícios que confirmem suas falsas crenças de que ela não é amada e valorizada o suficiente.”* (BALLONE, 2010, p. 43) Quando se torna cada vez mais intenso, o ciúme manifesta uma crescente falta de autoconfiança em si,

mas também do outro. O ciúme, como já foi dito, tem muito mais a ver com a percepção interna de inferioridade do que com a situação objetiva.

Se apresenta como um sentimento poderoso que pode se tornar incontrolável ao ponto de estragar a vida dos casais. Tudo começa quando queremos que o outro nos preencha, preencha nosso vazio com sua presença ou afeto, acalme nossas ansiedades com seu desejo sempre vivo e renovado. É a fusão de amor como se sonha o imaginário midiático. Uma aspiração que combina sexualidade e sentimento ardente; é o retorno, na forma adulta, da imagem paradisíaca do bebê que é amamentado e reina supremo nos braços e no coração de sua mãe... Sem ter que compartilhar! É aí que está a questão. Porque essa situação de fruição sem fim é um ideal impossível. Passados os momentos de prazer, a ansiedade e a falta retornam. Na vida adulta ansiará vigiar os passos do outro na busca inconsciente de conseguir controlar o que se passa dentro de si. As maneiras pelas quais reagimos às aflições do ciúme dependem da intensidade e do repertório de defesas psicológicas à nossa disposição.

## 1.5 GRITOS E SUSSURROS DO CIÚME

Figura 4 - O Beijo, de KLIMT, Gustav 1907-1908



<https://www.culturagenial.com/quadro-o-beijo-klimt/> Acesso em 11-05-2020

Quem nunca ficou com ciúmes? O ciúme nos acompanha desde que começamos a conhecer o mundo ao nosso redor e estabelecemos os primeiros contatos com aqueles que se ocupam de nossos cuidados. Tudo começa quando ficamos frustrados com a dedicação que nossos cuidadores ofertam a qualquer outra coisa ou pessoa que nos faça considerarmos como um gesto superior ao que recebemos. Podemos sentir ciúmes de irmãos, amigos, colegas ou parentes. No entanto, é uma das emoções mais presentes nos relacionamentos amorosos, nos quais gradualmente pode criar um desconforto psicológico e social em ambos os membros, o que pode levar facilmente a agressões físicas ou abusos psicológicos.

O tecido social é maestro de pautas e modelos de condutas, não faz falta que digamos se são boas ou más condutas, uma vez que pode se tornar uma fonte de impedimento e cerceamento da ação do outro, pois é capaz de causar danos muitas vezes irreparáveis, em muitos casos, ainda que possa se exprimir de maneira explícita e direta, carrega constantemente um quanto de representações sociais ou imaginárias nas quais sempre há diversos níveis de desigualdade estabelecida nas relações representadas em função de algo que é da ordem da linguagem, da fala, ou seja, do discurso.

Percebe-se, então, que a misoginia é um mecanismo cultural e excludente que abarca desde a linguagem, as representações audiovisuais, a literatura, a filosofia e incluso a religião. Não é um fenômeno atual, encontram-se exemplos desde os primeiros textos literários da história ocidental. Hesíodo<sup>5</sup>, por exemplo, nos fala da maldição de Afrodite, que continua nas tragédias gregas as quais registram patentes e descaradas declarações misóginas (consultar Eurípedes e sua *Medéia*), Aristóteles argumentando com presunções pseudomédicas definiu a mulher como macho estéril. Freud em suas especulações sobre masoquismo colocava a mulher do ponto de vista anatômico em uma posição passiva em relação ao homem. Os

<sup>5</sup> Teogonia – Θεογονία (cantos: 154-210)

exemplos são vastos e seguem amplamente. O fato é que, mesmo com as conquistas femininas, as novas gerações, majoritariamente, associam violência sexista a lesões e não consideram negativo o ciúme e a posse.

No cenário capitalista, cuja essência é ter: “*minha casa*”, “*meu carro*”, “*meus filhos*”, “*minha esposa*”, “*meu marido*”. Essas expressões típicas da sociedade contemporânea cifradas em mostrar como o modelo de casal/família é permeado pelo conceito de posse e significa que nosso modo de pensar contém possessão implícita. Isso se reflete na maneira de conceber amor e ser um casal: cada pessoa pensa que é dona de seu parceiro e está disposta a agir a partir disso. Provavelmente as pessoas que tendem a ter baixa autoestima e dependência emocional estarão mais suscetíveis a essa necessidade de posse, sempre aterrorizadas com o fato de um dia poderem ser deixadas.

Existem três tipos de ciúme não normal: exagerado, obsessivo e patológico. Nesses casos, já não se trata de sentimentos banais, caprichosos ou voluntários. O ciúme não normal faz parte do grupo de emoções e sentimentos que fazem sofrer, que fogem ao controle e são capazes de escravizar tanto o ciumento quanto o objeto de ciúme. (BALLONE, 2010, p. 22)

O limite entre o ciúme normal e o patológico não é estabelecido. Todavia, estes últimos são definidos como um distúrbio caracterizado por uma preocupação excessiva e irracional com a possibilidade de uma infidelidade, que altera emocionalmente o sujeito, levando-o à conduta de verificação para controlar seu parceiro. A principal diferença entre os níveis de ciúme seria a reação à ameaça. À medida que ocorre, a vítima não tem consciência de que o que está vivendo são situações de abuso psicológico: o ciumento considera que ele tem controle absoluto sobre o parceiro.

Ações como controlar mensagens em telefones móveis, monitorar redes sociais, exigir fotografias em um determinado momento ou gritar durante uma discussão não disparam seus alarmes. Enquanto não houver pratos voando, portas quebradas ou hematomas no corpo, sempre haverá uma sensação de dramatização ou exagero da vítima. “*Geralmente as mulheres, principais vítimas das graves agressões por ciúme não normal, ajudam a esconder os ciumentos. São vítimas e cúmplices ao mesmo tempo.*” (BALLONE, 2010, p. 23) E, antes de tudo, esclareçamos que não excluimos o fato de que haja mulheres ciumentas e violentas, ao contrário, claro que existem. No entanto, a diferença está nas estatísticas. Quantas mulheres são mortas por seus parceiros ou ex-parceiros? E quantos homens? Agora começamos a entender um e outro...

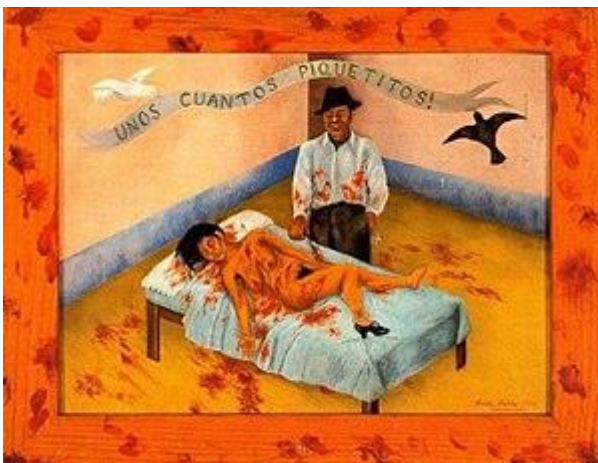
“Na cidade de São Paulo, 29% das mulheres pesquisadas por Lilia Blima Schraiber e Ana Flávia Pires Lucas d’Oliveira já sofreram algum tipo de violência física ou sexual de parceiro ou ex-parceiro. De fato, a maioria dos agressores são homens (67,4%), cônjuge ou ex-cônjuge da vítima. Não há trabalhos explícitos sobre incidência de patologias psiquiátricas nos agressores domésticos; entretanto, considera-se válido que os agressores se dividem entre portadores de transtorno de personalidade, como os tipos explosivo e antissocial, dependentes químicos, alcoolistas e portadores de transtorno delirante persistente, principalmente dos tipos paranoia e ciúme patológico.” (BALLONE, 2010, p. 24)

O mais surpreendente não é o fato de que haja dominação – de uma pessoa para outra, de um sexo para o outro, de uma classe para outra – mas sim a assimilação e aceitação voluntária por parte dos dominados, os quais, no entanto, somente alinham e corroboram com o sofrimento, a pobreza, ou humilhação, uma vez que a maioria das formas de dominação resulta de constrangimento, força fria ou bruta.

O “poder” corresponde a habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em unísono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. (ARENDDT, 1969-1970/ 2004, p. 27)

Tal questão é tão antiga quanto o surgimento do mundo. As pessoas não são objetos que podem ser comprados, moldados, enclausurados, quebrados ou degradados... Sumariamente, a violência contra a mulher também é o uso que se impõe dos poderes públicos com intuito de cercear as posições subjetivas dos sujeitos induzindo-os a subjugar as “escolhas” uns dos outros, mantendo papéis sociais predeterminados pelo sistema de dominação.

Figura 5 - Unos Cuantos Piquetitos - KAHLO, Frida  
México, 1935



<https://historia-arte.com/obras/unos-cuantos-piquetitos>

Acesso em 20-03-2020

<sup>6</sup> *Umaz picadinhas de nada* (tradução nossa)

A propósito do escárnio e minimização da conduta misógina e violência contra mulheres. Em 1935, Frida Kahlo denuncia através de sua arte uma notícia periodista que relatava de forma medíocre e sensacionalista um terrível assassinato machista que deu cabo da vida de uma mulher. O assassino declarou diante do juiz que apenas havia sido “*Unos Cuantos Piquetitos*”<sup>6</sup> referindo-se às punhaladas que

ceifou a vida de sua companheira, segundo a polícia, foram vinte facadas. Como forma de protesto, Frida representou em sua pintura o assassino em cena e as marcas de sangue para além da tela, incluindo o aro da moldura. O que parece ainda pior é que muitos desses assassinatos e perpetrções de violência também são descritos como romances autênticos, nos quais ocorre um crime apaixonado do estilo "*o ex-marido, movido pelo ciúme, assassinou sua ex-esposa e seu amante*", como se tentasse dar sentido ou justificação para o fato de que o ciúme é uma coisa "normal" que pode desencadear o desejo de querer matar seu parceiro.

As pessoas que são deixadas, por traição ou não, demoram a se adaptar e geralmente não se conformam nunca. Costumam ficar revendo sistematicamente o passado em busca de onde foi que erraram, do que poderia ter sido feito e não foi. Algumas se dizem perplexas, alegam terem sido pegas de surpresa pois acreditavam que estava tudo muito bem, que não havia motivos para separação ou traição, que não mereciam essa situação. (BALLONE, 2010, p. 34)

Finalmente, a sociedade está tornando a violência de gênero uma questão pública, um tópico que preocupa toda a sociedade e cuja solução deve ser interesse de todos; condenando-a, denunciando-a e procurando maneiras de combatê-la. Mas, há uma área que continua sendo privada: os sentimentos que a geram. E um deles é certamente o ciúme. Muitas vezes a vítima é subestimada porque o dano não é "visível", porém o abuso emocional pode afetar a autoestima e a autoconfiança das pessoas que são expostas a tal violência. Para muitos, é o aspecto mais doloroso do relacionamento. "*O universo psíquico humano sempre se valeu do autoengano como alívio dos grandes conflitos e complexos. Nessas situações de separação também se recorre ao autoengano, na maioria das vezes inconscientemente.*" (BALLONE, 2010, p. 35) Além disso, as vítimas tenderiam a idealizar o relacionamento romântico e a interpretar o comportamento violento do parceiro como prova de amor. Uma grande porcentagem desses atos de violência se inspira no ciúme. Os exemplos são inúmeros e muitos deles são bizarros, como podemos ver no noticiário midiático de diferentes países do mundo.

O imaginário coletivo classifica o ciúme do amor como uma parte congênita do amor. Além disso, é admitido na sociedade como algo válido. Portanto, se uma pessoa está com ciúme, conseqüentemente ama e deseja que o objeto de seu amor lhe pertença, e qualquer situação ou pessoa que ponha em risco esse sentimento de posse ameaça seu ser. Nós crescemos aceitando isso como verdade. Legalizamos o ciúme amoroso diante de nós mesmos, dos outros e de nossos filhos. Obviamente, ciúme, assim como inveja, são sentimentos humanos, mas o que fazemos com eles e como lidamos ao sentir é uma questão cultural, mas não somente. "*As ideias prevalentes de ciúme ou outro tema qualquer*

*dependem de vários fatores, entre eles a propensão da personalidade, o grau de comprometimento da autoestima, experiências traumáticas anteriores, ou associação de vários fatores.*” (BALLONE, 2010, p. 57) O ciúme sofre de má reputação. Quem admite ser ciumento é olhado, por vezes, com uma mistura de piedade e preocupação, pois tende a começar com poderes assustadores: inveja, posse, impulso de vingança. Lembremos que é *Otelo* que estrangula *Desdêmona* e depois se mata, foi *Abel* assassinado por seu irmão *Caim* – o primeiro homicídio da Bíblia – por uma história sombria de uma oferta destacada por Deus, é *Medéia* quem esfaqueia seus próprios filhos para punir *Jason* – o infiel. De qualquer forma, a afronta pode ser tal que pode levar ao assassinato. Nesses casos o ciumento quer a morte de alguém ou algo nele. No entanto, a imagem cultural do ciúme permanece intimamente ligada ao amor. E assim reproduzimos tal crença. Embora ocorra em qualquer relacionamento, é no casal que o ciúme desdobra seus efeitos mais amplamente e é nesse campo que elegemos para nos ater.

Evidentemente não podemos erradicar o ciúme da experiência humana, mas devemos entendê-lo, dar-lhe um lugar de atenção especial na cultura das gerações futuras, criar e ensinar maneiras de compreendê-lo, para que não se torne a doença que potencialmente pode desenvolver. O ciúme é uma máquina mental que concatena suposições por si só e é capaz de levar um ser humano a construir os cenários mais dramáticos, aos quais seus sentimentos violentos parecem justificados. O ciúme é amplamente complexo para ser abarcado de maneira considerável numa pesquisa tão curta quanto a realizada num mestrado. Todavia, pretendemos propor a humanização do ciúme e dos sujeitos acometidos por ele. De fato, qualquer tratamento psíquico-psicológico destinado a ajudar as pessoas com ciúme concentrará seus esforços em aprender a lidar com o que sente, pois destituí-lo não é uma opção.



## 1.6 CIÚMES VIRIS: PILARES ENRAIZADOS DE PODER?

Lançado em 1998, *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu, analisa a problemática das relações entre homens e mulheres à luz do seu arsenal teórico apoiando as suas reflexões no conceito de “dominação simbólica”. A obra demonstra a permanência, no inconsciente coletivo de homens e mulheres de hoje, perpetuando a ótica centrada na dominação do mundo falocêntrico, pautado na reflexão sociológica de que o “corpo social” é profundamente desigual e reserva à mulher um perpétuo estado de submissão por meio da violência ideológica velada. Tal conceito causou, de imediato, uma série de protestos e controvérsias pela parte de uma camada dos intelectuais e críticos feministas que levantavam a bandeira de que a violência física estaria no cerne absoluto do fundamento controlador e opressor da figura feminina desde a instauração dos pilares patriarcais. Esse domínio pode assumir várias formas, algumas das quais são mais traiçoeiras e, às vezes, tem consequências dramáticas, regendo os sentimentos e as relações dos sujeitos abertamente.

Pode haver algo lisonjeiro no ciúme: é bom saber que alguém está loucamente apaixonado por nós. No entanto, pode-se ser louco por alguém sem ser excessivamente ciumento. O comportamento possessivo de seu par relata que ele não o ama como um ser humano livre, mas sim como uma propriedade exclusiva que precisa estar sobre total controle. Nesse cenário, *“o amor é dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz”* (GIKOVATE, 1998, p. 68)

Nos estágios iniciais do relacionamento, homens predispostos ao ciúme e à violência geralmente são demasiados gentis. Aparentam frequentemente serem pessoas apaixonadas, inclinados a cobrir seus pares com presentes e atordoá-los com grandes gestos românticos. No entanto, eventualmente, a lua de mel termina e os primeiros comportamentos alarmantes aparecem gradualmente. Um tanto tardio, pois todo apaixonado *“entrega livremente sua liberdade a um dono que lhe entrega igualmente a sua, coincidindo com ele em um ato de livre alienação indefinidamente afirmado (através da repetição, sem redundâncias, do “eu te amo”)*” (GIKOVATE, 1998, p. 66) É então que o ciclo de domínio realmente começa. Geralmente, antes que a violência se manifeste, há uma escalada de tensões dentro do casal, muitas vezes orquestrada pelo ciumento dominador, que consegue transformar detalhes mínimos na culminância de um conflito.

O século XX será lembrado, entre outras coisas, por ser o século da psicanálise. O século do “eu”, no qual a grande invenção moderna do indivíduo finalmente amadurece – da psique individualizada, em que todas as energias estão direcionadas para reproduzir e diferenciar a individualidade e o desenvolvimento da imagem emancipada de cada ser humano que acabara de se separar das entidades unificadoras e coletivas como o Estado ou a Igreja. *“O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes.”* (BOURDIEU, 1998/2012, p. 50) Contudo, para que o indivíduo carregue uma realidade doravante autônoma é preciso adquirir uma série de características que o diferencie e o aproxime de suas realizações interpessoais. Aqui entra a outra grande atividade que define o século XX: a ampliação da mídia através da imprensa e da publicidade, apreendida numa dimensão muitas vezes invisível no campo das ideias e da linguagem, passando a ser o importante meio pelo qual o indivíduo recebe a pressão individualizante para se definir através dos valores e das coisas que pode adquirir. Com esse novo lugar de emoções, os códigos e estruturas da sociedade são alterados e novos padrões são definidos em favor do que concerne à personalidade, aos valores e aos desejos de cada um.

A partir dessa dinâmica, fortalece no imaginário da sociedade uma supremacia masculina que por muitos séculos, inclusive o atual, os valores são tidos como significação original e comprometem além de obstaculizar a participação feminina ativa nos âmbitos que sentenciam as normas da sociedade. Desse modo, fazendo com que a mulher ainda seja valiosa por sua fecundidade, devendo sempre estar disposta ao sacrifício e à postergação pelo bem comum dos seus entes queridos.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, e, principalmente da divisão social do trabalho. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 10)

A ordem patriarcal não se trata de uma abstração. É algo bem concreto, um sistema baseado numa distribuição desigual de poder, cujo cenário, no imaginário coletivo, se configura a partir da relação entre homens e mulheres, em que os homens alcançam preeminência e dominação. Assim, a história é permeada por homens de sucesso destacando autorias masculinas de grandes feitos, peremptoriamente, lega-se uma ínfima participação às mulheres no que concernem às performances ativas dos processos das construções basilares dos pilares sociais. Atualmente, as mulheres se destacam, não há dúvida, mas é longa a lista

das disparidades sexistas levantadas por alguns como argumentos irrefutáveis quanto à relação entre gêneros. Seguramente, a posição viril é questionável e acabamos por esbarrar na indagação do que é ser homem. Afinal de contas, sentenças como “seja homem”! , “aja como homem!”, fazem parte do repertório afirmativo e indutivo das sociedades contemporâneas.

A representação da vagina como um falo invertido que Marie-Christine Pouchelle descobriu nos escritos de um cirurgião da Idade Média, obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso, que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 11)

Dessa forma, a cristalização da superioridade é uma expectativa que recai sob o sexo masculino meritoriamente, restando, nesse contexto, a margem da cena para o sexo feminino. Estereótipos ainda associam a masculinidade a determinados redutos, como a luta e a política. Consequentemente, o domínio viril predominante na sociedade embasa-se no ideário de que o homem é superior à mulher e, mesmo com o fato desta dominação ser combatida há mais de um século, ela permanece arraigada nos costumes coletivos sendo amplamente exercida na atualidade.

Apesar disso, as diplomadas encontram sua principal oferta de trabalho nas profissões intermediárias de nível médio (quadros administrativos de nível médio, técnicos, membros do corpo médico e social, etc.), mas continuam vendo-se praticamente excluídas dos cargos de autoridade e de responsabilidade, sobretudo na economia, nas finanças e na política. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 54)

A distribuição bipolar do masculino/ feminino, obviamente, não está apenas fundamentada nas relações sociais entre homens e mulheres, mas, parece estabelecer essencialmente uma verdadeira visão de mundo, através de uma ampla penetração do simbolismo geral cambiada por uma oposição pautada numa distinção biológica que particularmente a torna tão eficaz no tocante a reproduzir e instituir um mundo socialmente organizado por uma ordem sexuada.

A constituição da sexualidade enquanto tal (que encontra sua realização no erotismo) nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza em uma topologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e seus deslocamentos, imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 15)

Todos já ouviram que os homens são melhores em assuntos científicos e que as mulheres podem fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Contudo, essas afirmativas são regularmente atribuídas pelos veículos midiáticos, perpetuando clichês rasos no imaginário coletivo, e, ao descascarmos os estudos dedicados ao assunto, notamos que eles estão muito

longe de sustentações inexpugnáveis e unânimes capazes de confirmar com segurança qualquer vantagem que privilegie um determinado gênero.

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 30)

Em geral, os movimentos feministas chamam patriarcado à opressão a mulher que, apenas pelo fato de ser, sofre por parte dos homens. *“Um dos sonhos do homem é “marcar” a mulher de maneira a que permaneça sua para sempre: porém o mais arrogante bem sabe que nunca deixará mais do que recordações e que as mais ardentes imagens são frias ante uma sensação.* (BEAUVOIR, 1970, p.206) De tal modo que ser feminista neste contexto é tomar consciência desta dominação. Entre meados do século passado e este, um desenvolvimento sem precedentes na história marca profundas mudanças relacionadas ao lugar das mulheres no mundo. A inserção do público feminino no mercado de trabalho, a separação da sexualidade e da maternidade com o surgimento dos anticoncepcionais, sua participação na esfera científica e acadêmica, e, necessário dizer, seu acesso à inimaginável investidura presidencial de um país.

No entanto, a condição feminina sempre foi segregada, às vezes discreta, mas ainda, com restrições abertamente declaradas. Assim, *“A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível.”* (BOURDIEU, 1998/2012, p.53) Não obstante, a mulher já ocupa lugares que eram impensados há poucas décadas. Porém, ainda assim, tais acessões são motivos de conflitos e desconfortos para uma parcela da sociedade que acredita piamente que as relações de gênero devem permanecer como supostamente sempre foram, reproduzindo, dessa maneira, inconscientemente, o poder e a dominação dos valores másculos.

Ao subestimar os fatores das condições de efetividade e os efeitos da “violência simbólica”, que, segundo Bourdieu (1988), não é oposto da violência “real” e física, mas sim esta violência invisível sofrida pelos dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista do dominante para as relações de dominação, fazendo-as assim parecerem “naturais” – são duramente inscritas. Essas “disposições duráveis” (ou habitus) estão para além da pura subjetividade e refletem a presença da objetividade na experiência subjetiva, na forma de estruturas socialmente construídas que as produzem. Bourdieu (1998) aclara a materialidade do comportamento social através da noção de que os indivíduos são “agentes” executores de

um plano geral que os excede inapelavelmente como autores de liberdade soberana de escolhas. Logo, a prática das escolhas não se trata da manifestação de decisões conscientes, porém é um produto de determinações externas e mecanizadas que visam atender aos interesses dos que a impõem.

A condição feminina, sob a ótica da dominação masculina, parte do que Bourdieu (1988) alinha de “violência simbólica”. Nesse contexto, o conceito de “*violência simbólica*” é proveniente da conceituação anterior apresentada pelo filósofo denominada: “*poder simbólico*”. Destarte, o “*poder simbólico*” e a “*violência simbólica*” possuem em comum o fato de estarem situados para além do plano material, não podendo deixar de ser, então, um tipo de violência exercida por meio da simbologia dos valores, dos pensamentos e das reflexões, e, eloquentemente, situado no âmbito das ideologias.

A análise que Pierre Bourdieu apresenta da maioria dos aspectos que ele disserta na obra *A dominação masculina* revela ao que concerne aos canais midiáticos, que o entretenimento é refém da necessidade de audiência e da dinâmica mercadológica deixando tal campo cada vez mais homogêneo. Essa dinâmica, ao invés de trazer os benefícios que a concorrência supostamente deveria trazer, tais como a diversidade e a pluralidade, faz com que as emissoras fiquem cada vez mais semelhantes, reforçado pelo fato de que os veículos de mídia estão subordinados aos mesmos anunciantes; às mesmas pesquisas de opinião e, sobretudo, às mesmas expressões, fazendo parte de um processo velado de banalização e uniformização. Os canais midiáticos adornam seus discursos para o público consumidor tratando de relações hierárquicas e estipulando poder. Assim, “*O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo o homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.*” (BOURDIEU, 1998/2012, p.32) Por meio de conceitos, representações sociais e imaginárias que se mobilizam a todo o momento, visando estabelecer status e modulando a forma como os indivíduos experimentam as relações sociais e institucionais. Logo, busca levar convicção mais rápida e mais impactante do que as palavras. Não é difícil constatar pessoas sendo submetidas à discriminação e à injúria nos programas de rádio, televisão, ou, atualizando, canais da internet, a partir do caráter implícito capaz de agir na interioridade do indivíduo com um rendimento em seu ser psíquico, subjetivo, cognitivo e moral.

O sistema rapidamente colocou a mulher no palco, vestindo-a com papéis caricatos e despindo-a sempre que julgou conveniente, promovendo, em primeiro lugar, a questão

problemática da representação dicotômica do gênero – masculino e feminino – na sociedade, pois, para o homem, recorrentemente, os suportes midiáticos propõem a força, a dominação e o controle das emoções. No que diz respeito à mulher, a programação não hesita em colocá-las em situações que mostram fraqueza, submissão e emoção. De fato, tornou-se habitual ver mulheres em papéis de gênero: da esposa e a da mãe, às vezes submissa, às vezes arrogante, até dominadora. Contudo, a beleza e os critérios estéticos são os que mais dominam a representação imaginária do feminino, nos livros, nas pinturas, nas telinhas e nos telões, buscando impor seus modelos, principalmente à extrema magreza das mulheres, implicando sérios problemas, incluindo casos graves de anorexia num público cada vez mais jovem.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. (BOURDIEU, 1998/2012, p. 41)

Finalmente, a mulher também é recorrentemente vista como um objeto sexual, por meio de imagens provocantes que são usadas para atrair a atenção dos consumidores e incentivá-los a aderir a esses produtos ou serviços, embora todos nós estejamos preocupados com esses estereótipos, o público feminino continua sendo sua principal vítima. “*A libido socialmente sexuada entra em comunicação com a instituição que lhe censura ou lhe legitima a expressão.*” (BOURDIEU, 1998/2012, p.35) A violência contra as mulheres se manifesta de várias maneiras. Alguns são tão assimilados que passam despercebidos ou são considerados normais.

Há avanços na igualdade dos gêneros, sem dúvida, mas há comportamentos machistas que persistem abertamente em todos os âmbitos sociais e toda atitude sexista, preconceituosa em qualquer ambiente ajuda a alimentá-los. “*Seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência?*” (BOURDIEU, 1998/2012, P.64) Normalizar ou minimizar atos de poder, agressividade e superioridade de um grupo em detrimento de outro viabiliza e perpetua o processo de violência.

No terreno do ciúme, existe uma falsa ilusão de pertencimento do outro. Os que padecem de ciúmes amorosos possuem demasiado temor de perder seu objeto estimado. Inseguranças e traumas inconscientes transbordam no campo dos delírios do enciumado, involucrando o par com o intuito de demonstrar que o outro é um objeto significativamente estimado em sua vida. Mesmo escondido por quem a sente, o que, por sua vez, usa a

habilidade de procurar mais uma série de eventos em que há recorrentes problemas insolúveis, descarregando a sensação de ansiedade intensa. Tal acesso de ciúme nos põe em alerta e pode trazer dons de desejo, vitalidade, atenção, mas, quando cruza certo limiar de intensidade, nos tornará, na melhor das hipóteses, relacionais, na pior das hipóteses; perigosos. Caso contrário, os ciúmes desenfreados podem culminar não apenas perigosos para o relacionamento, mas também para os outros. O ciúme compartilhado e institucionalizado nos costumes de todo um povo é algo de compreensão mais complexa. E nos parece não haver limite para tanto.

## CAPÍTULO II- BANQUETE ESTÉTICO DO CIÚME – DO FILOSÓFICO AO PSICANALÍTICO

### 2.1 AMOR, CIÚME: EROS FAMILIAR...

“Onde é que dói na minha vida, para que eu me sinta tão mal? quem foi que me deixou ferida de ferimento tão mortal?” (Cecília Meireles)

Figura 6 - O Banquete de Platão, representado por FEUERBACH, Anselm (1873), Alte Nationalgalerie, Berlim



[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Banquete#/media/File:Plato%27s\\_Symposium\\_-\\_Anselm\\_Feuerbach\\_Google\\_Cultural\\_Institute.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Banquete#/media/File:Plato%27s_Symposium_-_Anselm_Feuerbach_Google_Cultural_Institute.jpg) Acesso em 03-10-2018

A filosofia nasceu no impulso do homem de interpretar fenômenos humanos que escapavam do seu entendimento sensível. Para os gregos, a natureza estava acima da humanidade, logo eles buscavam compreendê-la através de alegorias artísticas: teatro, literatura, música, dança, etc. A filosofia grega transpõe o tempo, o espaço e a cultura. Após séculos ressurgiu para nutrir e inspirar várias formas de arte e também o conhecimento científico. De todos os grandes filósofos, Platão é certamente aquele que mais atraiu os psicanalistas, por elaborar um luxuoso ponto de vista sobre *Éros*<sup>7</sup>. Ele apresenta em sua obra *o Banquete* uma concepção inusitada através de uma sofisticada reflexão sobre a origem e a natureza do amor. Ademais, reconhece o desejo como uma força primordial e constitutiva da *psykhé*<sup>8</sup> humana. *O banquete* é o diálogo fundamental na história da filosofia que revela o embrião da teoria platônica através de uma reunião caracterizada por uma síntese de reflexões que abarcam a subjetividade e a estética de *Eros*, fornecendo-nos uma noção influente e atraente sobre o tema.

Platão plasma suas produções com diálogos, a partir de encontros, geralmente, no contexto de uma conversa ou debate, nos quais o personagem principal, Sócrates, se posiciona a respeito de um tema posto em questão. De onde vem o nosso desejo de se fundir com o amado? É isso que discorre o mito dos andróginos... Atrevemo-nos a questionar... O ciúme tem alguma relação com essa sensação de incompletude? Gikovate afirma que:

<sup>7</sup> Os gregos designavam o amor através de expressões diferentes: Eros, divindade do amor, possuía um lado físico e vulgar representado por Afrodite e um lado celeste: amor "platônico". Junto com Eros propriamente dito, havia também *philia* /amizade, e *agapè* /amor ao próximo.

<sup>8</sup> Do grego: alma.



Podemos entender a possessividade como uma espécie de incorporação de criaturas, ou mesmo objetos, que nos são externos; é como se elas passassem a fazer parte de nós. O caminho é o inverso daquele que um dia nos aconteceu: éramos unidos à nossa mãe e dela nos desgarramos. Agora, através de um processo imaginário, queremos reincorporá-la a nós. Desejamos fazer isso com tudo e todos os que se tornarem sentimentalmente importantes para a nossa vida íntima, ou seja, aqueles que atenuam, de alguma forma, nossa dolorosa sensação de desamparo e nos provocam o prazer do aconchego. (GIKOVATE, 1998, p. 121)

Está acontecendo uma reunião na casa do poeta Agaton em celebração ao seu triunfo na última competição literária do festival dionisíaco. Em cena, vários personagens, sendo eles Agaton, Erixímaco, Pausânias, Aristófanes, Fedro, Sócrates e Alcibíades, todos levantam suas taças de vinho e também suas impressões sobre a natureza de Eros e definição, tonalizando múltiplos posicionamentos. Fedro é o primeiro a falar, anunciando que Eros, deus do amor, é o Deus original, uma divindade primordial. Ele argumenta que um exército composto de homens unidos por Eros seria praticamente invencível, pois somente os amantes dariam suas vidas uns pelos outros. Dessa maneira, justifica o rol do amor em nível antropológico pelo polo moral. Porém, sem entrar no tema de suas distintas formas e sem captar sua essência.

Valendo-se do conhecimento que possui no terreno dos sofistas, Fedro apresenta uma genealogia mítica de Eros como o mais antigo de todos os deuses, sugerindo que Eros contém o afã de honra, além da finalidade de engendrar a virtude<sup>9</sup> que permite a existência da amizade, da comunidade e do Estado, Eros é central para a vida de todos, porque ele é o elo entre o amante e o amado; nada é maior que um amante digno. *“Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.”* (PLATÃO, 2003, p.11) Assim, Fedro realiza o seu argumento sobre Eros, tomando como fonte *Hesíodo* e outros poetas dedicados as teogonias. Após o discurso de Fedro, Pausânias tentará uma definição, uma vez que, Fedro indica apenas os benefícios de Eros, mas não discorre sua natureza.

Pausânias trata concretamente das formas e da essência de Eros, sendo divisível em dois modos distintos, um do Eros vulgar – vil, o qual é repudiável moralmente por manifestar em prol das meras satisfações dos apetites sexuais, e outro Eros é elevado – nobre, de origem divina, que possui como motor o bem verdadeiro e a satisfação do ser amado. Pausânias distingue duas atitudes em relação ao sexo e ao desejo sexual. No final, anuncia a existência de duas formas de Eros, mas apenas define uma, afirmando que há aqueles que, inspirados por Eros, estão interessados apenas na gratificação sexual, e seu desejo é indistintamente

---

<sup>9</sup> areté em grego

direcionado a homens, mulheres e meninos jovens, sem compromisso duradouro. “*O que há, porém é, a meu ver, o seguinte: não é isso uma coisa simples, o que justamente se disse desde o começo, que não é em si e por si nem belo nem feio, mas se decentemente praticado é belo, se indecentemente, feio.*” (PLATÃO, 2003, p.14) Ressaltemos que Pausânias também elogia a homossexualidade. Nesta configuração, Eros é uma força educadora que ajuda a desenvolver a essência do que ama e conseqüentemente do ser amado, talvez o fato mais importante, pois não deve nutrir apenas o deleite individual, mas configurar uma privilegiada ascensão mútua.

Erixímaco é médico e, para atingir o propósito de representação realista da experiência individual de Eros, lança mão de sua ciência, sustentando Eros como o princípio do devir de todo o mundo físico, ou seja, como um poder gerador. Representando o discurso naturalista, defende a ideia de que é a medicina, como uma busca por concórdia e harmonia no corpo, que melhor atende a Eros.

A medicina portanto, como estou dizendo, é toda ela dirigida nos traços deste deus, assim como também a ginástica e a agricultura; e quanto à música, é a todos evidente, por pouco que se lhe preste atenção, que ela se comporta segundo esses mesmos princípios, como provavelmente parece querer dizer Heráclito, que aliás em sua expressão não é feliz. (PLATÃO, 2003, p.17)

Argumenta, ainda, que existe um princípio moral passível de realização no campo do amor, do bom e do mal, do são e do enfermo e defende que a medicina está constantemente buscando conciliar Eros, como também reiterando que a saúde é a mescla equilibrada de forças ambivalentes da natureza, com música e ginástica, por exemplo.

A teoria de *Eros* exposta por Aristóphanes é a mais poética e metafórica, ele se posiciona com grande eloquência se valendo do discurso estético para explicar que todos os homens se encontram em busca condicional de Eros mediante a inacessível totalidade de “ser” que naturalmente consta em todos os indivíduos. Deve-se, então, recorrer à narrativa de um momento mítico em que os humanos se encontravam completos, sendo três tipos distintos de pessoas: totalmente masculinos; totalmente femininos, e metade feminino e outra metade masculino: o andrógono – homens tão poderosos que tiveram a ideia de atacar os deuses. Zeus decidiu reduzir seu poder dividindo-os: os homens tinham apenas uma face, dois braços, duas pernas – e apenas um órgão genital, o que significa que agora existem apenas dois gêneros.

A partir da divisão, por parte de Zeus, dos seres em metade, cada pessoa que foi separada ficou condenada a inquieta busca de sua outra parte com o desejo de retornar a sensação primeira de plenitude, os humanos não tinham a menor ideia e procuravam o preenchimento deles, a parte que faltava, vislumbrando nesta representação mítica o remate

das possibilidades de orientação sexual em relação às metades que pertenciam a cada humano. É quando Eros intervém como uma força que nos impulsiona ao preenchimento.

Por conseguinte, desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. (PLATÃO, 2003, p.21)

Antes do discurso de Sócrates, Agaton contradiz diretamente Fédon, alegando que Eros é o mais jovem, não o mais antigo dos deuses, porque ele odeia a velhice e procura a juventude. Agaton ensaia vislumbrar a essência de Eros como divindade. *“Assim é que me parece, ó Fedro, que o Amor, primeiramente por ser em si mesmo o mais belo e o melhor, depois é que é para os outros a causa de outros tantos bens.”* (PLATÃO, 2003, p.28) Seu discurso tende ao idealismo e outorga a Eros os traços do amado mais que do amante, atribuindo ao sujeito que ama todas as virtudes e a resignação de todos os prazeres por conter na alma o valor dos homens temperados, segundo Agaton, o amor não conhece violência porque controla os desejos, nem a injustiça, porque coloca a harmonia em toda parte.

Por último, Sócrates então fala, mas é para ser o porta-voz da que lhe revelou a natureza de Eros; apelando a uma conversa antiga que manteve com certa sacerdotisa: Diotima. Mas, antes disso, ele usa o método do questionamento socrático, estabelecendo a ascensão dialética que caracteriza a estrutura da teoria platônica. *“o Amor, tu reconheceste que, por carência do que é bom e do que é belo, deseja isso mesmo de que é carente. - Reconheci, com efeito.”* (PLATÃO, 2003, p.35) Aquele que ama não detém o objeto de seu desejo. Com seu diálogo, Sócrates surpreende e faz Agaton reconhecer que suas palavras eram bastante vazias, escondendo contradições em sua beleza e persuasão.

Sócrates refuta, com humildade, ao confessar que a mesma coisa acontecia com ele, que também acreditava no amor como sendo belo e bom, e foi a sacerdotisa que respondeu às suas preocupações. Prossegue afirmando que o amor é o desejo de procriação na beleza, tanto a procriação do corpo quanto a da alma, porque existe em nós um anseio pela imortalidade que pode ser satisfeito por meio de feitos que prolongam nossa existência. Se Agaton afirmou que os deuses fizeram o mundo do amor de coisas bonitas, porque não havia amor da feiura; Eros deve ser o amor da beleza e não feiura. E se Eros deseja beleza, é porque ele não a possui. O argumento de Agaton é assim destruído e ele próprio admite não saber nada sobre o que estava falando.

- E então? O que carece de beleza e de modo algum a possui, porventura dizes tu que é belo?- Não, sem dúvida.- Ainda admites por conseguinte que o Amor é belo, se isso é assim? E Agatão: - É bem provável, ó Sócrates, que nada sei do que então disse? - E no entanto, prosseguiu Sócrates, bem que foi belo o que disseste, Agatão. Mas dize-me ainda uma pequena coisa: o que é bom não te parece que também é belo? - Parece-me, sim. - Se portanto o Amor é carente do que é belo, e o que é bom é belo, também do que é bom seria ele carente. - Eu não poderia, ó Sócrates, disse Agatão, contradizer-te; mas seja assim como tu dizes. (PLATÃO, 2003, p.33)

Sócrates finalmente deixa Agaton e prossegue para uma descrição do que aprendeu com Diotima sobre Eros. Primeiramente, esclarece que Eros se situa entre o belo e o feio, que é um daimon (uma espécie de ser semidivino) que está situado entre a mortalidade e a imortalidade. Neste relato, Eros é nascido dos daimons Poros e Penúria, o primeiro simboliza a oportunidade e o segundo a carência, ou seja, a pobreza. Assim, Eros oscila entre os dois. Segundo Sócrates, narrado no diálogo com Diotima, Eros herda as qualidades da Penúria, sendo carente e buscando aquele que se deseja e não se possui. O discurso de Sócrates é expresso em uma linguagem bastante elaborada, típica de uma pessoa sábia, inspirado pelos ensinamentos da sacerdotisa.

- Se de fato - continuou - crês que o amor é por natureza amor daquilo que muitas vezes admitimos, não fiques admirado. Pois aqui, segundo o mesmo argumento que lá, a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal. E ela só pode assim, através da geração, porque sempre deixa um outro ser novo em lugar do velho; pois é nisso que se diz que cada espécie animal vive e é a mesma - assim como de criança o homem se diz o mesmo até se tornar velho; este na verdade, apesar de jamais ter em si as mesmas coisas, diz-se todavia que é o mesmo, embora sempre se renovando e perdendo alguma coisa, nos cabelos, nas carnes, nos ossos, no sangue e em todo o corpo. (PLATÃO, 2003, p.42)

Por trás do ciúme retroativo, esconde-se o ideal do amor platônico: dois amantes, um incompleto sem o outro, destinados a tornar-se um. O que outro já passou antes é insuportável, porque sempre esperamos encontrar essa simbiose primitiva. Quando éramos um com nossa mãe e totalmente preenchidos. O ciúme possui um jogo dialético mais ou menos acordado, com suas regras subentendidas que atuam como uma potência que alarma um perigo eminente de uma presumida sensação de perda. Na inveja se busca reter os objetos do outro, já nos ciúmes se busca reter a totalidade do outro, assim como a fusão que havia no andrógino platônico.

Em graus variados, todos nós sentimos a mordida do ciúme amoroso. Sem dúvida, porque vivemos o “par” como um fim em si mesmo, na fantasia de que o nosso vazio existencial será finalmente completado pelo outro. É por isso que o relacionamento é, por excelência, o lugar do cumprimento do ciúme. Esperamos que o outro nos preencha, para estancar nossas feridas. E, às vezes, esse momento torna-se a fonte de uma grande lesão.

Ao se identificar com a cultura como sublimação dos impulsos de Eros e como vitória parcial contra os impulsos destrutivos (ou pulsão de morte), a teoria platônica pode ser rastreada até o Eros freudiano. Assim, concebendo o amor como produtividade ou como disposição criativa. Em Freud e em Platão, Eros e a libido são mecanismos motivacionais que podem nos afastar da animalidade para lançarmos no que somos: seres de cultura e civilização. Freud é o criador da psicanálise, e Platão o da filosofia. Mais de dois mil anos distantes, pertencentes a culturas completamente distintas, ousaram apontar para pontos similares sobre o elemento fundamental na construção da cultura e dos tijolos sofisticados que chamamos civilização: Eros/Libido. No interior de uma cultura pagã e homoerótica, Platão apontou para a energia que ergue a cultura e a civilização. Sendo assim, identificou a cultura como sublimação dos impulsos de Eros e como vitória parcial contra os impulsos destrutivos (ou pulsão de morte). Para Platão, Eros é o impulsionar do desejo em encontro com a verdade, o bem e o belo em busca do real. Para Freud, a libido é o componente clínico central da terapia psicanalítica.

## 2.2 CIÚME E O LASTRO DO PRIMEIRO AMOR: DO BERÇO AO LEITO

Em busca de compreender a natureza, considerando que ela estava acima dos esforços da humanidade, o mito surgiu nos grupos como uma rica expressão didática e articuladora de laços sociais que versa sobre a origem de algo, servindo para transmitir o patrimônio de uma cultura de uma geração para outra, por meio de narrativas que perpassam e modulam o imaginário de povos de todos os tempos, os gregos registraram-na através de alegorias artísticas: teatro, literatura, dança, música etc. Assim, herdamos o mito do impulso do homem de interpretar fenômenos humanos que escapavam do seu entendimento racional, na busca de encontrar conhecimentos da origem do homem e do mundo, ao explicar por meio de histórias fantásticas o funcionamento das forças existentes na natureza.

Aparados numa estrutura social basilar, os afetos se efetivam num complexo que leva em conta as normas internas, a cultura, o meio social, e, também, sobretudo, as experiências e aprendizagens de cada sujeito. De modo análogo, a experiência de se constituir como homem ou mulher na forma de pensar, agir e sentir não é algo que se edifica individualmente a partir das vivências e das memórias que cada um desenvolve de si, pelo caminho das relações individuais estabelecidas ao longo da vida com as pessoas com as quais interagimos. Ao observarmos as narrativas mitológicas clássicas veremos, por exemplo, que descrições categóricas de heróis como *Hércules*, *Teseu*, *Aquiles* e *Odisseu*, serviam para articular constituições paradigmáticas de valores que pretendiam alegorizar uma verdadeira configuração do que seria concernente a um modelo de hombridade, obviamente, a partir de padrões inseridos num contexto específico que justificariam tais critérios característicos.

O filósofo Platão, em *A República*, mais especificamente no livro X, vai pensar e discorrer sobre os efeitos da representação artística no social, destacando aquelas produzidas no campo da literatura e da pintura, como cópia do que seria real, ou seja, fingimento, simulacro e, conseqüentemente, algo menor e destituído de valor autêntico para a doutrina social. De acordo com Platão, o plano das ideias era considerado como a verdadeira realidade e, portanto, o objeto representado será visto com uma mera imitação do real e aquele que copia um objeto estará produzindo a cópia da cópia, afastada em três níveis do plano ideal (PLATÃO, 2001). Nesse sentido, ele relaciona a *mimesis* a princípios éticos, como algo moralmente degradado que deveria ser banido da *República*, na intenção de atingir os artistas da época, representados especialmente pela figura de *Homero* e dos poetas trágicos. Platão declarou que a arte é uma espécie de veneno que se alastra pelo corpo e o corrompe. Todavia,

a mitologia grega transpôs o tempo, o espaço e a cultura. Após séculos, as narrativas mitológicas ressurgem para nutrir várias formas de arte e também a psicanálise. A história de Édipo, magistralmente dramatizada por Sófocles, é um bom exemplo. Tragédia que, abordou o precursor da psicanálise, Sigmund Freud, que se inspirou no mito grego para se aprofundar no estudo da sexualidade infantil, na tentativa de penetração, através da fantasia, nas perífrases existenciais da alma humana, através da análise do complexo de Édipo.

A obra *Édipo rei* de Sófocles é considerada, desde a crítica aristotélica, como a composição dramática mais bem articulada da tradição clássica do teatro grego. Todavia, trata-se de uma narrativa já pertencente à cultura mítica grega, com origem e autoria indeterminadas. Este legado foi registrado por Sófocles por volta de 429-426 a. C. e faz parte da tetralogia sofocliana do ciclo mítico Tebano, o qual narra a trajetória familiar de *Laio* e *Jocasta* juntamente com as tragédias: *Antígona*, *Édipo em Colono* e *Os sete contra Tebas*. Contendo mil quinhentos e trinta e um versos, quatro personagens principais e o coro. A versão do mito de *Édipo* reescrito por Sófocles foi considerado por Aristóteles a tragédia mais perfeita no concernente ao domínio da disposição das partes, a hábil concatenação dos conflitos e a admirável unidade do começo, meio e fim, e, ainda, da solução e do reconhecimento.

Figura 7 - Édipe et le Sphinx – MOREAU, Gustave



<https://historia-arte.com/obras/edipo-y-la-esfinge> Acesso em 03-05-2019

São várias as interpretações e produções sobre *Édipo* que emergem das representações clássicas, antigas e também contemporâneas. A mais notória é, sem dúvida, a que fundamenta o surgimento da ciência originada por Sigmund Freud, a qual proporciona uma releitura da tragédia de Sófocles com a roupagem psicanalítica, causando muita polêmica. No início do século XX, põe em relevo a narrativa mítica de mais de 8.000 anos que ressurgiu e se reatualiza nas bases da ciência psicanalítica freudiana do final do século XIX, como fonte do ingresso científico no recôndito da alma humana, possibilitando a Freud o aprofundamento do estudo da sexualidade infantil através da análise da trajetória de *Édipo*. Quanto mais o personagem Édipo foge do seu destino trágico, também caminha mais ao encontro dele.

Com Freud, Édipo se torna conhecido e pensado em províncias diversas da existência humana. Já famoso como mito, texto teatral, pintura e escultura, passa a sê-lo também no divã dos analistas. Édipo começa aqui a freqüentar a nossa mente num sentido diverso. Ele se transforma, com Freud, num modelo vivenciado por nós

dentro da família burguesa. Édipo é o filho que, num certo sentido, nós todos fomos. Em algum momento de nossa vida infantil vivemos Édipo como microscópica tragédia de ódios e amores entre pais, mães e crianças. (ROCHA, 1996, p.31)

Essas resoluções em grupo nos convidam a internalizar um superego cultural que não é herdeiro de uma resolução individual do complexo de Édipo, mas um modo paliativo de solução parcial da cumplicidade de uma comunidade em prol da negação de uma aniquilação prolongada. Antes de ser registrado por Sófocles, no período helenístico da Grécia Antiga, o poder fatal do destino de *Édipo* já marcava o mito estético trágico da cultura grega. O incesto como proibição interdita por lei já era apoiado por grupos, em que não se sabe realmente onde e quando surgiu essa propensão para legislar, fornecendo a cada membro uma oposição intrapsíquica ao estresse do destino trágico, como o demonstrado no trajeto de Édipo; retendo a ameaça em benefício do fatal. Antes, a dramatização do sintoma e da loucura como desorganização e degradação, melhor punição do que castração. Os grupos promulgam leis, quase universalmente, que se opõem a essa determinação mais vinculante, leis baseadas no nexos casual entre o incesto e a castração. *“Vê-se o menino obrigado a desistir da mãe mais uma vez, agora devido à ameaça que a figura paterna representa; contudo, mais do que pelo ciúme do pai será por uma exigência do meio cultural que ele deverá assim proceder.”* (ROCHA, 1996, p. 156) Muitas vezes, a interdição do incesto é integrada a uma lei mais geral, voltada para o impedimento da relação adulto/ criança com a criminalização da pedofilia, direito social que age como o superego cultural de um núcleo que geralmente é suficiente para esquecer o ato sinistro e incipiente da lógica edípiana.

Em linhas gerais, o argumento do mito de *Édipo Rei* consiste de uma revelação recebida por Laio, segundo a qual consta de um oráculo que prevê uma predestinação desgraçada do filho que ele possa vir a ter, o qual, uma vez concebido, carregará o destino de matar o pai e se casar com a mãe. Diante disso, na tentativa de evitar a terrível fatalidade, Laio decide mandar um escravo deixar seu filho *Édipo*, menino, abandonado para morrer no Monte Citerón. No entanto, *Édipo* é resgatado por um pastor e levado a casa de Polibo, rei de Corinto. Já adulto, *Édipo* é ridicularizado no tribunal como sendo um bastardo e decide conhecer a sua verdadeira origem consultando o oráculo Delphos. Depois da consulta com o oráculo, e, mediante o temor da concretização do que foi previsto, em vez de retornar a Corinto, resolve burlar o destino de matar Polibo, seu suposto pai e decide fugir. No caminho, ele encontra Laio, não sabendo que é o seu progenitor, após uma discussão, mata-o. Assim, fechando a primeira parte do oráculo, que previa que ele mataria seu pai. Seguindo o caminho rumo a Tebas; por sua sabedoria, resolve o enigma da Esfinge que assolava o povo tebano, e é



coroado rei de Tebas; recebendo como espólio o posto de rei ao lado da rainha viúva, Jocasta. Sem ter noção de que é sua mãe, *Édipo* desposa a rainha e ocupa o trono da cidade. O destino, dessa maneira, conclui o círculo total do preceito anunciado. Guiado pela ignorância, *Édipo* foge do oráculo, empregando em seu destino trágico as mesmas forças que imaginava empreender para livrar-se de sua desgraça. No final da tragédia, *Édipo* se vê mediante a revelação de sua ruína pelo cego adivinho Tirésias, Jocasta se suicida e *Édipo* fura os olhos ao notar que em nenhum aspecto de sua vida fora capaz de conceber alguma visão a respeito de si e de sua trajetória errante, totalmente ignorante das fatídicas ações e consequências de seu destino trágico.

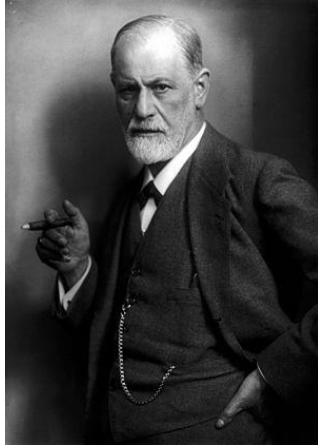
O perceptível é conhecido, enquanto o obscuro exige repetições, aprendizagem, trabalho, esforço, além de níveis distintos de sofrimento para cada pessoa. Na eleição amorosa, a trajetória de *Édipo* é um modelo baseado em sucessos ou fracassos remotos que se comportam como um guia inconsciente abarcando o bem e o mal, o belo e o feio, o amoroso e o agressivo que há nas relações. *“Édipo se parece conosco por ser governado por forças que não conhece (a rigor, tal como nós, delas só possui algumas pistas) e por viver um jogo de amor e ódio no interior do triângulo familiar. A este intrincado jogo Freud chama de “complexo de Édipo”.*” (ROCHA, 1996, p.32) Depois de tudo, as suas raízes primitivas e infantis darão o caráter fantasioso e a intensidade das vivências afetivas. Em suma, o complexo ocorre como fantasia, e é considerado normal, pois, em geral, não se concretiza, porque tudo se passa no constelar psíquico, ao contrário do caso de *Édipo*. No entanto, as transformações da mentalidade infantil até chegar à maturidade supõem desmitificar crenças e pessoas em troca de construir uma perspectiva mais ampla, autêntica e realista sobre si mesmo e os outros. Trata-se de um processo iconoclasta, que depois de enfrentado, o mundo em nada se parece ao anteriormente imaginado, numa realidade mais vasta, a vida se revela nua engendrando cruas experiências.

Com certa dor, necessitamos conhecer a realidade. No entanto, é terrível ter que negá-la, correndo o risco de nos aferrar em ilusões passadas, explicitadas em sintomas e estalos de dores que levanta a arrogância da falsa convicção de possuir a verdade. Dado que os conflitos essenciais dos humanos seguem iguais, *Édipo rei* alcança o caso extremo do complexo, oferecendo uma descrição pertinente, ampla e detalhada do desenlace nefasto da loucura através de uma experiência catártica que produz a oportunidade de refletir sobre a influência das relações parentais na afetividade como um todo. Deixemos em suspense a nossa temática dos ciúmes em si, mas atentemos para a configuração central do desenvolvimento psíquico

contido no *Complexo de Édipo*, exercendo uma função muito importante no entendimento e nos modos de ser na linguagem e no outro, determinando, sem dúvida, a maneira como o indivíduo vai responder à falta e construir suas expectativas em relação às suas próprias necessidades. É nesse momento, pois, de apropriação do sujeito em relação ao seu desejo, que é transgressivo e deve ser renunciado. Ele se torna proibido em representações conscientes e deve estancar graças à repressão.

## 2.3 DO MITO SOFOCLIANO AO COMPLEXO FREUDIANO

Figura 8 - Sigmund Freud, por HALBERSTADT, Max em 1922



[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund\\_Freud](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sigmund_Freud) Acesso em: 17-06-2019

Para Sigmund Freud (1856-1939), como sabemos, as formas de amor pertencem ao mesmo impulso – a libido. Assim, a psicanálise vem desempenhando um papel vital: o de revelar. A teoria do complexo de Édipo surgiu nos primeiros dias da psicanálise, no século XIX, num período em que as famílias tinham características bem distintas das atuais, pois práticas que hoje em dia possibilitam a existência de novos paradigmas familiares eram inaceitáveis e incomuns até poucas décadas, tais como o casamento após separação ou viuvez, breve contato entre o bebê e sua mãe nos primeiros anos de vida. O complexo de Édipo trata de um modelo teórico ideado por Freud, o qual inspirado na tragédia Édipo Rei de Sófocles (496-406), descreve o desenvolvimento psicosssexual das crianças, que, na leitura psicanalítica, ocorre entre três e cinco anos de idade. Antes de ser um conceito central da psicanálise, a lógica edípiana teve sua origem no mito arcaico da Grécia antiga. Como já dito, Édipo, filho do rei tebano, acabou matando seu pai e tomando seu trono, casando-se com a rainha Jocasta, sua mãe. Édipo, sem perceber, cumpriu o que o oráculo havia previsto antes do nascimento, a saber, que ele mataria seu pai e se casaria com sua mãe.

Quando Freud apresenta sua teoria, em 1905, em Viena, a família era triangular, constava o(s) filho(s), o pai e a mãe; mas a princípio do século XXI a família se transformou, agora é comum que as pessoas tenham múltiplos divórcios e uniões, com inumeráveis maneiras de viver em família. Logo, o *complexo de Édipo* da atualidade involucra mais gente, se ampliou, o que não é bom nem mau, dependendo e variando sempre caso a caso. Desse mito, Freud revela um duplo desejo na criança: para o menino, eliminar seu pai e ter sua mãe, para a menina, fazer desaparecer sua mãe e converter-se na mulher de seu pai. A partir de uma reinterpretação da tragédia de Sófocles, ao longo de sua vida, Freud elaborou sua teoria em torno dessa questão, sem nunca dar uma obra que se abarcasse tal temática de modo sistemático.

Assim, a lenda de Édipo deixa de ser simplesmente um relato sobre um indivíduo desditado para tornar-se a descrição da transformação de um homem comum em um iniciado. Os acontecimentos que se afiguram como terríveis desgraças surgem como

símbolos de algo muito maior, um processo interno de purificação e evolução, cuja rede infinita de significados mal pode ser arranhada pela nossa mente racional. (FARJANI, 1987, p. 108)

Freud propôs pela primeira vez o Complexo de Édipo em 1899, em seu livro “Interpretação dos sonhos”. Primeiro intitulou de “complexo nuclear”, em seguida, “complexo paterno”, e apenas começou a utilizar o termo formalmente no ano de 1910, em um texto nomeado de “Contribuição para a psicologia da vida amorosa”. Desde o princípio, Freud estabeleceu os fundamentos teóricos do *complexo de Édipo* como sendo a libido do infante direcionada para a mãe, paralelo a sentimentos de rivalidade contra a figura paterna. Elemento determinante da estruturação do psiquismo, o “complexo de Édipo” é o conceito que revela o eixo fundamentalmente central da psicanálise. O mito grego de Édipo rei é a elaboração da impossível realização do desejo incestuoso que acomete inexoravelmente todos os seres humanos, a renúncia irreduzível do sentimento mais puro.

Psicanálise denomina Complexo de Édipo a uma estrutura, uma organização central em redor da qual se constitui a personalidade humana. É um drama que envolve três personagens: pai, mãe e filho. Segundo Freud, o complexo de Édipo é vivido durante a fase fálica, no período compreendido entre os três e os cinco anos de idade, e sua marca constitui-se no desenvolvimento de um amor pelo progenitor do sexo oposto, acompanhado pela hostilidade dirigida ao progenitor do mesmo sexo. (FARJANI, 1987, p. 138)

É a primeira ocasião em que o desejo é dirigido a outro havendo um sentimento significativo de posse da mãe e supressão do pai, de tal forma que o infante idealiza a mãe, aflorando em direção a ela uma expressão de amor, num momento em que o voto de amor é proibido, demonstra concorrência com qualquer outro que remova sua atenção considerando como rival ou ameaçador do seu afeto que sente como soberano, geralmente o pai ou irmãos são os primeiros objetos comuns de sentimentos de estranhamento e ódio. No complexo de Édipo, os tabus do incesto e do assassinato estão presentes permanentemente e não estão enraizados na mente infantil com consequências perenes, mas como um conjunto de ideias, sentimentos, modelos, mecanismos de defesa em constante desenvolvimento que se modifica com as experiências.

No escopo psicanalítico, o Complexo de Édipo refere-se a uma estrutura familiar triangular, desempenhando um papel inaugural na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Hoje, muitas famílias estão em configurações impensadas há menos de um par de séculos, as famílias atuais diversificaram sua estrutura composicional. No entanto, as representações da fantasia da cena primitiva permanecem tão complexas como quando Freud explicitou. Freud postula que o sentimento de amor anda de mãos dadas com a

ideia do risco da perda do ente querido. Nem sempre apreendemos a ameaça de perda da mesma forma, algumas pessoas são mais "corroídas" pelo ciúme, pela suspeita, interpretando todos os sinais, todos os comportamentos como ameaçadores. O fato é que na prática esse sentimento de posse e exclusividade existe mesmo em situações que não há nenhum envolvimento de ordem sexual.

Tocar na temática de Édipo significa discutir a complicada relação afetiva com os pais que acomete todos os sujeitos na fase da infância, através de intensos sentimentos de amor, ódio, ciúmes e rivalidades que se revelam em forma de conflito no seio desse grupo tão íntimo, que é a família, sustentada por relações de parentescos que situam cada um dos membros do grupo no seu lugar. *“A situação do recém-nascido é dramática: saído de um lugar caracterizado por uma satisfação plena, ele é atirado sem qualquer preparação prévia em um mundo que se lhe afigura como tremendamente frustrante.”* (FARJANI, 1987, p. 155) Tudo emerge como uma erupção em um momento em que ainda somos incapazes de elaborar respostas, pois começamos a ter que ascender nossos próprios questionamentos com passos escorregadios até chegar à socialização.

O ciúme de natureza excludente e não erótica consta no início da história científica psicanalítica do século XX. Quando a mãe – esposa amada – passa a se dedicar aquela criança e tal dedicação da mãe inquieta o pai que, ao mesmo tempo, estima a criança e se sente em disputa/competição. *“A postura ambivalente ante o pai e a relação objetal exclusivamente terna com a mãe formam, para o menino, o conteúdo do complexo de Édipo simples e positivo.”* (FREUD, 1923-1925, p. 29) Uma parte importante da atenção da mãe se dirige para a criança. Existindo entre a figura do pai e de um filho recém-nascido numa situação em que o filho e o pai amam a mesma mulher, e, conseqüentemente, há uma disputa, uma rivalidade, um triângulo. Nota-se, então, uma verdadeira encruzilhada estrutural da constituição como sujeito, recordando que a fantasia é uma cena inconsciente, e, nesse momento, o falo<sup>10</sup> tem primazia como símbolo de poder, potência e vitalidade.

Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Costumamos ver este segundo desfecho como o mais normal; ele permite conservar, em alguma medida, a relação terna com a mãe. (FREUD, 1923-1925, p. 29)

---

<sup>10</sup> Definição freudiana

A criança deve renunciar ao cuidador do sexo oposto, identificar-se com a figura do mesmo sexo e manter apego a ambos. No longo processo de identificação, ele aprende o que deve fazer para se comportar como sujeito e encontrar seu lugar nas relações dentro e fora do âmbito familiar. A autoridade do pai é reconfortante, porque marca os contornos do que é permitido e proibido, o que pode ou não ser feito e, se for transgredido, gerará culpa por medo de perder o amor dos cuidadores. Outra função que poderíamos chamar de paterna consistirá em instituir proibições fundamentais, como o incesto e respeitar a diferença de gerações. O incesto, o parricídio e o matricídio surgem nas fantasias infantis primitivas e normais da criança, e o bem-estar depende de transformá-las em habilidades para tolerar a incerteza e a complexidade dos afetos humanos, na destreza de viver cômodo consigo mesmo, desfrutando e manejando a continuidade existencial, assumindo as responsabilidades que a vida adulta impõe.

Atravessar a infância sem maiores prejuízos na estruturação afetiva dependerá do devir da relação com os adultos que rodeiam as crianças em sua cotidianidade. Assim, os lactantes incapazes de narrações autobiográficas recebem as informações que ficam nas memórias sensitivas, em formato de padrões de respostas comportamentais e físicas, condutas que o bebê aprendeu e internalizou a partir das reações de outros frente às suas iniciativas. *“O bebê lactante ainda não separa o seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevivem. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos”* (FREUD, 1930/2011, p.10) A criança, mediante a diferença anatômica entre os sexos, revela a percepção das distinções, manifestando por meio de uma modificação comportamental.

Com a puberdade são reavivados os impulsos e investimentos objetivos do primeiro período, e também as ligações emocionais do complexo de Édipo. Na vida sexual da puberdade há uma luta entre os impulsos dos primeiros anos e as inibições do período de latência. (FREUD, 1923-1925, p. 98)

Poderíamos acreditar que não somos suficientemente interessantes (ou bonitos, gentis, inteligentes, etc). É gasta muita energia lutando contra a crença que pode nos fazer sentir ameaçados quando vemos (ou imaginamos) um potencial concorrente. Em suma, vivemos um inferno interior apoiados na ilusão: "eu não sou o suficiente". Atuamos nesta tentativa inconsciente de finalmente nos sentirmos um objeto único de amor do outro.

A triangulação está no coração do Édipo, a saber, que a criança não está sozinha no mundo em uma díade fusional com sua mãe, mas que existem terceiros. Freud utilizou para explicar as vicissitudes infantis até alcançar a maturidade, adquirindo identidade sexual, sistemas de valores morais e ideais, assim como a capacidade de refletir sobre as

consequências de atos. Como vimos alhures, o complexo de Édipo é representado por três personagens: o pai, a mãe e a criança. Famílias recompostas disputam este triângulo introduzindo várias outras figuras parentais que têm um papel a desempenhar na formação e resolução do *Édipo* pelo infante. O argumento freudiano explica que, no início, as barreiras de sexo e espécie não estão delimitadas nas crianças, tampouco a autonomia. Nesse cenário, os pais recriam nos filhos suas próprias perfeições de um momento perdido e veem seus filhos como um modelo de virtudes.

Todo o desenvolvimento aqui descrito é rapidamente percorrido. A mais notável característica da sexualidade humana é seu início em dois tempos, com uma pausa entre eles. No quarto e quinto ano de vida ela alcança um primeiro apogeu, mas logo termina esse desabrochar da sexualidade, os impulsos até então vivazes sucumbem à repressão e sucede o período de latência, que dura até a puberdade e no qual se instauram as formações reativas que são a moral, a vergonha, o nojo. (FREUD, 1923-1925, p. 98)

O *Complexo de Édipo*, na obra freudiana, discorre esses conflitos ambivalentes precedidos por complexos maternos, paternos e filiais, que ocorrem primeiramente em relação a ambos os pais a partir do objeto materno, sendo marcado pelo surgimento de um terceiro objeto, o qual possibilita um processo de triangulação psíquica, em qualquer que seja a formulação familiar. Se a mãe integra o bebê à cena, com o tempo direcionando-o aos cuidados e a palavra do pai, transformando o seu olhar, observando e prestando a devida atenção, os efeitos poderão ser manobrados e arrefecidos pelo mecanismo da repressão.

## 2.4 O EMBRIÃO DO CIÚME NO SEIO FAMILIAR

As manifestações de ciúme geralmente revelam mais sobre os sentimentos de insegurança e exclusão impressos na personalidade do ciumento. É importante enxergar o ciúme como um sentimento que vem da pessoa ciumenta e não do parceiro. É um problema individual que tende a converter-se em um problema de casal. Além disso, o ciúme costuma ser o sintoma de causa mais profunda oriunda de tempos remotos.

Figura 9 - Maternidade  
Picasso - 1909



<https://coopemuseupicasso.wordpress.com/2016/11/17/maternidade-1909>

Acesso em: 12-11-2018

Imaginemos uma cena, para ir atrás de esclarecer o que ousaremos apontar, apoiados na psicanálise, como as primeiras expressões dos ciúmes: encontramos uma mãe amamentando amorosamente seu bebê. Ela acaricia-o, fala com ele e mira-o diretamente nos olhos, respondendo à mirada fixa do seu filho. Encontro de olhares, o bebê se reconhece como único e amado, ocupando o lugar primordial e ideal, percebendo que é colocado em um posto tão precioso, como a referência freudiana: "*Sua majestade, o bebê*"<sup>11</sup> – ele se torna o rei da casa. Simetricamente, as crianças investem nos pais os quais elas acreditam serem perfeitos, desde que correspondam primeiro às suas necessidades e aos seus desejos. No entanto, para uma cena tão comovente, acrescentemos um terceiro personagem, que é nem mais nem menos do que o pai ou mesmo o filho mais velho, ainda pequeno, que de longe observa a cena. A conexão entre os olhares (mãe/bebê) é quebrada e o bebê se encontra na escuridão, mas não porque não há luz nem claridade; mas porque existe a luz do olhar materno, aquilo que ilumina o seu horizonte, aquilo que dá sentido à existência, é direcionado para outro, mais ainda: outro objeto.

DW Winnicott (1896-1971), pediatra, psicanalista e clínico renomado que pertenceu à Sociedade Psicanalítica Britânica. Se destacando como um grande teórico que examinou as raízes das teorias, trazendo uma marca decisiva no mundo analítico dos profissionais da infância, com inovações técnicas e conceitos que ainda hoje são amplamente utilizados. Em sua obra "*Os bebês e suas mães*", aclara que:

<sup>11</sup> Termo utilizado por Freud em "*Introdução ao narcisismo*" (1914) "*his majesty – the baby*".



A natureza, no entanto, decretou que os bebês não possam escolher suas mães. Eles simplesmente aparecem, e as mães têm o tempo necessário para se reorientar e para descobrir que, durante alguns meses, seu oriente não estará localizado a leste, mas sim no centro (ou será que um pouco fora do centro?). (WINNICOTT, 2002, p. 4)

Será o outro mais importante? Provavelmente sim, porque a exclusividade foi tirada da criança, que se sente solitária, triste e abandonada. Como isso aconteceu? Não era ele o objeto mais precioso desta mãe? Além do mais, era algo naturalmente implícito, sem dúvida. E agora isso! Obviamente, tentamos colocar na forma de questões os sentimentos de angústia que esse pequenino provavelmente experimenta no momento da exclusão. É evidente que tal situação gerará ódio e ressentimento em relação a esse pai ou irmão que quitaram tal pacto harmonioso. Aqui está, psicanaliticamente, o embrião do ciúme e da inveja.

Parece que a unidade familiar acontece com a concordância de todos os membros, mas esse tipo de unidade é da ordem da submissão. E a ordem da família tem que tolerar as diferenças entre seus membros. Caso contrário, torna-se um lugar desconfortável e irritante com grandes doses de rebelião e insatisfação. Assim, a verdadeira união familiar é o que permite que seus membros se desenvolvam de maneira díspar, à sua escolha, traçando seu próprio caminho. Tal fato se deve porque, por outra parte, a vida adulta tende a ser mais realista, abrindo a possibilidade de eleger da maneira mais conveniente o prognóstico das relações, e poder desfrutar a felicidade amorosa numa versão adulta, com uma parilha factível e não incestuosa.

É fácil perceber que as crianças necessitam de um meio ambiente firme, onde possam resolver seus conflitos de amor e ódio e suas duas tendências principais, isto é, uma que os leva a se voltarem para o genitor do mesmo sexo, e a outra, que os direciona para o genitor do sexo oposto, e que podem ser consideradas como as tendências hetero e homossexual na relação objetal. (WINNICOTT, 2002, p.8)

A principal função da família é criar filhos, devendo permitir e facilitar o desenvolvimento das crianças para o seu acesso ao mundo, à sociedade, proporcionando educação, saúde, alimentação, descanso, abrigo, estabilidade emocional e bem-estar. Isso parece ser um truísmo em muitos casos foco de conflito nas relações entre os membros da família. *Dizemos que o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê. Com o tempo, o bebê torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade, e até mesmo de experimentar um sentimento de identidade pessoal.* (WINNICOTT, 2002, p.9) Considerando que a família tem um impulso determinante para transmitir em seu seio... Ideais, valores, mitos e referências identificadoras, o infante será parte desse grupo que a recebe, planificam e dão um nome, tornando-o sujeito e moldando sua identidade. Somos a herança psíquica de nossos cuidadores, fugir do aprendizado familiar é um trabalho de crítica que nem todas as

peessoas estão dispostas a realizar. Desde o começo da vida, é no entorno familiar que se aprendem as leis que fundam as relações humanas e sociais do indivíduo, e os acordos que determinam cada função. Ser mãe, ser pai, ser parente, implica deveras apropriação, implica assumir lugar, função e representatividade afetiva, e todos nós sabemos que o amor na esfera familiar tem com ele esta dimensão amálgama.

Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio, e portanto a mãe é, inicialmente, parte dele. Em outras palavras, há algo, aqui, que as pessoas chamam de identificação primária. Isto é o começo de tudo, e confere significado a palavras muito simples, como *ser*. (WINNICOTT, 2002, p.9)

A psicanálise não está interessada na ordem natural, mas na ordem simbólica, e considera que na família não há nada exclusivamente natural. O parentesco não compactua exclusivamente com a dimensão biológica, pois não basta conceber um ser ou possibilitar seu surgimento no mundo para garantir o elo. São necessários cuidados e, conseqüentemente, vinculação familiar. Não obstante, as relações ultrapassam inapelavelmente a consanguinidade configurando os lugares paterno, materno e filial, mediante a interação de papéis distintos, constituindo, assim, o paradigma de todas as relações que possam ser estabelecidas também fora desse aglomerado: entre grandes e pequenos, homens e mulheres, poderosos e fracos, com todas as suas nuances, sendo, portanto, um intermédio entre o indivíduo e a sociedade.

A existência psicossomática é uma realização, e, embora sua base seja uma tendência hereditária de desenvolvimento, ela não pode tornar-se um fato sem a participação ativa de um ser humano que segure o bebê e cuide dele. Um colapso nessa área tem a ver com todas as dificuldades que afetam a saúde do corpo, que realmente se originam na identificação da estrutura da personalidade. (WINNICOTT, 2002, p.10)

Figura 10 – A Família –  
AMARAL, Tarcila - 1925



<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2332/a-familia> Acesso em:  
04-06-2018

Constituindo uma praça estruturante onde se efetuam os primeiros vínculos afetuosos que marcam nossa vida e nosso curso psíquico, o cenário familiar, o desmame, a descoberta de que há irmãos ou a presença do pai revelando que não somos o objeto exclusivo da figura materna, é o início da redescoberta de quem somos e é desse modo que a criança adentra nos caminhos que a levam aos significantes que representam a presença e a falta do outro. Passagem geracional de uma renovação social, na qual o indivíduo se converte em membro ativo, valioso e autônomo dentro da

sociedade, doravante independente da mãe. O atual modelo de família dominante é o mais prevalente no mundo e na história, o que por muitas vezes é mal compreendido.

De acordo com a psicanálise, no cenário da aurora da vida, a criança necessita receber os cuidados provenientes das expectativas inatas do nascimento, ao se desvincular do paraíso uterino, o ser humano vive em estado de desamparo, apenas mitigado pelo apoio e cuidado dos pais, ou seja, absolutamente dependentes. Condicionado à dependência, o bebê em si tem sentimentos muito ambivalentes sobre os cuidadores, sentindo-se feliz e seguro em sua presença ou ainda rejeitando-os ou odiando-os, quando se sentem abandonados por eles. *“Um bebê a quem seguram bem é muito diferente de outro, cuja experiência de ser segurado não foi muito positiva.”* (WINNICOTT, 2002, p.30) Como regra geral, amamos como nossos pais nos amaram. Mas também odiamos como nos sentimos odiados e como um dia experimentamos ódio pelos nossos entes queridos. Dessa feita, abarcando os aspectos amorosos das relações entre pais e filhos, mas também pondo em relevo a rivalidade e a agressividade que habitualmente fazem parte da vida familiar.

Desde que nossa mãe nos amamenta, estamos adquirindo hábitos, costumes, modos de pensar, modos de falar que produzem as nossas estruturas afetivas. A herança familiar é um dos legados mais profundamente enraizados que temos em nosso inconsciente. Geralmente, pais derramam sobre os filhos os próprios defeitos, qualidades, frustrações, desejos, transmitindo o que gostariam de ser. Muitos pais oferecem às crianças o que pensam ser o melhor para eles, não o que os filhos gostariam.

Do meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo está sendo construída desde o início pela mãe, que oferece o que chamei de ambiente facilitador, isto é, um ambiente em que os processos evolutivos e as interações naturais do bebê com o meio podem desenvolver-se de acordo com o padrão hereditário do indivíduo. A mãe está assentando, sem que o saiba, as bases da saúde mental do indivíduo. (WINNICOTT, 2002, p.20)

A ideologia dos pais, seu modo de viver, será transmitida aos filhos desde o nascimento. Não vamos esquecer que os pais são o primeiro modelo de identificação, valores e de aprendizado do que é um homem e uma mulher. Deles aprendemos uma maneira de amar, odiar etc. Os ciúmes dos filhos estão carregados do ciúme que os pais sentem por um ou outro dos parentes, e é por isso que eles nos pesam tanto. Mas, no fundo, estamos apenas tentando selá-los, pois as primeiras relações são processos expostos sempre em carne viva. As famílias de várias crianças conhecem a cena: o bebê chega e a mãe terá que cuidar dele sem parar e o irmão grande se sente negligenciado. O segundo filho rouba o “show” do primeiro e

as reações das crianças mais velhas nem sempre são fáceis de administrar, mas depois é o mais jovem que tem ciúmes do mais velho, querendo ter direitos e privilégios que o outro experimentará primeiro.

Os sentimentos transmitidos pelos pais ficam gravados no inconsciente. Mesmo mais tarde com a incorporação do social, vão se somando pessoas a esses sentimentos, outros sentimentos. Não é que os afetos familiares possam terminar, mas a soma de outras formas de amar, pensar, odiar, pode transformar a vida, pode transformar a percepção dos afetos.

Dizer que a família é fonte de conflito significa que nela manifestamos pela primeira vez todos os sentimentos e afetos, permitindo a liberdade de desenvolvê-los ao máximo. *“Na psicologia do desenvolvimento emocional os processos de maturação do indivíduo precisam de um processo de maturação para que possam concretizar-se. Este ambiente de facilitação torna-se muito complexo.”* (WINNICOTT, 2002, p.20) Sabe-se que o afeto social civiliza nosso comportamento, quer dizer, a maneira de nos comportarmos no seio familiar é distinta do meio social. Havendo, certamente, a possibilidade de que irmãos ou irmãs mais novos sejam percebidos como rivais com potencial para apartar todo o amor e atenção dos pais. Os ciúmes entre irmãos preocupam os pais mesmo antes de surgirem os confrontos e todos querem impedi-lo, temendo que as tormentas desse sentimento possam poluir as relações entre seus filhos. Então, esforçam-se para fazer todo o possível para impedir que o filho mais velho sinta a queda da atenção que estará direcionada para o recém-nascido. Uma vez que, *“As principais coisas que uma mãe faz com o bebê não podem ser feitas através de palavras. Isto é obvio demais, mas também é algo muito fácil de esquecer.”* (WINNICOTT, 1957/2002, p.53) Da indiferença à franca hostilidade, o comportamento dos mais velhos evoca, de fato, a ideia de que o recém-chegado é considerado um intruso que toma um lugar que ele não deveria tomar! No momento em que a criança quer conquistar o mundo e tomar "todo" o lugar, o risco é maior de reagir de maneira agressiva ou regressiva.

Pode-se afirmar que a história do desenvolvimento infantil é uma história de dependência absoluta, que avança firmemente através de graus decrescentes de dependência, e vai, tateando, em direção à independência. Uma criança ou um adulto amadurecidos têm um tipo de independência que se mescla, de uma forma feliz, a todos os tipos de necessidades, e ao amor, o que se torna evidente quando a perda provoca um estado de luto. (WINNICOTT, 1957/2002, p.73)

A rivalidade entre filhos existe porque existem os pais, competem desde que nascem por amor e por garantir um lugar no seio da família. A disputa pode variar se mostrando sutil ou mais aberta, dependendo do momento, da idade, pode-se passar toda a vida rivalizando

ainda pelas sombras dessas primeiras experiências. O ciúme entre irmão e irmã é a coisa mais natural do mundo, a mais óbvia, a mais inescapável. Nós não só o mantemos e, ainda mais, o transmitimos de geração em geração. Nem todas as famílias facilitam ou permitem o crescimento de seus membros. Sentimentos como ciúme, inveja, culpa em excesso e igual amor, ódio reprimido, e outros fatores, tais como a não aceitação das diferenças entre os membros da família, imposição de critérios ou exemplos vividos pelos pais. Seja para repeti-los ou para evitá-los, eles interrompem o desenvolvimento que qualquer indivíduo precisa para conquistar seus próprios passos.

Os problemas do ciúme e da possessividade não são de fato problemas, mas sintomas – sintomas de que você ainda não sabe o que é amor. Acharmos que sabemos o que é amor e por isso surge o problema do ciúme. Não é isso. O problema surge porque não existe amor. Ele mostra que o amor ainda não brotou, mostra simplesmente a falta de amor. Por isso você não pode solucioná-lo. (OSHO, 1931-1990/ 2005, p. 36)

A insegurança da inexperiência também é responsável por essa dificuldade em criar espaço e desapego entre pais e filhos. *“É importante reconhecer o fato da dependência. A dependência é real. É tão obvio que os bebês e as crianças não conseguem se virar por si próprios, que as simples ocorrências de dependências passam facilmente despercebidas.”* (WINNICOTT, 1957/2002, p.73) Essa dimensão é essencial para qualquer desenvolvimento da vida psíquica, pois, nascemos com muitas funções que estão fora de nosso alcance. Além disso, quanto mais a criança confia nos pais, pode significar que seus cuidadores o ajudaram a construir uma segurança interna suficientemente sólida, a criança internaliza seus laços fraternos como vínculos afetuosos e cúmplices.

## 2.5 MURALHA DO CIÚME: INTINERÁRIO PSICANALÍTICO

Desde a infância até a idade adulta, o ciúme está presente em nossas vidas como algo natural. Entretanto, algumas pessoas realmente sofrem com esse afeto, vivendo conflituosamente com pais, irmãos, amigos e relacionamentos amorosos. Quando desmedido, as pessoas ciumentas poluem os próprios relacionamentos românticos e intoxicam a vida social. *“Cansado de tanto prever as infidelidades que julga adivinhar, ele espreita, desassossegado e ofegante, o mais íntimo sinal de desamor naquele a quem ama.”* (BLEVIS, 2009, p.15) Devemos assinalar que todos os acontecimentos desde a chegada ao mundo são potências poderosas de emoções, como raiva e inveja, que podem dificultar o desenvolvimento do vínculo adulto-criança e a identificação da criança com o adulto cuidador. Muitas vezes não nos damos conta de que somos parte de uma equação. Porém, é assim quase sempre. No fim oculto de muitas brigas ou desentendimentos, os outros querem que entreguemos a razão a um, elegendo, assim, o favorito. *“A distinção entre o mesmo e outro está no centro do ciúme amoroso: com efeito, os ciumentos, homens e mulheres, são perpetuamente acossados pela imagem de um rival do mesmo sexo, sempre adornado por eles com atributos que lhes faltam.”* (BLEVIS, 2009, p.23)

Os pais transmitem o que lhes foi transmitido, e o vínculo afetivo com a mãe é muito mais diferenciado do que com o pai. A mãe é a figura principal como modelo educacional afetivo. Em condições ideais, o recém-nascido está ligado à mãe e logo que descobre o pai se alinha com ele. Então, conserva o objeto materno como ideal de amor. Para as meninas, a situação é mais complexa: de igual modo nascem vinculadas a mãe e logo descobrem o pai, mas devem regressar à identificação com a mãe, enquanto conservam o pai na condição de objeto ideal de amor. *“O ciúme não está ligado apenas à perda efetiva daquele ou daquela a quem se ama, porém antecipa essa perda. E assim se confirma a total insegurança que corrói os ciumentos.”* (BLEVIS, 2009, p.19) O primeiro amor consta de um aborto da realização do desejo sexual incestuoso, como se houvesse entre pais e filhos um magnetismo essencial e, ao mesmo tempo, essa repulsa e ruptura irredutível.

O ciúme revela a angústia inerente ao fato de ser desalojado de um lugar que se acreditava conquistado; revela uma falha nos referenciais simbólicos que remete o sujeito aos frágeis limites dele mesmo. Essa suposição questiona as causas habitualmente invocadas na origem do ciúme adulto: este não é a simples repetição de um ciúme infantil, mas a consequência de um trauma precoce, sem dúvida inevitável, em certa medida, mas cujos efeitos continuam a se fazer ouvir dolorosamente na idade adulta.” (BLEVIS, 2009, p.92)

A criança encontra obstáculos: é pequena demais e seus pais têm voz, o que desperta temores e inseguranças. Assim, os efeitos subsequentes produzem sintomas de sofrimento no plano real, manifestando-se no estado de espírito, que espontaneamente emerge na percepção da tomada de consciência da vulnerabilidade que acompanha todos os vínculos. As crianças pequenas levam hábitos à diante, mas, à medida que crescem, elas podem revelar seus próprios gostos.

As estratégias de defesa diante da angústia que oprime quem se descobre abandonado são múltiplas, mas a ferida acarretada pelo desprezo atribuído àquele que vai embora é, para homens e mulheres, o que pode haver de mais vergonhoso e doloroso. Quando a pessoa que parte manifesta uma indiferença exagerada, é muito difícil, para o abandonado, não mergulhar num ciúme deteriorante. (BLEVIS, 2009, p.21)

O que resta é o modo como nos educaram. A forma de amar, a sexualidade, o modo de trabalhar, é transmitida e é algo que está em contínuo aprendizado. A herança real é ideológica. De acordo com o pai ou a mãe que tivemos e o entorno familiar, aprendemos uma ou outra forma de expressar nossa afetividade e lidar com as adversidades das relações, pois os óbices desses afetos nos acompanham no estabelecimento de todas as posteriores relações. *“Muitos ciumentos de ambos os sexos confessam que se entediam nos relacionamentos muito tranquilos. O ciúme lhes faz falta.”* (BLEVIS, 2009, p.24) Muito provavelmente tais pessoas apenas internalizaram uma forma ciumenta e turbulenta de lidar com os outros, e, por conta disso, um relacionamento tranquilo não lhes apetece. O problema é que isso pode acabar em uma extrema voracidade: primeiro me ame, então me ame e sempre me ame e me ame, vamos ver! Uma concepção bastante egoísta do amor, mas é o que nos ensinaram. Também é necessário amar-se, sem cultivar o amor próprio é impossível viver.

Ora, ninguém está em condições de satisfazer tamanha voracidade: todo mundo, mais cedo ou mais tarde, volta-se para seus próprios pensamentos. Mas esse pensar em si mesmo é uma ofensa para os ciumentos – ofensa que se esclarece quando buscamos com eles o verdadeiro envoltório que lhes faz falta. (BLEVIS, 2009, p.24)

A desordem pode ser violenta e reativa, a angústia do abandono e do medo de ficar para trás, causando a tristeza de perder um amor exclusivo e suficiente. Quando é o oposto: primeiro deve-se amar os outros para que se possa me amar. Esta seria uma nova concepção de amor que ninguém cuidou de nos ensinar, amor social: dar algo sem esperar nada em troca. As experiências de abandono vivenciadas durante a infância produzem traços indelévels na psique que são registrados como insegurança, vazio, prejuízo na autoestima, agressividade, retraimento ou dificuldades nas relações interpessoais.

Quanto mais nossos limites são elaborados com base em vínculos falsos e posições masculinas e femininas falaciosas, mais ficamos fadados a nos perder no ciúme. De fato, como uma radiografia, o ciúme revela a ausência de fundações em que tropeça a construção da identidade. (BLEVIS, 2009, p.93)

Acontece que a família nunca foi garantia absoluta para a segurança e tampouco para a saúde mental de seus membros. Esses fatos, evidentemente, entram em conflito, rompendo a crença de que há um senso nato de amor nas famílias consanguíneas. Ou seja, nossa única intenção seria atuar como intermediários entre o cliente e a empresa. É na esfera íntima e secreta da família que também acontece a maior parte dos relacionamentos violentos e abusivos. Existem momentos em que os pais naturalmente excluem as crianças, deixando-os à mercê de sua fantasia sobre o que os adultos fazem em privado. Ademais, a ausência provoca a competição com os irmãos pela atenção e afeto dos progenitores.

Ao seguir a hipótese de que a fonte do ciúme é um confronto violento com um outro que, ao mesmo tempo, é semelhante ao sujeito, o ciúme entre irmãos e irmãs apresenta o grande interesse de expor às claras uma vulnerabilidade que, em todos nós, sempre ameaça se despertar. (BLEVIS, 2009, p.93)

O ciúme fraterno é um sentimento natural e tão antigo quanto o mundo protagonizando desde Caim e Abel, muitas narrativas. Faz parte da ambivalência do ódio e do amor que configura as relações fraternas no âmbito alegórico. O ciúme, profundamente enraizado no egoísmo, prejudica, primeiramente e diretamente a caridade para com o próximo. É o orgulho que o faz conceber o desejo de ser preferido em relação aos outros, ou de obter a primeira posição na estima de alguém, competindo com um rival. É o orgulho que inspira o medo persistente de ser rejeitado ou de perder certas vantagens que possuía ou se considerava autorizado a possuir, com exclusão de outras, antídoto às pretensões egoístas do ciúme.

No entanto, essas frustrações não são danosas, pois podem promover a capacidade das crianças de pensar e elaborar gratificações, enquanto, ao contrário, nada mais nocivo que pais perfeitos, se é que existem, pois a autoridade dos limites sempre é a ação formativa da contenção dos impulsos, universo dinâmico que foge da casualidade psíquica. Conseqüentemente, ao crescer formando parte dessa trama, validamos como evidente e apropriado, de modo que as nossas condutas, sentimentos e pensamentos resultarão de acordo com essa configuração. Como exemplo do que buscamos transmitir, a relação de sujeição – mãe e filho – determina, em primeiro lugar, um particular vínculo, no qual a mãe exerce uma ação de apropriação da liberdade, da vontade, dos afetos e da vida do filho (a). A condição dessa sujeição determina que os filhos devam amar as cadeias que os atam. *“Com efeito, o*



*amor materno, longe de ser angelical, é um amor apaixonado, perpassado por violências inconscientes, por expectativas e rejeições, bem como por aplacamentos e afagos. É assim que a mãe se faz presente para o filho e o convida a viver.”* (BLEVIS, 2009, p. 136) Um poder capaz de regular nosso comportamento, mais além dos nossos desejos inconscientes. Essa dominação não é (unicamente) uma condição psicológica e política, mas, sobretudo, existencial. Nossas mães nos ensinam também de maneira inconsciente e nós carregamos esses valores e atitudes na nossa estrutura psíquica. Assim, *“A função materna é o lugar de uma mediação entre a criança e os ideais ou as proibições que concernem ao corpo, seus prazeres e suas dores. Através dela, todos os tipos de violência se propagam ou se aplacam”*. (BLEVIS, p. 138) Em suma, a mãe constrói em nós – de maneira inconsciente – nosso primeiro sistema de crenças, e dirige como devemos ser, a figura materna e paterna são nossos paradigmas de eleição de amor. Desse modo, tanto em nossa identidade quanto em nossas escolhas vinculares optamos através do filtro das pautas maternas.

As relações funcionam como um espelho. Sempre que nos colocamos na frente de outro e este desencadeia um reflexo, de forma que somente se formos capazes de nos reconhecer nessa identificação estabeleceremos um relacionamento com essa pessoa. Por que as pessoas nos acham agradáveis ou hostis, estabelecendo critérios valorativos, antes de efetivamente qualquer contato verbal? Pelo mecanismo de identificação. Apenas nos relacionamos com aquele com quem nos identificamos, seja para aceitá-lo ou rejeitá-lo. No ciúme do amor, a autoconfiança e as fantasias de fusão também estão em grande parte no ambiente familiar.

Assim, o ciúme materno coincide com o que foi dito sobre o ciúme filial. A mãe é sempre meio destituída, pelo nascimento do filho, da fantasia de formar com ele uma só pessoa. Conter a dor dessa perda, transformar seu ciúme na alegria de descobrir o futuro, é o trabalho amoroso que a mãe oferece a cada nascimento. (BLEVIS, 2009, p.136)

É claro que o sentimento de amor não se mistura com a ideia de compartilhar. Além disso, é lógico o suficiente querer ser o objeto do amor exclusivo do ente querido. Porém, alguns sofrem excessivamente e sempre ficam inquietos, obcecados pelo medo de serem abandonados, esquecidos, como filhos eternos que só poderiam viver graças à presença e atenção constante do outro. *“Exilados de si mesmos, com a linguagem infantil congelada por uma angústia intolerável, eles contemplam tristemente os outros, invejosos por ver neles impulsos afetivos menos amordaçados que os seus.”* (BLEVIS, p.26) Não há dúvida de que,

quando criança, não adquiriram essa autoconfiança e essa sensação de segurança que lhes permitiria considerar os laços afetivos, exceto como laços exclusivos e possessivos.

Na verdade, temos boas condições de destacar que o rival é tanto mais causador de ciúme quanto mais se assemelha ao ciumento, como se fosse um irmão; é odiado por ser amado demais. Imagem do irmão, do duplo, essa rivalidade nos leva à complexidade dos laços que unem a criança a sua mãe, sem dúvida, mas também a seus irmãos e irmãs, a tal ponto ela questiona, como todo o ciumento, o lugar que ocupa para a pessoa amada. (BLEVIS, 2009, p.25)

Há uma premissa que subjaz em qualquer situação de competição: “*ao vencedor as batatas*”<sup>12</sup> Por isso, transmitindo que há “*batatas*” suficientes para todos, ou melhor, amor suficiente para todos haverá rivalidade, mas com menor sofrimento. Sendo assim, devem-se evitar comparações ou tomar partido por um ou outro, atendendo suas necessidades, mostrando a aceitação das diferenças próprias de cada um. Muitas mães, e também pais, ficam presos em um vínculo que se fundem com o filho e não imaginam por um segundo que ele possa compartilhar seu amor sem sofrimento. Pensar de outro modo implicaria que eles mesmos emergissem em suas fantasias de fusão e imaginassem o compartilhamento como uma chance para a criança crescer e se afastar deles em silêncio, com confiança.

Podemos manejar nossa personalidade se pudermos nos identificar com outras pessoas, outros projetos, outros desejos. Hoje, quando a competitividade começa no jardim de infância, pode-se imaginar se a rivalidade e o ciúme provavelmente não aumentarão. Essa seria uma motivação adicional para imaginar sistemas educacionais baseados mais em compartilhamento e solidariedade do que em competição. É possível amenizar a rivalidade entre irmãos, ajudando-os a manejar e aprender muito com ela. No entanto, a maioria das vezes os familiares e a sociedade reforçam a disputa com discursos lidos como naturais.

Na base, o ciúme é uma emoção humana como qualquer outra. Amar é manter o desejo de que o ente querido permaneça sempre por perto e o ciúme é não suportar vê-lo feliz na presença de outros. Certamente, há famílias em que o ciúme parece passar de uma geração para outra, mas a genética não tem nada a ver com isso, os hábitos e costumes familiares provavelmente sejam muito mais determinantes como fator hereditário familiar. Como todas as emoções, o ciúme pode ser contagioso: não é raro alguém se identificar com um pai ou uma mãe ciumenta (o) e abraçar aquelas emoções e emoções onde a liberdade interior do outro, seu mundo íntimo são experimentados como ameaçadores.

---

<sup>12</sup> *Quincas Borba* - Machado de Assis

## 2.6 O CIÚME DOMÉSTICO: VIOLÊNCIA NA PORTA DE CASA

A violência doméstica está em ascensão. Quando um indivíduo cresce em um ambiente onde presencia constantemente maus-tratos seja dos pais, irmãos ou outros cuidadores, tal pessoa acreditará que um cotidiano violento é algo passível de aceitação. Dessa forma, não achará incomum ter um relacionamento com características similares e irá peremptoriamente repetir o ciclo de maus-tratos, seja como autor ou vítima de violência. Em particular, o ciúme é uma das razões mais frequentemente citadas para justificar o mau comportamento de homens (e mulheres) em seus relacionamentos românticos. Embora as agressões físicas ou sexuais e, por fim, a morte sejam os fatos mais visíveis, a violência doméstica tem características próprias que a diferencia de outras modalidades de agressões. A violência conjugal raramente acontece sem aviso. Geralmente, o clima de violência se instala gradualmente no casal e, mesmo quando o dano é causado, os momentos de violência são frequentemente seguidos por episódios idílicos e períodos de relativa paz. É isso que torna a violência doméstica particularmente perversa e faz com que as vítimas dela geralmente caiam em profunda confusão.

A ambivalência, portanto, não explica realmente o vaivém incessante do ciumento entre o amor e a angústia, entre o impulso amoroso e a fúria ante a ideia de ser traído. Essa espreita permanente não é um sinal de amor, de tal modo que já se pôde acreditar que os ciumentos eram mais hostis do que apaixonados. (BLEVIS, 2009, p. 41)

Algumas pessoas acreditam erroneamente que a violência doméstica preocupa quase exclusivamente pessoas de contextos desfavorecidos ou de culturas mais machistas. No entanto, nenhuma mulher (ou homem) é imune à violência doméstica. E é por isso que todos devem aprender a reconhecer os sinais de alerta. Quando tratamos sobre esse tipo de violência, não referimos apenas à violência física, mas também a certos comportamentos de poder e controle. Às vezes, não é fácil detectá-los, porque a princípio eles são muito sutis e podem ser confundidos com sinais de afeto, pois vão além do insulto direto ou força física. É muito raro que isso ocorra desde o início de um relacionamento, pois é difícil imaginar uma pessoa entrando em contato com alguém que a molestou desde o primeiro encontro. Há sinais que, diferentemente do abuso verbal ou físico, não parecem tão ruins, fazendo parte das agressões invisíveis que passam despercebidas.

O ciúme é orientado culturalmente e esse aprendizado tem uma forte conotação sexista, homens e mulheres aprendem a reagir de maneira diferente perante o ciúme,

especialmente no que concerne a seus relacionamentos nas sociedades patriarcais. Segundo as estatísticas,<sup>13</sup> grande parte de nossa população masculina responde a separações entre casais, acessos de ciúme e conflitos com o uso de violência psicológica, física e verbal. Sob a influência do ciúme, uma pessoa pode chegar ao extremo de querer matar ou morrer. A presença contínua e alarmante de assassinatos conhecidos por “feminicídios” em nosso país mostra os altos níveis de violência, sobretudo de autoria masculina que quase sempre são calcadas em argumentos passionais.

Uma pessoa com um grau elevado de ciúme é divertida por um par de horas, mas rapidamente se torna inabitável. Deter-nos-emos aos ciumentos do sexo masculino: ele é possessivo, paranoico, pede que seu par seja “*responsável*”. Sua atitude muitas vezes esconde uma grande falta de autoconfiança. Ele insistentemente aconselha o que vestir e / ou como se arrumar: “*eu gosto do vestido, embora seja um pouco curto, não é? "hehe"*”; “*você é muito bonita, embora com uma cor labial mais discreta fosse melhor*”; “*Gosto da sua camisa, mas o decote não é muito desconfortável?*”. Etc. “*O ciúme sexual se manifesta, via de regra, em torno do tema da visão. Há uma importante diferença na natureza sexual do homem e da mulher no tocante ao desejo visual. Este é muito mais intenso nos homens.*” (GIKOVATE, 1998, p.111) Quando sai para um evento social e seu par encontra alguém conhecido, o ciumento emite comportamentos projetados para “*marcar o que considera seu território*”: sendo, por exemplo, excessivamente carinhoso quando o momento não exige; tocando ou beijando apaixonadamente a outra pessoa em momentos ou lugares impróprios; suas reações podem mascarar descaradas cenas de assédio. Depois de algum tempo, desabrocha e é agressivo.

Uma pessoa ciumenta pode ser agradável, mas raramente será admirável, pois não desenvolveu habilidades para ser gestora da própria emoção. Parceiros agradáveis podem dar-se muito bem na cama, mas ter uma convivência difícil, sem conseguir respeitar a opinião do outro, divergir de forma inteligente e contribuir mutuamente para a relação. Querem ganhar a disputa, e não conquistar-se um ao outro. Na ausência de focos de tensão, vivem no céu do afeto, mas quando são contrariados fecham o circuito da memória, não raciocinam, vivem num inferno emocional. (CURY, 2017, p.27)

A violência pode ser física (espancamento, tapa, empurrão, agressão sexual, etc.), mas também pode ser uma explosão de raiva particularmente brutal ou outra forma de violência psicológica, tão dolorosa quanto à força física.

---

<sup>13</sup> Segundo dados do Relógios da Violência, órgão vinculado ao Instituto Maria da Penha, a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física. (APUD, SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.)

A definição rigorosa de ciúme, ainda que puramente descritiva, é difícil de ser feita. O sentimento é composto de vários ingredientes, sendo que o primeiro é o de sentir-se traído, ofendido, desrespeitado em algum direito ainda que vago e indefinido. Tal estado determina uma reação de raiva e desejo imediato de vingança. (GIKOVATE, 1998, p. 110)

Enquanto em pequenas doses, o ciúme pode ser considerado uma prova de amor, quando desmedido ou doentio atrapalha e o ciumento não hesita em seguir, procurar pertences, ligar várias por dia apenas para ter certeza de que a outra pessoa está onde precisa estar – premissas como: *"Onde você está?"*, *"Com quem?"*, *"O que você está fazendo?"*, *"A que horas você volta?"* fazem parte do cotidiano. Percebe situações a partir do seu prisma e não deixará de acrescentar diversos detalhes confusos para destacar sua razão. Sua convicção é tal que, às vezes, faz o outro se perguntar se, de fato, não teve um comportamento ambíguo. E então está, sentindo-se culpado, passando os detalhes repetidamente e questionando as suas certezas. É capaz de passar a vida procurando sinais de uma potencial infidelidade que a priori existem em fantasias de insegurança. Todas as situações que o excluem disparam seu ciúme. *"Nos sentimos humilhados e irados. Sentimos um desejo imperioso de interferir na conduta do outro, prejudicando ao máximo seus passos na direção de estabelecer algum novo relacionamento."* (GIKOVATE, 1998, p. 113)

Está convencido de que, assim que estiver distante, seu objeto de desejo escapará. Ele realmente não tem medo de um rival em potencial, mas sim da sensação de que a outra pessoa está se afastando para os braços de um terceiro. Ele não suporta que seu par desvie a atenção para com ele. *"O sentimento de posse nos autoriza a tentar afastar da pessoa amada todas aquelas criaturas percebidas como rivais, como criaturas que poderão roubar uma parte da atenção que consideramos propriedade nossa."* (GIKOVATE, 1998, p. 121)

Ninguém merece vir antes do ciumento, pensando que o outro está disponível para prestar homenagem e o admirar. Caso contrário, ele não entende e identifica o menor sinal de imparcialidade como uma ausência de amor ou interesse por outrem. Cada uma de suas ações pode ser mal interpretada e suscitar suspeitas. Como reagir em um território repleto de ciúmes? Muitos acreditam que as vítimas de violência são pessoas fracas, sem caráter ou vontade própria. Outros acreditam que esse tipo de situação só acontece com sujeitos pobres, provenientes de famílias problemáticas e que nunca aprenderam a se defender. A realidade, no entanto, é muito mais complexa.

O ciúme é um sentimento que existe em qualquer relacionamento, seja em família, entre colegas, amigos e entre amantes. Todavia, o desejo de vingança no campo privilegiado

do sentimento de ciúme é naturalmente o dos relacionamentos românticos, especialmente os conjugais. Quando mentiras e traições surgem, as consequências tendem a ser dolorosas e devastadoras. O efeito do ciúme, o sentimento de traição e o desejo de vingança são forças motrizes que podem causar desastres, tanto individualmente quanto socialmente. Ao nos referirmos a isso, estamos apontando para as experiências da infância, adolescência e vida adulta. Nas crianças, desde muito cedo, principalmente em relação à mãe, mas não apenas, o vínculo emocional da ligação exclusiva fornece o primeiro modelo de um apego visceral. Uma vez que *“do ponto de vista da criança, ela e a mãe são uma coisa só. Depois, com o desgarramento que os fatos vão mostrando como inevitável, a mãe não é mais ela: passa a ser dela. Estabelece-se, assim, um desejo de apropriação de uma parte que um dia foi ela.”* (GIKOVATE, 1998, p.120)

Os adolescentes também têm múltiplas oportunidades de constituir o terreno fértil para muitas ilusões, decepções, excitações agradáveis, mas também sofrimentos ocultos, em sua natureza evolutiva dos conflitos existenciais e interior difícil de conter emocionalmente. Eles experimentam dependência emocional de relacionamentos amigáveis e amorosos abundantes, porém incertos, que caracterizam essa era da vida. Quando adultos, os efeitos diversos desde a "posse", controle, fidelidade e segurança são afetivamente implantados e expressos em seus vínculos de apego.

O ciúme é um sentimento que nos leva a agir tentando limitar os direitos da pessoa à qual estamos ligados. É, pois, um ingrediente da nossa subjetividade que se posiciona em oposição à liberdade individual, atribuindo ao seu portador uma boa desculpa para tentar restringir os passos de uma outra pessoa. Quase sempre se exerce em nome do amor. Sabemos que esta palavra é mágica: tudo é válido, possível e digno, desde que seja devido ao amor. (GIKOVATE, 1998, p. 109)

Mulheres e homens de todas as condições físicas e morais, de todas as origens sociais, de todas as etnias, que possuem níveis variados de educação, de diferentes idades e de quaisquer culturas podem se encontrar nas garras do ônus da posse, uma vez que aprendem desde a infância ensinamentos, como: *Quem não sente ciúme não ama...* "Qui non zelat non amat" – como afirmou Santo Agostinho, no século XIV. Juntamente com outros padrões culturais que moldam, por exemplo, a masculinidade, como a honra, virilidade e violência. Esse círculo de posse, ciúme e amor é um dos principais gatilhos da violência de gênero, pois os ciumentos, quando inseguros, podem lançar dúvidas e ciúmes nas pessoas que desejam, corroendo os corações e envenenando o sangue com a mesma virulência de uma doença que mina as defesas afetivas. A palavra alemã para ciúme é *Eifersucht* e significa, literalmente, vício (ou doença) que arde.

Geralmente, quando abordamos o assunto da violência doméstica, nos referimos às vítimas do sexo feminino e agressores do sexo masculino. Aqui, novamente, é aconselhável lembrar que delimitamos o nosso foco para, sobretudo, o ciúme amoroso masculino, porque a realidade tão logo não cessa, mesmo que a maioria dos casos mais violentos se enquadre nessa categoria.

A manifestação do ciúme e da violência doméstica pode ocorrer entre todos os casais, independente do gênero. A violência feminina é tão perigosa quanto à violência masculina e pode deixar um sério impacto psicológico ou físico no parceiro. Uma relação que faz sofrer e diminuir dia a dia a autoestima, sendo capaz de anular uma pessoa psicologicamente, quando não fisicamente. Esse tipo de relação vai minando e tornando o outro cada vez mais débil, independentemente do perfil da vítima. Contudo, violência e ciúme não contemplam a esfera considerável real do amor, pelo contrário: *“o ciúme não traz consigo nenhum ingrediente construtivo e nem é peça importante do fenômeno amoroso.”* (GIKOVATE, 1998, p.109) Quando se tem sorte o suficiente para encontrar alguém com a intenção do amor dentro de si, não há espaço para que a violência e o ciúme tome conta da relação, pela razão de que amar implica preservar o seu objeto e confiar, sobretudo, em si mesmo.

## **CAPÍTULO III – CLÍNICA DO CIÚME: OLHARES PSICANALÍTICOS**

### **3.1 ALGUNS MECANISMOS DO CIÚME SOB A ÓTICA FREUDIANA**

Sigmund Freud (1856 – 1939) abriu caminhos de possibilidades inexploradas que a ciência até então desconhecia. Além de ter fundado a psicanálise no final do século XIX, Freud deixou um legado teórico muito rico no qual explora o inconsciente, os sonhos, a sexualidade e muito mais. Desde a infância cultivou enormes ambições, sonhando em ser um cientista, em mudar o mundo. Quando Freud alcançou a idade adulta, estudou filosofia e medicina e tornou-se neurologista em Viena. Em 1885, ele partiu para Paris, onde participou dos experimentos de hipnose em frente ao público coordenados pelo professor Jean-Martin Charcot (1825 – 1893). A observação das práticas de Charcot e sua colaboração com o médico Josef Breuer (1842 – 1925) levaram Freud a interessar-se pelas origens dos diferentes sintomas de seus pacientes. Médico e clínico foi antes de tudo um terapeuta, e é nessa perspectiva prática que a psicanálise, um método psicoterapêutico baseado na análise da transferência se consolidou. Quando Freud instaura a psicanálise, não se trata apenas de um método de tratamento ou de uma teoria, ele está acima de tudo pondo em relevo ou validando a experiência universal que seria o sofrimento psíquico. Um sofrimento relacionado à subjetividade. Freud foi o primeiro a argumentar que a maioria dos mecanismos mentais que determinam nossos pensamentos, emoções e sentimentos são inconscientes.

É importante destacar que, além de originar a disciplina, Freud se manteve contribuindo ao longo de todas as variações dela. A transformação em seu método de análise psicológica tem a ver com o pedido de uma paciente para deixá-la falar. Freud estabeleceu certo estilo de interpretar o que se passa com as pessoas. Dessa maneira, a psicanálise levou o seu discurso muito adiante do discurso centrado no indivíduo. Assim, no século XIX, Freud, em uma sociedade predominantemente dirigida por homens, atreveu-se a ouvir suas pacientes do sexo feminino e pôde aprofundar-se nas manifestações psíquicas do sofrimento humano sob uma nova perspectiva. Conceitos como os de inconsciente, conflito psíquico, sexualidade infantil e recalque, foram alguns que ele utilizou para dar conta da formação dos processos psíquicos que levavam a sintomatologia histérica ou neurótica, entre outros sofrimentos que não pressupunham uma etiologia orgânica. Freud demonstrou que a questão sexual está intrínseca peremptoriamente nas ações humanas. Porém, a relação determinante da



sexualidade no comportamento humano já vinha sendo expressa nos apontamentos de intelectuais de diversas áreas, desde o núcleo científico, filosófico e até o artístico.

Explorando o inconsciente, ainda pouco conhecido no final do século XIX e início do XX, Freud o concebeu como um sistema do aparelho psíquico, contendo representações reprimidas que configuram a experiência subjetiva de cada indivíduo. Segundo a perspectiva da psicanálise freudiana, não apenas nossa vida mental é governada pelo inconsciente, mas nossos pensamentos inconscientes são controlados pelo princípio do prazer; expressão de impulsos primitivos. Freud acreditava que, dependendo de como controlamos nossos impulsos sexuais durante a infância e de como os reprimimos, podem ou não ser a causa de muitos males aparentemente inexplicáveis da vida adulta.

O ciúme é um dos sentimentos que possui uma importância determinante na fase da infância, mais especificamente, no complexo de Édipo, pois nesta fase ocorre o momento da transição do profundo apego que a criança nutre com os pais para o desapego e os primeiros passos para os caminhos da independência e estabelecimento das relações para além do casulo familiar. E, não menos importante, da transcendência dos vínculos emocionais que constitui um ensaio para as relações da fase adulta. O ciúme parece ser caracterizado como um sentimento, um afeto que é considerado invasor, devastador e tirânico. Quando o ciúme se apodera de um sujeito, ele não aparece na metade da medida; é tudo ou nada. O sujeito sente uma sensação de frustração e privação. O ciúme não é o que acompanha a escolha do objeto, mas o que o condiciona imperativamente. A pessoa ciumenta encena a tragédia de sua suspeita, persegue, inventa, observa, para descobrir o que o outro está ocultando, observa os momentos que o outro poderia ignorá-lo, chegando às vezes a antecipar situações que vê como distantes ou ameaçadoras.

Antes de abordar as formas patológicas do ciúme em um artigo em 1922, intitulado *“Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade”*, Sigmund Freud sublinha imediatamente tal sentimento como parte de “emoções normais”, de modo que ele inicia afirmando: *“O ciúme é um dos estados afetivos que, como o luto, podem ser designados como normais”*. Sendo um sentimento normal e fatal nos relacionamentos românticos, é também um estado cuja evidência parece imediata. Freud observa que *“Quando parece estar ausente no caráter e na conduta de alguém, justifica-se concluir que sofreu uma forte repressão e, por isso, tem um papel tanto maior na vida psíquica inconsciente.”* Assim, reprimi-lo o torna ainda mais poderoso. Todo mundo é potencialmente ciumento e, portanto,

numa intensidade esporádica, não há com o que se preocupar com a presença do ciúme. No entanto, a respeito da sua forte presença ou ausência não se pode afirmar o mesmo.

Este texto de Freud é, portanto, valioso por seus *insights* clínicos e teóricos. Sua jornada parece ligada às mudanças metapsicológicas em que a retomada de temas antigos encontra-se em trânsito – paranoia, homossexualidade, bissexualidade – obedecem a uma lógica profunda, abrindo novas perspectivas. A psicanálise, no entanto, dá uma explicação diferente para o ciúme que, em maior ou menor grau, sofre toda a humanidade, uma vez que somos todos dotados de ciúme por natureza. Sua aposta central constitui no mecanismo da projeção e as variações em sua função defensiva revelam seu valor como um processo estruturante, dialeticamente ligado a processos introjetivos. Tanto no trio edípiano do ciúme bissexual, quanto na dupla intersubjetiva do ciúme projetivo, surge o problema identificatório que será debulhado em "Psicologia das massas" e "O ego e o id". Não é incomum considerar que o parceiro, se não ciumento, não está apaixonado. Isso define o escopo e as complexidades inconscientes do ciúme.

Diz-nos Freud que o ciúme pode assumir três formas principais cuja complexidade vai aumentando desde as mais inócuas às patológicas, sendo elas: normais que se compõem por uma tristeza ou dor, por acreditar que o seu objeto se vai com outro, gera, ainda, uma ofensa ao narcisismo e um caráter hostil. É a dor de saber ou acreditar que o objeto do amor está perdido. Dentro dos grupos sociais tais ciúmes se estabelecem como códigos de conduta das relações, acompanhado de tristeza e dor, ofensa narcisista, sentimento hostil (ao rival preferido pelo outro) e uma baixa autoestima. Os ciúmes dessa natureza formam o sistema adaptativo na vida das pessoas, pois é um sentimento humano e constitutivo do humano, que se produz desde os braços maternos. Freud qualificou tais fenômenos de normais, ainda que sejam normais não significa que tenham uma causa justificada, assim, *“profundamente enraizado no inconsciente, dá continuidade aos primeiros impulsos da afetividade infantil e vem do complexo de Édipo ou do complexo de irmãos do primeiro período sexual.”* (FREUD, 1922/2011, p. 210) Esses ciúmes podem surgir de circunstâncias que não são atuais, se não, que tem a ver com a própria pessoa, mas com a sua infância – com a maneira como esses afetos se instalaram e se constituíram pela primeira vez em suas raízes inconscientes.

O segundo tipo de ciúme é o projetado, o mecanismo de projeção é um mecanismo psíquico complexo, porém consiste em projetar no parceiro coisas que em nós não gostamos. O ciúme projetado é a colocação em jogo de um processo inconsciente, a projeção de um

desejo de enganar reprimido. Nasce de uma tendência a infidelidade da própria pessoa que pode ser que simplesmente tenha fantasiado. Os seres humanos não podem escapar da sua instância psíquica e somente em pensar ou fantasiar algo já é angustiante, uma maneira de enganar a consciência moral é projetar no outro o próprio desejo e, dessa maneira, encontrar certo alívio moral, mas muito escasso. Assim, *“Obtém esse alívio, essa absolvição perante sua consciência, quando projeta seus próprios impulsos à infidelidade no parceiro ao qual deve fidelidade.”* (FREUD, 1922/2011, p. 211) Uma vez que toleramos muito mal as nossas tendências normais à infidelidade, nossos desejos e nossas fantasias nos punem e, para evitar tais castigos, direcionamos, ou melhor, projetamos para o outro.

O terceiro tipo que define Freud é o ciúme delirante, caracterizado pelo desejo de infidelidade que se volta para um parceiro do mesmo sexo que o sujeito. De acordo com Freud, o ciúme como um transtorno está no quadro das psicoses, um ciumento enfermo faz com que a vítima sinta que suas reações correspondam a gestos de afeto e quando matam são céticos: "matei por amor". O ciúme é considerado patológico a partir da sua intensidade e também se caracteriza pelo sofrimento que vive essa pessoa e pelo grau de interferência que investe na vida do seu parceiro. Todavia, muitas pessoas vivem toda uma vida fervilhando seu alto grau de ciúme sem nenhuma intervenção terapêutica e causando muito sofrimento. O grande ciumento, como o paranoico, é o sujeito que está sempre certo. Trata-se de uma enfermidade grave; transtorno delirante já reconhecido e considerado pela psiquiatria, psicologia e psicanálise, que pode culminar no assassinato ou suicídio, e grande parte dos homicídios que surge entre casais é por conta de tal nível.

O ciúme delirante é produzido por causas inconscientes que estão extremamente reprimidas na criatura ciumenta e também tem relação com projetar no outro o próprio desejo, mas ainda, desejos homossexuais. Assim, pessoas extremamente moralistas que reprimem tanto sua humanidade; suas fantasias acabam convertendo-se em delirantes. Esse ciúme está baseado numa fantasia homossexual que está reprimida e que a pessoa não tolera desejar algo por outra do mesmo sexo, passando a fantasia para o parceiro. *“O ciúme delirante corresponde a uma homossexualidade desandada, e justificadamente toma seu lugar entre as formas clássicas da paranoia.”* (FREUD, 1922/2011, p. 213) Como um problema interno, às vezes o ciúme aparece porque em realidade é o que a pessoa quer fazer; não aceita que está sentindo tal desejo e, por conseguinte, acusa o outro *“Como tentativa de defesa de um impulso homossexual extremamente forte, ele pode ser descrito (no homem) com a seguinte fórmula: “Não sou eu quem o ama, é ela.”*” (FREUD, 1922/2011, p. 211) A ambivalência

sentimental sempre existente procuraria a base no ódio intensificado pelo incumprimento das aspirações amorosas e a ambiguidade sentimental serve, assim, para o perseguidor rechaçar a homossexualidade com o ciúme, reconhecendo a infidelidade do outro para manter inconsciente a sua própria fantasia de traição. É Freud que imediatamente sublinha o ciúme projetivo (que atribui ao parceiro sua própria tentação à infidelidade) a ciúme sintomático como uma forma de paranoia. Isso leva ao paradoxo de que o ciumento pensa pelo menos tanto no rival quanto no objeto amado, revelando sua origem homossexual.

Freud acrescenta que o flerte é um mecanismo de defesa frente à verdadeira infidelidade, pois está permitido socialmente e, numa sociedade em que a infidelidade é malvista, um permite que o seu objeto flerte com outro e produza uma chama de desejo entre o casal, e a satisfação deve ser assumida entre o próprio casal. Assim sendo, *“A convenção estabelece que nenhum dos dois deve considerar os pequenos passos do outro na direção da infidelidade, e geralmente consegue que o desejo provocado pelo novo objeto encontre satisfação no próprio objeto, num certo retorno à fidelidade”*(FREUD, 1922/2011, p. 212) Partimos, portanto, desse afeto vinculado ao amor – uma vez que expressa um apego exclusivo que ofende todos os outros e se organiza em torno de uma obsessão pela infidelidade. Logo, *“o indivíduo ciumento não quer admitir essa tolerância convencional, não acredita que haja uma parada ou uma volta no caminho encetado, que o “flerte” social possa representar um seguro contra a real infidelidade.”* (FREUD, 1922/2011, p. 212) A dimensão inconsciente do ciúme leva ao coração do sujeito o desejo de ser tomado em relação ao outro e ao Outro. Portanto, é aquele que se vê feliz proprietário do objeto amado.

O ciúme vem da alteração da psique que desencadeia a raiva, por causa de um compartilhamento do que deve ser exclusivo. Na realidade, o fenômeno do ciúme é muito mais complexo e, mesmo que o desejo de possuir o ente querido seja fundamental, Freud revela-nos que não é o único componente. De fato, encontramos casos insanos em que alguns homens sentem ciúmes de todos aqueles que aparentemente se relacionam com sua esposa ou, inversamente, mulheres cheias de desprezo por aqueles que atendem seu marido, apesar da natureza estritamente platônica de seus relacionamentos. Além disso, amor e ciúme não são necessariamente complementares, para tentar entender se e em que medida o ciúme vai além do simples fenômeno amoroso. Adentraremos ao fenômeno psíquico, buscando interpretá-lo, uma vez que a vasta literatura da psicanálise nos testemunha caminhos e possibilidades de elaborações analíticas.

### 3.2 CIÚME NO DIVÃ– ENLACES ANALÍTICOS

Jacques Lacan (1901-1981) que, retomando o estudo de Freud de 1922 citado anteriormente “*Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade*”, apresentará, dez anos mais tarde, em 1932 em sua tese de doutorado intitulada “*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*”, o caso conhecido pelo nome de sua paciente *Aimée*. Este um dos casos mais famosos da história da psiquiatria e da psicanálise, sobretudo por duas razões: a primeira é que este caso representou a base da tese de doutorado de Jacques Lacan e a segunda é que ele contribuiu com um enorme progresso no que era conhecido como “*psicose paranoica*”. Jacques Lacan provavelmente é o maior representante da psicanálise depois de Sigmund Freud, pois seus postulados levaram a avanços significativos na psicanálise clássica e preciosas contribuições na prática da psiquiatria como um conhecimento médico apoiado em hipóteses no campo da neurociência. Lacan interpreta da psiquiatria à psicanálise o que Freud já havia lido da psicanálise à psiquiatria.

*Aimée* é o nome fictício de uma mulher que está internada no Hospital Saint Anne, onde Lacan cuida dos enfermos e faz suas observações clínicas. Ela é julgada pela tentativa fracassada do assassinato de uma atriz, está hospitalizada e, dado o seu estatuto como delirante, é encaminhada para tratamento. Na busca de explicar a *psicose paranoica* e a *paranoia autopunitiva*, Lacan parte da análise desta paciente, cujos delírios paranoicos abundam ciúme e erotomania. O jovem médico psiquiatra Jacques Lacan explicitará em sua tese de 1932 o conceito de paralelismo problematizando a relação entre o cérebro e as imagens, supondo que a personalidade poderia ser “paralela” aos processos neurais. Nesse contexto, Lacan se ampara nos autores Jakob Von Uexküll (1864 - 1944) e Baruch Spinoza (1632 - 1677), arquitetando uma versão de paralelismo propriamente lacaniano. Seu estudo “*Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*” é uma tese extensa, embora na realidade o trabalho seja organizado em torno da monografia sobre *Aimée*. Lacan conhece *Aimée* no hospital onde trabalhava Saint Anne, cuja observação rigorosa o leva a definir um novo grupo dentro da paranoia: a paranoia de autopunição. Com sua tese, Lacan utiliza o método freudiano aplicado às psicoses e faz uma oposição entre o realismo da psiquiatria francesa (clínica do olhar) e o uso da história do sujeito (clínica da escuta).

O que pretendemos enfatizar na tese de Lacan é a sua observação aguçada: uma vez que *Aimée* teve o seu delírio arrefecido durante a hospitalização. Contudo, quando ela percebe que havia atacado uma pessoa inocente, seu delírio desaparece. Isso leva Lacan a afirmar que seu caso é uma "paranoia autopunitiva". No caso de *Aimée*, o ataque falhou e a paciente não mostra satisfação especial: nada mudou do lado da vítima, mas algo do lado do agressor. A partir da desilusão de perseguição e grandeza do reconhecimento legal pelo outro social, dá consistência ao ser dela, funda uma armadura mínima ao Eu que até então derramara o ato em delírio.

Seja como for, os distúrbios do juízo, que em uma paciente como a nossa resultam dessa predominância da atividade imaginativa, não revelam estrutura racional em sua origem, nem em seu desenvolvimento. Sua fonte assim como sua expressão são essencialmente de natureza afetiva. Não correspondem a nada de abstrato, mas a uma certa posição do sujeito face às realidades interna e externa. (LACAN, 1932/1987, p. 243)

Mas o que o ciúme tem a ver nesse caso apresentado por Lacan? Para isso, é inevitável recorrer ao ensaio sobre o estágio do espelho que teve versões diferentes a partir de 1936. É o ápice do nascimento do Eu a partir do espelhamento no olhar do outro, a imagem da criança no espelho e a do outro constituem uma única instância, o Eu ideal, pois, na fase do espelho, o ego é formado a partir da imagem do outro. Por conseguinte:

Este momento onde acaba o estágio do espelho inaugura, pela identificação à imago do semelhante e o drama do ciúme primordial (tão acertadamente ressaltado pela escola de Charlotte Bühler nos fatos de transitivismo infantil), a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (LACAN, 1949, n.p.)

De fato, aquele outro que olha para nós por trás do espelho e nos cativa, logo aprenderá que é ele a imagem do eu. Retornar para Freud e sua teoria do narcisismo, ao afirmar que o estágio do espelho narcísico opera através da identificação da criança a uma imagem, corroborada pelo olhar de um terceiro Eu de ordem constitutiva. Mais tarde, ele acrescentará que é necessário situar-se no lugar do Ideal do Eu, a partir do qual se deve examinar a incidência do simbólico sobre o narcisismo do Eu Ideal. Isso significa não se olhar de maneira alguma.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que decisivamente projeta em história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência à antecipação que, para o sujeito, preso na ilusão da insuficiência espacial, maquina os fantasmas que se sucedem de uma imagem do corpo fragmentado a uma forma que chamaremos ortopédica de sua totalidade e à armadura enfim assumida de uma identidade alienante que vai marcar com a sua estrutura rígida todo seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949, n.p.)

É uma condição necessária, mas insuficiente, porque cada vez que alguma imagem corporal ocorre como distúrbio, incide no espelho fornecido pelo outro. E, como tal, é essencial para a recuperação de fraturas psiquicamente construídas. O outro texto que colocamos em continuidade com o estágio do espelho é *"Agressividade em Psicanálise"*, publicado em 1948, que pode nos esclarecer sobre a questão do ciúme. Nestes textos, Lacan afirma que o eu é o efeito da identificação de uma imagem, a do espelho cuja operação responde à alienação a ela, alienação que conduz diretamente para a questão da agressão de tal modo que o espelho representa a separação em que a agressão é dirigida a outro para chegar à diferença entre o eu próprio e o "outro eu".

Do mesmo modo, confundem-se os dois momentos em que o sujeito nega a si mesmo e acusa o outro, e neles descobrimos a estrutura paranoica do eu que encontra sua analogia negações fundamentais valorizadas por Freud nos três delírios, o do ciúme, o da erotomania e o de interpretação. Trata-se, justamente, do delírio da bela alma misantrópica, que rechaça para o mundo a desordem que compõe seu ser. (LACAN, 1948, n.p.)

Se o ciúme engloba toda a gama de escolhas de amor, do lado do entendimento elas não se concretizam, já que há o reconhecimento de sua condição de ser incompreensível. Mas, para os analistas, é inevitável pensarmos sobre o motivo deles. Sua fundação deve ser encontrada na própria estrutura de todo ser falante. Como eles são de suporte da "traição" da "infidelidade", o apelo a um terceiro revela que o amor é condimento paranoide, entre outros e, tomando-se os textos citados por Lacan e o que lemos em Freud, a função espelho e a agressividade caracterizam-se pela linha sutil e paradoxal envolvendo primeiro o modelo instituído por outro que é impregnado com um corante paranoico.

De acordo com a hipótese freudiana, o ciúme é experimentado cedo porque se enraíza na vida sexual das crianças. Esse tipo de ciúme se referia Freud em seu ensaio de 1910: *"Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens"*. Neste ressalta que a mulher casta e de reputação irrepreensível não será um objeto atrativo na eleição de determinados sujeitos, pois a escolha feita por certos homens de mulheres "fáceis" desperta o ciúme que eles tentam mitigar, salvando-os do lugar degradado que têm na esfera social, recuperando o narcisismo viril através do heroísmo.

Enquanto a primeira condição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada, a segunda, a da mulher se assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo. Sua paixão só atinge o apogeu e a mulher só adquire pleno valor quando, apenas, conseguem sentir ciúmes e eles nunca deixam de aproveitar a ocasião que lhes permita experimentar essas emoções tão poderosas. (FREUD, 1910/1996, p. 2)

Lembremos que no texto "Uma criança é espancada" (1917-1918), as três fases dela, cujas sentenças são indicativas de uma lógica tal que a punição e amor dado por um pai passam pela fase intermediária cuja frase "meu pai me bate" é solidária do "meu pai me ama", taxa de masoquismo cujo lugar em qualquer fantasma é parte dele. Vamos esclarecer o que é um fantasma – uma fantasia, que não necessariamente tem que ser incorporada na realidade. É o caso de uma paciente, a mais jovem de várias irmãs, que testemunhou os golpes que recebeu do pai. Ela foi incluída nessa cena sem participar desse ritual do pai, exceto como espectador. Enquanto eles "gostaram", ela ficou ansiosa, arrastando essa angústia ao longo de sua infância.

A criança em que estão batendo não é jamais a que cria a fantasia, mas, invariavelmente, outra criança, com mais frequência um irmão ou uma irmã, se existem. De vez que essa outra criança pode ser um menino ou uma menina, não há relação constante entre o sexo da criança que cria a fantasia e o daquela que está sendo espancada. A fantasia, então, não é certamente masoquista. Seria tentador chamá-la sádica, mas não se pode esquecer o fato de que a criança que cria a fantasia não é a que bate. (FREUD, 1917/1918, p. 115)

Segundo os psicanalistas, na primeira infância experimentamos um ciúme tão terrível que nos marcou por toda a vida, além de que, na infância não somos marcados pelo ciúme uma única vez. Quando alguém está com ciúme, nunca apenas revive essa dor, mas a da criança muito pequena que não suporta ver sua mãe se afastar dela. De repente, seu mundo entra em colapso: ela se sente abandonada, traída ou sem valor. Para Lacan, esse sofrimento, necessário porque possibilita sair da fusão com a mãe, ocorre no final do período de desmame, já difícil por si só, e no momento em que a criança se prepara para experimentar um trauma significativo. Quando percebe que ela não está mais sozinha, que existe outro, por exemplo, quando um novo filho chega à família. Tudo depende, portanto, de como essas primeiras lesões foram vividas. Considerando que algumas pessoas enfrentam situações de maneira mais fáceis ou mais difíceis do que outras, e aqui elas são marcadas com ferro quente. Nenhum amor pode ser grande o suficiente. Nenhum ser pode ser fiável o suficiente.

Uma vez admitido que o ciúme seja vivenciado (de qualquer nível), é necessário reconhecer que o ciúme nem sempre é apropriado. Freud qualificou tal fenômeno de normal, ainda que seja normal não significa que tenham uma causa justificada, pois, por "normal", quer dizer que isso acontece com muitas pessoas. Destarte, do lado do bom senso popular, para valorizar um sentimento desastroso, divide-se o ciúme em dois: quanto ao colesterol, haveria um bom e um mau, cujas linhas vermelhas se afogam em um foco suave e fascinante.



### 3.3 INVEJA E CIÚME: RAÍZES AFETIVAS

As emoções humanas são complexas. Amor, ódio, esperança, tristeza sempre têm particularidades atenuantes, agravantes, em cada caso que dificultam uma análise adequada. Em geral, o ciúme e a inveja não escapam a essa realidade. Ao definir o ciúme, é importante distingui-lo da inveja. Embora no uso diário a confusão entre os conceitos de inveja e ciúme seja recorrente, ambos são peculiarmente distintos. Uma das razões pelas quais são frequentemente confundidos é que as reações de ciúme e inveja se assemelham. Embora muitas pessoas usem "ciúme" e "inveja" como duas emoções intercambiáveis, a verdade é que elas são bem distintas. O ciúme aparece toda vez que percebemos uma ameaça relacionada a algo que é valioso para nós; enquanto a inveja aparece quando queremos algo que não temos. Alguém que, privado de um bem, sofre com o pensamento do bem em posse de outrem e aquele que, pelo contrário, possui e gostaria de possuir exclusivamente um objeto e se sente ameaçado de perder tal objeto para um terceiro – o primeiro estaria acometido pela inveja, o segundo pelo ciúme. Inveja e ciúme causam amargura e um ar negativo, tanto para as vítimas ativas como para as vítimas passivas, são sentimentos destrutivos, em ambas as direções. Um ponto comum entre o ciúme e a inveja é que, embora ambas as emoções se manifestem no presente, ou seja, algo que está acontecendo no momento ou o temor de algo que pode acontecer no futuro (como no caso do ciúme), a verdade é que esses afetos surgem provenientes de algo que já aconteceu, dentro de relações de outrora, desde as incipientes experiências estabelecidas na infância.

O conceito psicanalítico de inveja e ciúme é teorizado por vários especialistas, inclusive, Sigmund Freud. Todavia, a primeira descrição central da inveja no campo psicanalítico foi feita pela fundadora da escola de psicanálise da Inglaterra, Melanie Klein (1882-1960), em seu livro chamado *Inveja e gratidão* (1957), no qual teoriza a inveja com mais centralidade e com maior profundidade, levantando uma hipótese que abalou o campo em que ela se desenvolveu, gerando grandes controvérsias, mas que ainda hoje está em vigor. A psicanalista austríaca Melanie Klein é uma das autoras que mais influenciou a psicanálise do público infantil, principalmente a partir de sua instalação em Londres no ano de 1926, e especialmente através de jogos, ainda presentes em Freud. Ela é a primeira pessoa a abrir o círculo da psicanálise para crianças muito pequenas, precedendo autores como Donald Winnicott, fundando, assim, o movimento Kleiniano.

Em seu trabalho intitulado *Inveja e gratidão* (1957), Melanie Klein descreve a inveja como uma das emoções fundamentais e mais primitivas da psique humana e esmiúça conceitos extremamente importantes em termos de experiências emocionais os quais explanaremos buscando aclarar as forças centrífugas e centrípetas que envolvem as divergências e convergências entre ciúme e inveja. A intenção de Klein em estudar a inveja mais de perto também tem a ver com fazer novas sugestões sobre a vida emocional inicial da criança – sua especialidade, sem dúvida – e também tirar algumas conclusões úteis para a vida adulta e a saúde mental em geral.

A inveja é tão central para teoria kleiniana que ela localiza entre os primeiros afetos que a criança tem por sua mãe, apresentado como um dos sentimentos mais hostis e destrutivos dos humanos. É a primeira vez que a psicanálise dá importância central a um sentimento, pois, até então, tudo girava em torno de questões pulsionais ou relações objetais. Dessa forma, trazendo a noção de psiquismo como um mundo interno repleto de objetos que se relacionam entre si, com fantasias, defesas e vínculos entre os objetos. Além disso, manifestando-se como o horror pela fluidez do outro ao saber que o seio possui o leite e que a criança depende dele. *“A inveja contribui para as dificuldades do bebê em construir seu objeto bom, pois ele sente que a gratificação de que foi privado foi guardada, para uso próprio, pelo seio que o frustrou.”* (KLEIN, 1957, p. 212) A autora marca uma diferença a respeito do ciúme dando continuidade à teoria de Freud que tem a ver com uma relação triangular. Melanie Klein crê que o ciúme é baseado na inveja, mas que eles são muito diferentes de qualquer maneira.

Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe. O ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. Na concepção corriqueira de ciúme, um homem ou uma mulher se sente privado, por outrem, da pessoa amada. A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. (KLEIN, 1957, p. 212)

A primeira grande diferença entre inveja, voracidade e ciúme, segundo Melanie Klein, é o fato de que inveja e voracidade fazem parte das fases iniciais do desenvolvimento libidinal, no contexto da fase oral, enquanto o ciúme se manifesta posteriormente. De acordo com a teoria kleiniana, enquanto a inveja é puramente destrutiva e visa o desejo por um objeto de admiração e também amor que se encontra em posse de outro, o ciúme se baseia no ódio de

um rival que ameaça tirar o objeto do amor já pertencente ao sujeito. Assim, faz uma aclaração em sua teoria entre o ciúme e a inveja, definindo o ciúme como afeto que tem relação com o amor. No caso da inveja, há dois indivíduos em cena, e as raízes que provêm desse sentimento são ódio e agressão, em que um dos indivíduos não pode suportar que o outro possua algo bom. Na relação estabelecida entre o seio e o bebê, no psiquismo do bebê quando há níveis muito altos de inveja é como se o bebê não pudesse suportar que tudo de bom que recebe vem do seio que não é gerado por ele. Assim, *“Os sentimentos do bebê parecem ser que, quando o seio priva, este se torna mau porque retém só para si o leite, o amor e os cuidados associados ao seio bom. Ele odeia e inveja aquilo que sente ser o seio mesquinho e malevolente.”* (KLEIN, 1957, p. 215) Daí vem o conceito kleniano de inveja: se enxergar despojado de algo que vem por meio de outro, onde o sentimento é querer destruir esse objeto que não se encontra em sua posse. Ou seja, o leite do peito quando gera a inveja da capacidade de nutrir o bebê ataca o seio em sua fantasia. Logo, a inveja também surge de não querer reconhecer a dependência do objeto, não conseguindo praticar a gratidão.

Não há dúvida de que, em todas as pessoas, a frustração e as circunstâncias infelizes despertam certa inveja e ódio no decorrer da vida, mas a intensidade dessas emoções e a maneira pela qual o indivíduo as enfrenta variam consideravelmente. Essa é uma das muitas razões pelas quais a capacidade de fruição, ligada ao sentimento de gratidão pelo que foi recebido de bom, difere enormemente nas pessoas. (KLEIN, 1957, p. 222)

Se o pai pode ser o primeiro objeto de ciúme, o seio é o primeiro objeto de inveja. O seio está no centro do primeiro relacionamento romântico da criança. *“Sob o predomínio dos impulsos orais, o seio é instintivamente sentido como sendo a fonte de nutrição e, portanto, num sentido mais profundo, da própria vida.”* (KLEIN, 1957, p. 210) Portador de vida e calor permite que a criança se sinta amada, viva. O seio, uma vez introjetado, representa ao mesmo tempo a fonte original de satisfação e criatividade. Assim, passa a substituir o objeto mais importante, o objeto doador e a garantia da própria vida. Esses sentimentos não estão relacionados exclusivamente à experiência da alimentação física indo muito além da nutrição que o seio proporciona. *“Tenho frequentemente me referido ao desejo do bebê pelo seio inexaurível e sempre presente. Mas, como foi sugerido anteriormente, não é apenas alimento que ele deseja; quer também ser liberado dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória.”* (KLEIN, 1957, p. 217) Para o bebê satisfeito, o seio se torna a origem das qualidades mentais: ele o idealiza e sente como fonte de amor, compreensão, sabedoria e criatividade, pois considera capaz de transformar seu estado de infortúnio em contentamento e felicidade. Contudo, a inveja pode surgir quando há frustração e/ou privação de comida.

Se considerarmos que a privação intensifica a voracidade e a ansiedade persecutória, e que existe na mente do bebê a fantasia de um seio inexaurível, que é o seu maior desejo, torna-se compreensível como a inveja surge mesmo se o bebê é inadequadamente amamentado. (KLEIN, 1957, p. 215)

Segundo sua linha teórica, outro conceito importante que Klein descreve é a voracidade como um modo pelo qual se incorpora o objeto, ou seja, se liga a algo. Na voracidade queremos sentir tudo rápido e não sentimos nada, tem relação com a satisfação e a velocidade com a satisfação. Klein afirma que é uma sensação que surge na primeira infância, inicialmente no seio da mãe, quando o bebê percebe que está separado dele. É nesse momento que o amor, o cuidado e a comida, provenientes da mãe, estimulam no bebê duas reações opostas: uma da gratificação, que leva ao amor; e outra, hostilidade e inveja, baseada no entendimento de que a fonte de alimento, amor e bem-estar está fora de si. Assim, a introjeção envolve amor, agressividade, união e destruição. Melanie Klein estabelece diferenças entre ciúme, inveja e voracidade, destacando que *“Uma diferença essencial entre voracidade e inveja, embora nenhuma linha divisória rígida possa ser traçada visto estarem tão estreitamente associadas, seria, então, que a voracidade está ligada principalmente à introjeção e a inveja a projeção.”* (KLEIN, 1957, p. 212) A autora considera a inveja um sentimento primário e inconsciente que o bebê direciona manifestando suas insatisfações para o seio materno que o alimenta. Assim, a inveja ataca o objeto "bom" e, portanto, o transforma em um objeto "mau". Se Freud entendeu a inveja como "inveja do pênis", Klein expande o conceito ao incluir o ódio e a destruição como mais primários.

O bebê que, devido à intensidade de mecanismos paranóides e esquizoides e ao ímpeto da inveja, não consegue bem-sucedidamente dividir e manter separados o amor e o ódio e, portanto, o objeto bom do objeto mau, está sujeito a sentir-se confuso entre o que é bom e o que é mau em outros contextos. (KLEIN, 1957, p. 216)

A partir da teoria kleiniana, é indubitavelmente muito esclarecedor que aqueles que sofrem demasiado de ciúme ou inveja tiveram tais sentimentos acentuados na infância, sob o olhar de seus pais – especialmente de sua mãe. Um amor muito ausente, e uma dúvida sempre presente, sem aviso prévio, décadas depois, nos futuros vínculos da vida adulta, tais sentimentos excessivamente intrusivos serão percebidos como a norma. Essa abjuração, esse exorcismo muitas vezes exigido, não tem necessariamente raízes cruéis. Segundo Klein, quando na infância a inveja é vencida, é porque nas relações predominaram os sentimentos de amor e, em seguida, o sentimento de gratidão apareceu equilibrando as dores. Já o ciúme pode ter muitas origens. Geralmente vemos esses sentimentos profundos e negativos em nosso círculo afetivo ou entre nossos amigos.

Pode bem ser que o ter sido parte da mãe no estado pré-natal contribua para o sentimento inato do bebê que existe fora dele algo que lhe dará tudo que necessita e deseja. O seio bom é tomado para dentro e torna-se parte do ego, e o bebê, que antes estava dentro da mãe, tem agora a mãe dentro de si. (KLEIN, 1957, p. 210)

Muitas crianças ainda bem pequenas e limitadas devem ser capazes de tolerar emoções causadas pela amargura que carrega as atitudes negativas de um cuidador frustrante, pois existe um período de tempo em que os bebês estão desarticulados e precisam aos poucos receber as impressões e perceberem a realidade que toca viver no mundo. Qualquer pessoa que responder às demandas da criança ocupará o papel materno. A criança toma como exemplo a figura que o atende, associando a ideia de completude, pois o outro ser é superiormente distinto dele e portador das identificações que vai moldando sua forma de ver, sentir e agir no mundo. Há uma separação desse outro que o cuidava para que a criança se encontre no mundo. Nesse momento aparece um terceiro que dissolverá uma relação que parecia uma célula única e a entrada desse terceiro, é quando a criança começa a se humanizar e se reconhecer como objeto de linguagem, o ciúme, a voracidade e a inveja tem que ver com esse momento de fusão e separação. Melanie Klein considera uma inveja precoce que age desde o nascimento e afeta fundamentalmente as primeiras experiências do bebê. Fazendo a diferenciação entre ciúme e inveja, Klein considera que a inveja é anterior e mostra que é uma das emoções mais primitivas e fundamentais, diferenciando a inveja precoce de ciúmes e voracidade.

Na clínica, o terapeuta terá dificuldade em superar a inveja de seus pacientes, que assume a forma, em seus extremos, de resistência e ingratidão. O paciente invejoso reforça seu próprio drama, ele tece a distância, provoca desvalorização quando há um avanço positivo na análise, o invejoso busca provocar no analista a sensação de impotência, aqueles que os terapeutas vivenciam naturalmente nos sentimentos de contratransferências de alguns pacientes. *“Não é preciso dizer que nossos pacientes nos criticam por uma variedade de razões, às vezes justificadamente. Mas a necessidade que tem um paciente de desvalorizar o trabalho analítico que experimentou como proveitoso é expressão de inveja.”* (KLEIN, 1957, p. 215) O desejo de controle desses pacientes também se aplica contra os seus terapeutas. Eles procuram arrastar incessantemente o analista para o caminho direto de sua inveja, enquanto as inclinações da análise busca revelá-las. Este é um momento difícil para o terapeuta, que se sente amordaçado, controlado, experimentando sentimentos de desamparo, oscilando entre a posição de abandono ou rejeição, e uma posição de verdadeira benevolência diante da impossibilidade do paciente de poder ser flexível quanto ao seu modo de viver o amor. Por

outro lado, *“A convicção verdadeira como vemos frequentemente em pacientes menos invejosos, implica gratidão por uma dádiva recebida.”* (KLEIN, 1957, p. 215) Para ajudar esses pacientes a terem acesso à sua antiga ferida, o terapeuta terá que resistir a este lugar de testemunha muda, tão bem conhecido da pessoa invejosa que ele tenta ultrapassar. Logo, *“O paciente invejoso também pode sentir que é indigno de beneficiar-se pela análise, devido à culpa pela desvalorização do auxílio dado”* (KLEIN, 1957, p. 215) A mesma ferida cênica é repetida em um drama que ainda é tão aguçado.

O que um ambiente maternal não pôde conter encontrará um local de repetição. Melanie Klein vê no instinto de morte a base constitucional da inveja. Para ela a inveja provavelmente é inerente à ganância oral, assim, *“Concomitantemente a experiências felizes, ressentimentos inevitáveis reforçam o conflito inato entre o amor e o ódio, isto é, basicamente entre as pulsões de vida e de morte, o que resulta no sentimento de que existem um seio bom e um seio mau.”* (KLEIN, 1957, p. 211). Todavia, em seu livro *“Inveja e gratidão”*, o nascimento anal e oral da inveja é apenas mencionado de passagem. E isso pode não ser um ponto de detalhe.

Considero que a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional. Essas conclusões têm certos elementos importantes em comum com a obra de Karl Abraham, apesar de implicar algumas diferenças em relação a ela. (KLEIN, 1957, p. 207)

Melanie Klein empresta primeiramente seu conceito de inveja a Karl Abraham (1877-1925) – seu verdadeiro mestre, o qual, por sua vez, lembra os traços característicos do caráter anal em Freud, refletindo longamente em torno do qual iniciou uma mudança de perspectiva na metapsicologia freudiana. O caráter anal, como o caráter oral ou genital, sobre o qual Abraham disserta se refere ao pertencimento ou não pertencimento a algo; sejam bens materiais ou abstratos, como a afeição de alguém. Em muitos casos, a inveja e o ciúme resultam das inseguranças de cada pessoa e tais emoções estão entre as mais naturais e inerentes ao ser humano. No entanto, elas também são das mais prejudiciais e destrutivas que uma pessoa pode experimentar.

Melanie Klein não se distingue de Freud no que diz respeito à sua abordagem dos impulsos, ela se distingue disso na sua abordagem ao corpo. Mas enquanto Abraham permanece fiel à abordagem freudiana dos estágios libidinais em termos de zonas erógenas, acrescentando, no entanto, a perspectiva da relação com o objeto, Klein acentua quase exclusivamente o último. O desenvolvimento libidinal, de acordo com as duas noções de

posição – posição esquizo-paranoide e posição depressiva – acentua a relação do objeto a ponto de fazer desaparecer o peso das zonas erógenas. Da teoria abrahãmiana do desenvolvimento libidinal, a importância que Melanie Klein atribui aos sentimentos de inveja, voracidade e ciúme é articulada na mesma orientação. Inveja, ciúme e voracidade não são sentimentos específicos do corpo, específicos de suas zonas erógenas, mas sentimentos específicos da relação com os objetos. Assim, as zonas erógenas podem produzir estímulos, excitações, prazeres, alegrias, desgostos e sofrimentos, mas certamente não inveja e ciúme. Mesmo que eu possa invejar ou enciumar os prazeres do outro, é esse outro que me causa dor, e não o prazer dele que eu preferiria o meu.

Além disso, o ciúme é frequentemente acompanhado de inveja – mesmo que nem sempre seja o caso. Vamos dar um exemplo: se uma mulher comprometida parecer atraída por outro homem, é provável que seu parceiro fique com ciúme, porque teme de que sua parceira o deixe – mas ele também pode invejar esse outro homem (ou mesmo a parceira) porque ele é lindo, inteligente, carismático, etc. Como afirmou Freud (1922) “*Não sou eu quem o ama, é ela*” Por outro lado, a inveja pode viver sem ciúme – por exemplo, pode-se invejar a situação de outra pessoa sem que isso cause nenhum sentimento de ciúme, porque não tem medo de que alguém ou algo que lhe pertence seja retirado de si. A inveja é, portanto, um elemento que falta, para si mesmo, diferentemente do ciúme que se caracteriza pelo medo de perder algo que alguém já possui ou algo que já possuía e que gostaria de obter novamente.

Por muitas razões, *Inveja e gratidão* (1957) é uma das obras mais importantes da psicanalista inglesa Melanie Klein, dentre tantas, uma delas é a conclusão de que a inveja é um dos sentimentos mais incipientes que ataca os primeiros relacionamentos: aquele com a mãe. Esse sentimento pode assumir desde a infância graus estruturalmente prejudiciais, uma vez que, “*A inveja excessiva, uma expressão dos impulsos destrutivos, interfere na cisão fundamental entre o seio bom e o seio mau, e a estruturação de um objeto bom não pode ser suficientemente conseguida.*” (KLEIN, 1957, p. 223). Klein considerou que a inveja, que é uma expressão oral-sádica e anal-sádica de impulsos destrutivos que funciona desde o início da vida possuindo uma base constitucional, como mencionado alhures, suas conclusões devem muito ao trabalho pioneiro de Karl Abraham, embora com diferenças importantes, que seriam extensas demais para serem registradas aqui. Essa abordagem pareceu necessária para distinguir, então, a verificação de que inveja e ciúme são dois conceitos emocionais cujas relações não são tão óbvias quanto sugere o discurso cotidiano. À luz das comparações e conceituações feitas, parece difícil reduzir a relação entre ciúme e inveja à sinonímia. A

proximidade deles é mais temática. Ciúme e inveja são variações em torno da mesma estrutura e significam uma reação a uma situação no mundo em que alguém possui alguma coisa que desejamos. Por um lado, causam sofrimento insuperável para aqueles que o sentem. Por outro, consiste em pesar suas ansiedades sobre o parceiro, na forma de chantagem, abuso emocional e / ou físico. Mas está claro que se trata de conceituações e reações bem distintas. Todavia, tanto o ciumento quanto o invejoso devem assumir a responsabilidade pela sensação inquietante que sentem e que nada tem a ver com o outro. Esta é a única oportunidade para a transformação: restaurar o mundo em si (ao invés de focar no outro).



### 3.4 CIÚME: PERDAS E DANOS

Amar e ser amado são as buscas que estão em jogo quando nos dispomos a entrar num relacionamento. “*Amor e dor andam juntos*”, diz um ditado popular. “*A mão que afaga é a mesma que apedreja*”, diz o poeta.<sup>14</sup> E, é claro, eles têm seus resultados reais. Poucas paixões sofrem mutações tão facilmente quanto o amor, e Freud alerta: “*Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.*”(FREUD, 1930/2011, p. 27) Isso faz com que o sentimento de amor seja aquele que está mais próximo da ideia do risco de perda do ente querido, falar de perda é falar de vida, pois há alguém que fica sentindo a falta daquele ou daquilo que se foi. O ciúme é uma espécie de ódio amoroso, um ressentimento surdo causado pela impossibilidade de estar em cada canto da vida do outro, um desespero maligno por ter que sofrer as piores convicções do amor que sempre sinalizam a perda do ente querido. Nem todos entendem a dor da perda da mesma maneira: alguns de nós parecemos ser mais "devorados" diante de tal fato ou pensamento, interpretando cada sinal, cada comportamento...

Quando Sigmund Freud (1856-1939) instaura a psicanálise não se trata apenas de um método de tratamento ou de uma teoria ele está acima de tudo pondo em relevo ou validando a experiência universal que seria o sofrimento psíquico. Seu trabalho é a base das teorias e estudos psicanalíticos mais atuais. Um sofrimento relacionado à subjetividade. Em 1893, Freud publicou vários artigos sobre histeria em colaboração com Josef Breuer e, em particular, o ensaio “*Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos*”. A investigação da histeria executada por Freud revelou para o ocidente que o sofrimento tinha uma autonomia psíquica, até Freud o sofrimento era interpretado como um problema médico ou moral, que requeria uma intervenção transformativa, ou seja, educativa. Podemos afirmar que a histeria foi um dos importantes paradigmas fundadores da psicanálise. No que concerne a mulher, a histeria é um fenômeno que vem à tona com enormes manifestações somáticas. Palavra já conhecida há mais de dois mil anos, desde a antiguidade, a histeria já era designada como uma desordem nervosa ligada ao universo feminino. Justamente Freud (como médico) sai da medicina e tenta ler a histeria e suas manifestações através da constituição de uma teoria da psique.

---

<sup>14</sup> Augusto dos Anjos- Versos íntimos

A partir da psicanálise, a histeria e os seus sintomas começaram a ser vistos como fenômenos que decorriam de certo tipo de funcionamento mental que Freud foi elucidando ao longo do tempo. Assim, apesar de Freud comprovar que a histeria também acometia os homens, ele se concentrou no sofrimento feminino que se manifestava em forma de anomalias no corpo. Foi no intermédio de sintomas que se exteriorizavam muitas vezes através de dores físicas, mas que não tinham uma etiologia orgânica que Freud concluiu que se tratava de um tipo específico de sofrimento. Tal acontecimento evidenciou a função da linguagem como um elemento fundamental que permeia toda nossa existência, através dela se estabelecem as relações de afeto, nos definimos e nos constituímos. Todavia, toda a gramática de uma língua pareceu insuficiente no que concerne a tradução dos processos psíquicos e das experiências subjetivas. Dentre elas, o sofrimento de muitas pacientes que foram tratadas por Freud, pois o não dito estava se imprimindo no corpo através de manifestações sintomáticas.

Walter Benjamin, pensador crítico da escola de Frankfurt, escreve seu importante ensaio *O narrador* em março de 1936, com o intuito de demonstrar como a arte de narrar estava se extinguindo, uma vez que a experiência individual se fortalecia em detrimento da experiência coletiva, ou seja, partilhada. O autor vivenciou a primeira guerra mundial e acompanhou os soldados que retornaram do combate por frente em 1918. Walter Benjamin observou que os soldados em vez de contar a história de suas experiências ficavam em silêncio. Observemos um fragmento de *O narrador*:

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com a experiência transmitida de boca em boca. (BENJAMIN, Walter, 1936/ 2012, p. 198)

Até então tanto na história do Oriente, quanto na do Ocidente ir para uma guerra era supostamente uma grande aventura, apesar dos riscos e perigos. Logo, se o sujeito retornasse, teria adquirido uma autoridade experiencial, ou seja, teria algo a dizer, pois havia vivido os limites do humano e encarado a morte de frente. Dessa forma, podendo descrever a história do sofrimento aos outros tornando a comunidade mais rica. No entanto, assim como as mulheres tratadas por Freud não conseguiam descrever sua forma de sofrimento que se manifestavam de maneira sintomática, os soldados pós- guerra, descritos por Benjamin, em vez de contar as histórias, ficavam em silêncio, como sendo uma forma de sofrimento que não inspira narrativa. Determinados sofrimentos talvez inspire outra forma de dizer traduzida em silêncio e manifesta por outros meios. No caso das históricas tratadas por Freud em meados do século

XX, a forma de sofrimento era traduzida em sintomas que buscava engendrar uma demanda, um pedido, uma espécie de apelo de reconhecimento.

Antes sabia que a finalidade de sua vida era casar-se e ter filhos. Atualmente, a maternidade já não é tão desejada. Dada nossa organização social – como o trabalho feminino, a crise de habitação, o elevado custo da educação de uma criança – o nascimento de um filho é sentido frequentemente mais como um estorvo econômico e social, que como uma alegria. A mulher, para dar valor a sua vida, tende a buscar novos conteúdos. (LANGER, MARIE, 1981, p. 28)

Na medida em que as mulheres se tornam senhoras dos seus desejos, sintomas sociais do desajuste crescem de forma assustadora apresentando-se através de conflitos e dores que nenhuma causa é detectável no corpo. Nesse contexto, a psicanálise é uma doutrina que nasce na proximidade da medicina, no final do século XIX, tentando dar conta de problemas que, por tradição, deveriam ser tratados por médicos, problemas que a medicina da época não estava dando conta. Dessa maneira, o discurso analítico apresenta particularidades que o tornou capaz de se enraizar na cultura, assim, a psicanálise clínica e seu rico legado teórico puderam oferecer uma gama de alternativas nas ofertas de tratamento e de formação. Freud teoriza sobre o fenômeno psíquico baseado no que ele observou em seus pacientes.

Já destacamos que Freud avança em seu estudo de 1922 – *“Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade”* – três tipos de ciúmes, estabelecendo-os: *competitivo* ou *normal*, *projetado* e *delirante*. Previamente, atenta para a natureza inata de tal afeto frisando que *“O ciúme é um dos estados afetivos que, como o luto, podem ser designados como normais.”* (FREUD, 1922/2011, p. 210). Num terreno movediço, o sofrimento ligado à intrusão iminente de um terceiro, faz com que o ciumento sinta que o seu amor será levado por qualquer pessoa que seus olhos possam ver. Especializado em confrontar a dor de seus pacientes, Freud percebeu o vínculo peremptório das relações afetivas com o sofrimento psíquico. Muitas vezes o amor e o sofrimento coexistem. Nos ciumentos, por exemplo, o sofrimento pode ser evocado através da fantasia da perda do ente querido, mesmo sem uma motivação real ou evidente. Em outros casos, podemos sentir falta porque amamos alguém que se foi para longe ou para nunca mais voltar.

No terreno do ciúme, há o reflexo de um conflito intrapsíquico que representa uma espécie de confinamento psicológico acompanhado de uma perda de liberdade, sua função é informar os ciumentos sobre suas necessidades emocionais. A definição de ciúme freudiana consta um elemento fundamental: luto pela perda (real ou não) do amor do ente querido – o paciente ciumento fica persistentemente triste por acreditar ou descobrir que seu amor não é

correspondido, muitas vezes suas suspeitas são infundadas, no entanto, a dor da perda é autêntica e real. Certamente, essa turvação não é exclusiva do ciúme, quase qualquer emoção, quando sentida com intensidade, obscurece o raciocínio. Todavia, o ciúme intenso habita um território difuso entre amor, raiva, possessão, rancor, desconfiança e – deve-se dizer – medo. O ciumento, portanto, pede para mortificar em si mesmo o desejo de possuir outra pessoa, que não é mais tratada como um sujeito livre, mas como um objeto usado de acordo com seu interesse.

Já vimos que, desde o início do seu período constitutivo, o campo psicanalítico criado por Freud interessou-se muito cedo na dor humana. Podemos dizer que tal interesse se manifesta desde os primeiros modelos freudianos da psique. Devemos, então, pôr em relevo dois aspectos: a dor como manifestação psíquica desencadeada por uma situação traumática e a dor como trauma para a psique. Em 1917, Freud publica *Luto e melancolia* – seu importante estudo que descreve a configuração dinâmica das tensões e conflitos intrapsíquicos mediante a dor da perda objetal. Nessa obra, descreve o luto como um processo fundamental de elaboração que se dá após perdas ou rompimentos de vínculos afetivos pelo qual todas as pessoas vão passar para conseguir amenizar o sofrimento gerado pela ausência de um objeto perdido, extremamente natural, o ser humano conta com esse processo para ultrapassar as perdas.

Qualquer rompimento de um vínculo significativo pode desencadear o processo do luto, geralmente, vem acompanhado de uma série de sentimentos, tais como: tristeza, ansiedade, remorso, culpa, etc. As manifestações sintomáticas são muito comuns e peculiares de cada pessoa, gerando muitas mudanças no ser íntimo do sujeito acometido, comumente acompanhado de alterações físicas. Freud nos lembra de que “*O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.*” (FREUD,1917/1996) Logo, o processo de luto não se dá apenas pela morte de alguém e pode estar relacionado também à dissolução de relacionamentos, perda de um emprego, falência financeira, diagnóstico de uma doença grave, mudanças significativas na vida ou que acontecem de forma brusca, entre outras situações.

O luto tem uma importante função psíquica, pois durante a experiência do luto o sujeito está realizando uma reordenação dos seus investimentos libidinais e tal processo demanda muito do sujeito. O crucial é o reordenamento da posição do sujeito diante dos seus

investimentos. *“é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena (...). Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato.”* (FREUD, 1917/1996) Somos lançados por aqueles que, uma vez perdidos, perdemos também a posição que ocupávamos diante daqueles que não estão mais ali. Perdemos a função que tínhamos na vida do outro e a função que o outro exercia na nossa vida.

Enquanto não fazemos o luto de algo não nos abrimos para algo novo, ou seja, para o preenchimento daquele lugar que o outro que se foi ocupava em nossa vida. É inevitável passar pela situação de luto quando ocorre uma perda e é importante que esse processo seja vivenciado, pois esse percurso vai fazer com que o sujeito se reestabeleça novamente e supere a perda. Apelo emocional e recorrente reivindicação de amor é uma manifestação de insegurança de quem teve seus cuidados subtraídos em algum momento. Ao longo do processo analítico é possível extrair alguma evidência da relação com a falta que o luto escancara e isso nos chama a atenção para sua aliança com o ciúme. O sentimento de desvalorização é muito marcado no ciúme infundado, passa por feridas profundas e dolorosas demais para acessar sem ajuda especializada. Luto é a resistência pelas coisas que sabemos que devemos deixar ir, mas insistimos em reter, enquanto o ciúme insiste em reter algo pela sensação constante de que possa perder.

Não há palavras para confortar um luto real como não há palavras para explicar um ciúme infundado, a necessidade de acolhimento e de saber que é amado é o que poderia dar algum preenchimento em ambos os casos, pois sempre se trata da dor da perda, seja real ou imaginária / concreta ou abstrata. No rompimento de um vínculo a nossa fantasia vai embora e também um pouco de nós com esse outro que perdemos. A dor é uma reação frente ao desamparo e após a perda do objeto amado é preciso passar pelo processo de reconstrução do ego. O ciumento convive compulsoriamente com o temor da perda, quer evitar a todo custo passar pelo processo do luto, ou talvez já esteja familiarizado com ele, tal medo faz com que o sujeito fique paralisado para o novo. O medo é tão presente que faz com que o ciumento antecipe a sensação de luto, esse desprazer que brota quando o outro escapa do controle, é uma das causas de ciúme, cuja expressão máxima é encontrada no ciúme delirante.

O ciumento quer ser tomado como único o que não é equivalente a outros. Sente seu relacionamento como algo conhecido, algo que é dominado e quando esse relacionamento

ameaça romper, a insegurança (que sempre esteve presente) transborda e cai a máscara de proteção. No luto “*O teste da realidade revelou que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto.*” (FREUD, 1917/1996) Já no ciúme, a ilusão aponta que o objeto está prestes a ser perdido, exigindo que toda a libido seja empregada em evitar tal fato, ou seja, o ciumento tem certeza que perdeu, todavia resta saber como ou para quem ele perdeu. Nestes casos, o ciúme revela distancia na fusão formada pelo casal: lembra-nos de que não somos tudo para o outro.

Aquele que experimenta ciúme, em seguida, lembra sua existência independente e inteira, fora do duo. Essa ligeira sensação de ciúme ou rivalidade revela a necessidade de fazer esforços pelo outro, o desejo de preservá-lo, expondo as dúvidas e medos de não seduzir o suficiente, não ser o suficiente na vida do outro, até aqui, essas reações são sentimentos normais, lúcidos e equilibrados. Entretanto, em algumas pessoas, o ciúme transborda e se torna patológico, por exemplo, quando é obsessivo ou sistemático, então ele/ela se compara e se sente ameaçado. Essa tendência a se desvalorizar pesa todos os dias para a relação e é psicologicamente exaustivo, especialmente porque nenhuma palavra e nenhuma atenção serão suficientes para acalantar essa dor narcisista. Desse modo, fazendo tudo negativo e nutrindo uma raiva que o seca. Acende nas profundezas do coração sentimentos de amargura, ódio e vingança, que são satisfeitos apenas com o desejo de destruição da reputação do outro e, às vezes, termina em inimizade ou ato mortal.

O sujeito ciumento considera que o ser a quem ama, ou a função honrosa que ocupa, pertence a ele, que ele é seu dono. Sua paixão o deixa sombrio, intransigente e sempre pronto para enfrentar qualquer coisa que julgue ser um obstáculo para estimar seu direito exclusivo de posse. A pessoa ciumenta é incapaz de ser magnânima; ela é pusilânime, como criancinhas que ainda não aprenderam a compartilhar, ou como velhos amargurados que não querem ser suplantados pelos jovens. Seu apego desordenado, antes de causar sofrimento aos outros, a faz sofrer terrivelmente; é por si só a fonte envenenada de um profundo infortúnio. Essa breve visão geral é suficiente para ver que o ciúme conta quase sempre com a ferida do luto que se manifesta no sujeito requerendo mais do que um exame objetivo.

## **4.0 A ESTÉTICA DO AMOR BRUTAL: ESCRITURAS VIOLENTAS EM - O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO**

### 4.1 LITERATURA NO DIVÃ

A reflexão sobre a conceituação da atividade artística e, especificamente, da literatura é provavelmente tão antiga quanto a civilização. Desde os primórdios, a prática criativa perturbou a comunidade humana, e o recurso para investigar sua origem, desvendar seu mistério, percorre todas as épocas. Tal discussão está presente na tradição intelectual ocidental desde a poética de Aristóteles até os dias atuais. Por ser uma forma de linguagem que detém o poder de influenciar profundamente a mente das pessoas e de toda uma sociedade, causando um impacto profundo nas ideias dos leitores e, por sua vez, em suas vidas. A literatura é muito mais do que seu significado literário, além do prazer que ela fornece e dos valores morais que transmite, se esforça para salvar os homens da incerteza, da hesitação e da obscuridade, sendo responsável pela amplitude do conhecimento que proporciona aos seus adeptos.

Vários registros antigos que narram cenários da evolução e relatos da vida humana em distintas épocas sempre elucidaram a compreensão e os avanços da humanidade. Graças à literatura, conseguimos ver a sociedade evoluir. A arte narrativa sempre foi uma fonte de informação autêntica, e os desenvolvimentos nos campos da ciência e da tecnologia também estão documentados nas narrativas literárias para que o mundo possa conhecê-los. Além disso, a literatura também é estudada como uma linguagem científica em vários aspectos, como gramática, semântica, pragmática, entre outros. De muitas maneiras, a literatura, em suas diferentes formas, pode mudar a visão da vida. Algumas grandes obras literárias, como os épicos, escrituras sagradas, mitológicas, e tantas outras, forneceram e fornecem à sociedade princípios e valores como ladrilhos doutrinadores. A literatura, portanto, sempre esteve interligada no progresso e nas mudanças importantes.

A crítica literária é uma prática antiga que há muito se consubstancia na forma de tratado literário. É o filósofo grego Aristóteles que funda a tradição ocidental da teoria literária a partir de sua obra “*A poética*” proveniente de um compilado de anotações que o filósofo lecionou sobre a temática da arte poética de sua época, inaugurando, assim, a teorização da arte e da literatura ocidental. O fato é que as referências à Antiguidade grega e ao período clássico são extremamente numerosas e atuais. Depois de Aristóteles, muitos

autores refletiram sobre a definição de literatura, seus gêneros, suas formas e sobre a maneira de conceber a arte literária.

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer. (ARISTÓTELES, 2019, n.p)

No campo psicanalítico, a mitologia e a filosofia grega dos pré-socráticos a Aristóteles acompanharam Freud ao longo de sua vida. Dos diversos termos e conceitos estritamente freudianos, é precisamente o complexo de Édipo que é o coração do corpo teórico do método de investigação e análise criado por ele. A relação entre literatura e psicanálise está intimamente inscrita na teoria freudiana, não apenas na origem e na elaboração de conceitos, como pano de fundo, mas também, mais profundamente, na concepção da linguagem e na prática do conhecimento em movimento, que coadunam literatura e psicanálise em um universo baseado na diversidade e na complementaridade.

Lendo Freud, vemos rapidamente que ele não era apenas um leitor precoce, mas também um especializado no mundo das letras, não sendo para ele um universo paralelo ou um lazer, mas uma fonte, às vezes de inspiração, mais frequentemente de reflexões, sobre algo que provocava enigma em seus olhos. Além de seu interesse por Sófocles, ele é conhecido por admirar Shakespeare e Dostoiévski, fazendo com que a literatura ocupe, de fato, um lugar primordial em sua vida pessoal e em sua investigação científica, pois, no corpus freudiano, as referências literárias são onipresentes, e, se há uma coisa que Freud comprovou desde o início de suas construções teóricas, é que a linguagem metafórica da literatura pode nos servir como suporte de superação dos limites da linguagem científica.

Pensar no vínculo entre literatura e psicanálise é questionar, em última análise, a relação de suas convergências, mas também a de seus limites comuns. Apesar de sua inegável proximidade, a literatura e a psicanálise às vezes entram em conflito. Um bom psicanalista não será necessariamente um bom escritor. Da mesma forma, a psicanálise aplicada à literatura nem sempre apresenta resultados muito conclusivos. Tanto a literatura quanto a psicanálise partem de narrativas, ambas as disciplinas constroem um relato que vai da condição humana geral ao particular de cada caso, enquanto a literatura agrupa as palavras em histórias fictícias: histórias, romances e poemas; a psicanálise é responsável por seu trabalho através de histórias clínicas, assim, a literatura e a psicanálise compartilham uma habilidade comum de apreender o mundo no espelho da narrativa em uma apropriação especular da



realidade. Diante do conhecimento do pensamento único que se torna poder sobre o outro, a literatura e a psicanálise nos falam sobre um conhecimento, sobre a precariedade, fragilidade e expiração do ser humano. A literatura não apenas está presente no relato de casos clínicos, mas também num lugar em que a metáfora se torna conhecimento e criação artística, isso é reconhecido por Freud:

Os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1976, p. 18)

Nenhum conhecimento se apressou da mesma maneira em direção aos abismos interiores do homem e nas assombrações do inconsciente como a literatura. Ela que poderia muito bem ser definida como uma impaciência do conhecimento, todavia, é um ponto de chegada: o da sublimação artística. Um conhecimento sensível sobre a existência da realidade ou subjetividade psíquica que se nidifica na condição humana. A psicanálise e a literatura visam o mesmo objeto - a complexidade da alma humana, suas áreas problemáticas e obscuras - e ambas investem na linguagem para se aprofundar da subjetividade do ser humano. O inconsciente, como sabemos, está estruturado como uma linguagem.

O mundo da ficção não se contenta em divertir nem em levantar um véu cobrindo o trágico da morte, mas tem a capacidade de trabalhar nosso Simbólico e de influenciar nosso Real. Em outras palavras, atrelado a um outro mundo que trabalha os três registros RSI do leitor, isto é, o nó constituído pelo Real, o Simbólico e o Imaginário do inconsciente do leitor, transforma-se em algumas condições. (WILLEMART, 1940/1995, p. 87)

Na clínica, o psicanalista se depara com narrativas do processo interpretativo de seus pacientes e cabe ao analista fazer uma interpretação inspirada numa realidade narrada, pois o que acontece de interpretativo é algo intangível, assim, a arte também pode ser fonte de uma imensa e constante dimensão simbólica do ato de expressão da subjetividade humana. A irritação do ciúme sempre foi esmalte às narrativas literárias. Ao longo da história, os artistas (primeiros médicos da alma) nunca deixaram de sondar essa incrível epidemia reservada à espécie humana. Na Bíblia, a sublime Sarai – a esposa estéril de Abraão sofreu duras penas por ter que deixar sua criada dar à luz o primeiro filho do profeta, Ismael.

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dera nenhum filho. Como tinha uma serva egípcia, chamada Hagar, 2. Disse a Abrão: "Já que o Senhor me impediu de ter filhos, possua a minha serva; talvez eu possa formar família por meio dela". Abrão atendeu à proposta de Sarai. 3. Quando isso aconteceu, já fazia dez anos que Abrão, seu marido, vivia em Canaã. Foi nessa ocasião que Sarai, sua mulher, lhe entregou sua serva egípcia Hagar. 4. Ele possuiu Hagar, e ela engravidou. Quando se viu grávida, começou a olhar com desprezo para a sua senhora. 5. Então Sarai disse a Abrão: "Caia sobre você a afronta que venho sofrendo. Coloquei minha serva em

seus braços e, agora que ela sabe que engravidou, despreza-me. Que o Senhor seja o juiz entre mim e você". 6. Respondeu Abrão a Sarai: "Sua serva está em suas mãos. Faça com ela o que achar melhor". Então Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo. (BÍBLIA, Gênesis, 16, 1-6)

As civilizações que se seguirão, terras do Islã nas fronteiras da China, não serão mais serenas e ocultarão as esposas, concubinas e rainhas por trás das pesadas persianas estriadas e os aparelhos estreitos de suas telas de mesmo nome: *gelosia*<sup>15</sup>, palavra italiana à qual sua etimologia refere-se a ciúme e que significa por metonímia uma treliça de madeira ou ferro que permitia ver sem ser visto; versão de madeira esculpida das burcas de hoje.

Uma “gelosia”, no sentido arquitetônico, designa uma pequena veneziana por onde se pode espiar furtivamente. Encontramos inúmeras variações desse tipo de janela na Andaluzia, assim como em certos países do Oriente. As mulheres não têm o direito de serem vistas por outros homens, senão por aqueles a quem “pertencem”, nem o de fitá-los abertamente. (BLÉVIS, 2009, p. 20)

O ciúme se infiltra na menor brecha, transforma uma dúvida em certeza, medo em pânico, paixão em pesadelo. Onde começa o medo legítimo, onde caímos na fantasia? A tensão que caracteriza a relação entre literatura e psicanálise tem raízes no campo da linguagem e da subjetividade humana, a psicanálise, particularmente no estudo que é feito dela, muitas vezes se interessa pela literatura, buscando nela ilustrações vivas de conceitos às vezes austeros e abstrações que se tornam acessíveis ao campo investigativo. No entanto, obviamente a literatura não se reduz a um reservatório de exemplos em que a psicanálise poderia buscar confirmação de suas teorias. A riqueza da arte literária é, portanto, inesgotável.

A literatura é depositária do conhecimento real e legítimo da verossimilhança<sup>16</sup> estética, conhecimento que é ao mesmo tempo misterioso e eficaz, pois é capaz de mergulhar na gesticulação da subjetividade humana abarcando a rede de causalidades que ela cria. Também encena encruzilhadas e eventos onde mundos visíveis e invisíveis se articulam desde o melhor ao pior dos dramas.

---

<sup>15</sup> Gelosia

1. Sentimento di ansia che nasce dal sospetto più o meno ragionevole di avere un rivale in amore: provare g.; soffrire di g.; le fece una scenata di g.

2. [ge-lo-si-a] s.f. (pl. -sìe) Imposta di finestra fatta per far filtrare luce nella stanza e poter vedere fuori senza essere visti dall'esterno || Parte inferiore dell'imposta SIN. Persiana.

Fonte: <https://dizionari.repubblica.it/Italiano/G/gelosia.html>

<sup>16</sup> Conceito discutido por Aristóteles em sua *Poética* que se refere à impressão da verdade que a ficção consegue provocar no leitor.

## 4.2 A CONSAGRAÇÃO LITERÁRIA DE VALTER HUGO MÃE E AS PARTICULARIDADES DE SUA ESCRITA NA INCONTORNÁVEL OBRA “O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO”

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola, no ano de 1971, localizado na costa ocidental da África, berço apenas de nascença do escritor, que faz questão de se reconhecer e apresentar-se português. Ainda aos dois anos de idade mudou-se para a cidade do Porto, onde toda a sua consciência e experiência de vida se desenvolveriam. A língua lusitana é um patrimônio reclamado por ele com muita gratidão e respeito por ter a oportunidade de se reconhecer português. Em diversas entrevistas, o autor cita a importância dessa condição e vivência como pano de fundo e inspiração para suas obras. Muito agraciado no Brasil, Valter Hugo Mãe ressalta a importância da influência da cultura brasileira através dos programas televisivos e escritores brasileiros acessíveis ao país lusitano.

Embora nossas sociedades ocidentais contemporâneas defendam uma especialização excessiva sob o pretexto de que alguém só pode se destacar em uma área, há artistas – como Valter Hugo Mãe – que hoje resistem a essa tendência de redução, atuando como: escritor, artista visual, editor, cantor e apresentador. A relação de Valter com a cidade do Porto traduz vis-a-vis uma perspectiva sobre a questão identitária com a nação portuguesa. Desde pequeno mudou-se de casa algumas vezes, mas sempre dentro da área metropolitana do Porto, ao norte de Portugal. Sua primeira experiência de exposição como artista plástico, sua primeira apresentação pública como músico no conjunto “Governo”, seu curso superior e o programa de televisão que apresenta desde 2012 aconteceram e acontecem na cidade do Porto. Nas ruas e paredes dessa cidade estão impressos sentimentos, visões, perspectivas e arranjos únicos, captados e transformados por Mãe em elementos constituintes de sua narrativa, seja de maneira direta ou indireta, através da influência desse ambiente sobre sua forma de ver o mundo e de escrever.

O ápice da sua carreira foi em 2007, quando uma nova sensibilidade literária e pictórica surgiu com a obra detentora do Prêmio Literário José Saramago: “*o remorso de baltazar serapião*”, cuja premiação foi recebida pelas mãos do próprio Saramago, o qual afirmou referindo-se à obra: “*por vezes, tive a sensação de assistir a um novo parto da Língua portuguesa*”. Essa fricção entre os diversos matizes da língua portuguesa e os lugares onde ela se desenvolve são ferramentas fundamentais da transformação benéfica da língua que eclode

em sua obra. Valter Hugo Mãe possui essa forte e sincera ligação com a terra que abrigou e nutriu as raízes de suas produções.

Desde as primeiras linhas da obra *“o remorso de baltazar serapião”*, certamente, a maior vitalidade do livro é o deslocamento da estrutura tradicional e a indiferença às restrições das normas gramaticais. Um novo idioma, ou, nas palavras do Saramago: *“Um novo parto da língua portuguesa”* – Contrário às regras e uso, renova a linguagem confrontando estrutura e sentido, retratando o horror da violência de gênero em tom virulento, tóxico e desdenhoso que desumaniza os homens, através do campo lexical da violência. A linguagem não estruturada, a ausência exuberante de pontuação, torna o texto enigmático, sem sentido pronto. Seu hermetismo e a violência das descrições reforçam a revolta de Baltazar, mas uma revolta por quê? A narrativa nos deixa em suspense, podemos dar significados diferentes, mas podemos dar sentido a um texto que pode não ter um? Ou melhor, não ter apenas um? É um desfile selvagem, no qual exprime o drama de uma verdadeira descida aos infernos.

Desprovida de pontuação normativa, na obra *“o remorso de baltazar serapião”* o leitor é que dá o tom da narrativa, tornando uma das grandes riquezas seu estilo. As referências são mínimas para o público: os poucos nomes de lugares, as poucas datas inseridas não são suficientes para inscrever a história em um espaço reconhecível e definido. Colocadas sob o selo da sensibilidade, essas notas reproduzem a percepção do narrador sobre o mundo, uma soma de impressões assombrosas e fugazes, o que perturba o arranjo do ambiente, subvertendo também as leis do tempo e do espaço. Valter Hugo Mãe, portanto, cria um novo mundo com palavras, uma nova realidade, uma visão alucinada do amor. A revolta de Baltazar está muito presente, mas parece indecifrável, o leitor tem dificuldade em entendê-la, tudo parece confuso, misto, incompreensível, mas rica em imagens que favorecem seu caráter brutal. Sua escrita dionisíaca se liberta das regras da “decência” normativa para alcançar uma nova liberdade estilística.

A escrita do Valter é uma variedade de riquezas extraordinárias, utilizando diferentes níveis de linguagem, misturando palavras ofensivas e expressões articuladas. Não se esquivava de nenhuma forma de trocadilho, alusões obscenas e escatológicas. Essa riqueza lexical é expressa particularmente nas múltiplas enunciações que surpreendem o leitor ao longo da obra, através de registros satíricos, épicos, líricos, cômicos, entre outros. Convida-nos a ver em seu trabalho um significado oculto que cabe a cada leitor dar o seu próprio contorno

imaginativo, oferecendo um conjunto de metáforas, símbolos e alegorias que devem ser decifradas. Mas, além dessas construções alegóricas configuradas através da linguagem, não é a própria linguagem de Mãe que faz de seu trabalho uma história metafórica, rica e complexa, que resiste à interpretação?

Em relação à organização estilística-linguística, a obra “*o remorso de baltazar serapião*” é escrita com recursos semelhantes que popularizaram o escritor português José Saramago, que são: subversão à pontuação, o uso de letras minúsculas, quando deveriam ser maiúsculas, conforme a gramática normativa, ausência de interrogação, exclamação e travessões, entre outros. Ademais, tem-se a sensação de que estamos diante de constantes figuras de linguagem, sobretudo das metáforas e das de recurso sintático, a exemplo do anacoluto. Também percebemos um forte entrelaçamento com o realismo fantástico, por meio de associações com um mundo subumano, em que as personagens assumem características animais, de modo a reforçar o caráter denso e perturbador da narrativa psicológica, reforçando o caráter tribal e primitivo da sociedade medieval. Assim, observa-se que a violência simbólica se coordena com a perversidade exercida sobre as personagens femininas da obra. Esses instrumentos linguísticos se atrelam a uma escrita lírica, o que promove um relato sensível, mesmo diante da crueldade dos fatos.

A estética literária inicial da obra de Valter Hugo Mãe poderia ser definida como uma disposição de inovação a partir da perspectiva de universos minoritários subjetivos, como personagens singulares, apresentados como protagonistas de histórias nas quais seus dramas subjetivos e condicionais colidem com o real. Atraindo a atenção e iniciando um diálogo repleto de elementos que passam por um itinerário muito complexo, no qual o conflito é o eixo das interações que permitirão alcançar a comoção do público em geral.

A história mostra a submissão condicional do feminino a um poder autoritário que o desintegra, colocando a voz da mulher “*abaixo do mugido e atitude da vaca*”. Longe de parecer mero entretenimento, a leitura da obra é, portanto, oferecida ao público como uma escola de pensamento, um laboratório experimental de julgamento prático em situações nas quais as mulheres são relegadas ao posto de serva, a partir da anulação enquanto pessoa e das representações estereotipadas do feminino e seus supostos papéis ideais.

A narrativa em primeira pessoa nos coloca por dentro de como o Baltazar enxerga o mundo e principalmente as mulheres. Como o meio molda a personalidade das pessoas, ideias

que para nós podem soar absurdas, mas que são compatíveis com o tipo de educação e costume daquele povo. Arquétipos do mundo antigo em que a mulher casada vivia sob a “proteção” do marido como estratégia de sobrevivência, mas que ironicamente parece ainda se referir ao cotidiano e a violências brutais que ocorrem entre os casais na atualidade. Baltazar Serapião compartilha sua vida com Ermecinda, uma jovem que tem o dom da beleza e, segundo o narrador, deve-se dizer que ela é divinamente bonita. Pouco a pouco, um ciúme insaciável, devorará as entranhas de Baltazar e despedirá Ermecinda de sua vida. Tal fato compromete Baltazar em uma missão ciumenta que o corroerá e os levarão aos piores fins. Neste romance, Valter Hugo Mãe descreve com habilidade os mecanismos e as fontes do ciúme.

A obra tem como mérito maior a denúncia de uma sociedade que naturalizou a violência contra a mulher, afinal isso é visível no modo como as personagens encaram as agressões como meras trivialidades, rotinas a que as figuras femininas estão reféns e, nesse contexto, não há muito a ser feito. Há silenciamento. Há consentimento. Ciúme, instintos animais, a bestialidade humana e, por consequência, o feminicídio são elementos basilares dessa obra de Mãe. E assim, além de estarmos na presença de uma série de casos, há um desdobramento progressivo das várias faces da violência, em que o domínio se manifesta "livremente", é organizado e encontra várias disposições.

Mãe renuncia sistematizar e racionalizar uma subjetividade que é constantemente definida pela experiência empírica acima de tudo de um mundo que ele inventa, concedendo primazia ao olhar e à arbitrariedade seletiva dos homens, aceitando a hipótese do absurdo e do estranho no resultado de um trabalho desarticulado e difícil de digerir. É provavelmente o trabalho mais enigmático de Valter Hugo Mãe. Assim, oferecendo-nos uma obra de extraordinária riqueza, na qual ele domestica a violência do desejo e não ignora as latências criminais; como a loucura flagelada dos atos de Baltazar, revelando a tirania do ciúme, exibindo a fragilidade de uma "loucura criminosa" cuja voluptuosidade não resiste ao apelo mortal.

### 4.3 REFUGIADOS DO PATRIARCADO: MULHERES NA PRISÃO

Nos registros de todos os tempos, a figura feminina foi sendo associada a medo, desprezo e inferioridade. Vale lembrar que, na mitologia grega, a primeira mulher, Pandora, abre por curiosidade uma caixa que continha todos os males, que então caem sobre os homens. Já na Bíblia, a primeira mulher criada por Deus é designada como responsável pela queda da humanidade. Em termos de representações literárias, há vários exemplos na literatura clássica. Um dos deles é a famosa *Odisseia* de Homero. Nessa história, Telêmaco, filho de Ulisses, ordena que sua mãe Penélope fique calada, com o argumento de que *"falar é assunto de homens"*. Nos mitos e tragédias da época, mulheres de poder, como Medéia ou Clitemnestra, são retratadas como seres monstruosos que semeiam o caos nas esferas do poder.

A obra *"o remorso de Baltazar Serapião"* abre com um prólogo que fornece a chave para a leitura de toda a narrativa: *"a voz das mulheres estava sob a terra, vinha de caldeiras fundas onde só diabo e gente a arder tinham destino. a voz das mulheres, perigosa e burra, estava abaixo de mugido e atitude da nossa vaca, a sarga, como lhe chamávamos."* (MÃE, 2007, p. 11) Primeiro de tudo, a mulher aqui não tem identidade, e a masculinidade aparece evidenciada em várias perspectivas. No que concerne à violência contra a mulher, facilmente percebemos que múltiplas são as suas formas, caminhos, momentos e intensidade. Uma narrativa em primeira pessoa feita pelo personagem Baltazar Serapião que abre as comportas de uma angústia transformada sob a pressão da ansiedade e do desconforto, enquanto o sentimento trêmulo de insegurança e opressão persiste no enredo e ecoa no público leitor trazendo menos catarse do que a confirmação da instabilidade de tudo. Num cenário em que o horror é a realidade e não requer esforço de imaginação nem escavações na ficção.

O primeiro capítulo apresenta os personagens que compõem a família Serapião, ou melhor, *"Os Sargas"*. A família herda o apelido da vaca *Sarga* de estimação que é considerada pela vizinhança como a matriarca daquele núcleo familiar. *"tamanho de gado, aparentados de nossa vaca, reunidos em família como pecadores de uma mesma praga. maleita nossa, nós, reunidos em família, haveríamos de nos destituir lentamente de toda a pouca normalidade."* (MÃE, 2007, p. 11) A trama é amarrada em torno da família *Sarga* e ocorre nas terras do Don Afonso, o qual é dono de tudo e de todos que habitam em suas terras. *"don afonso, o da casa, era-o por herança e vinha mesmo das famílias de sua majestade, com um sangue bom que alastrava por toda a sua linhagem."* (MÃE, 2007, p. 13) Trata-se de um

ambiente onde os métodos medievais ainda reinam supremos e esconde no oco uma crítica severa as ordens tradicionais, mergulhando o leitor no cerne de um universo cruel e excessivo. A vaca *Sarga* recebe um tratamento privilegiado em comparação com as mulheres da casa, pois os homens da família nutrem uma profunda afeição e se comovem com qualquer sinal de desconforto que a vaca expresse.

abríamos os olhos pirilampos à fraca luz da vela, porque a sarga mugia noite inteira quando havia tempestade. dava-lhe frio e aflição de barulhos. era pesado que nos preocupássemos com a sua tristeza, se havia algo na sua voz que nos referia, como se soubesse nosso nome, como se, por motivo perverso algum, nos fosse melódico o seu timbre e nos fizesse sentido a medida da sua dor. por isso, custava deixá-la sem retorno, sem aviso de que a má disposição das nuvens era fúria de passagem. (MÃE, 2007, p. 11)

O tempo está cinzento e chuvoso e esse detalhe será realmente de importância capital no decorrer dos eventos que formarão uma atmosfera de completo absurdo. “*o remorso de baltazar serapião*” expõe, em linhas gerais, um retrato pungente da condição feminina num ambiente em que é de lamentar a sorte das mulheres, as quais, não tendo direito a voz, estão no mundo como presas dos homens, sujeitas à violência que se alastra de modo corriqueiro e autorizado. A questão do gênero na narrativa é frequentemente colocada através do sexismo, reproduzindo a representação desigual de ambos os sexos, a partir de discursos que minam a dignidade das mulheres. Assim, “*uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada, explicava meu pai, ajeitada nos atributos, procriadora, cuidadosa com as crianças e calada para não estragar os filhos com os seus erros.*” (MÃE, 2007, p. 17) Essa ausência das vozes femininas revela o menor lugar que ocupam no corpo social, conseqüentemente, direitos de toda sorte estão completamente ausentes para as mulheres com uma naturalidade assustadora.

o mundo que as mulheres imaginavam era torpe e falacioso, viam coisas e convenciam-se de estupidez por opção, a suspirarem em segredos inconfessáveis, cheias de vícios de sonho como delírios de gente acordada, como se bebessem de mais ou tivessem sido envenenadas por cobra má. (MÃE, 2007, p. 18)

O discurso se desenvolve formando a imagem da mulher sujeita aos desejos de seu marido e sua família, acentuando o desequilíbrio da “natureza” feminina. Identifica rapidamente os contornos do fenômeno da dominação e da opressão machista, numa mostra explícita da anulação da mulher, que age apenas pelos seus extintos. A caracterização é induzida por vários comportamentos desprezados e atribuídos como uma natureza peremptória incidindo a desvalorização equívoca da qual o feminino está destinado.



As mulheres estão postas na encruzilhada da desconfiança masculina, os quais alertam sobre o perigo que uma esposa-mãe ofendida pode representar. Logo, *“as mulheres eram muito perigosas, alimentavam os homens e podiam fazê-los comer pó que os matasse. enviavam muito, apoderadas de si mesmas para se vingarem de não terem razão.”* (MÃE, 2007, p. 18) Para a sociedade da época, as mulheres são responsáveis pelas ruínas de sua civilização. A obra pode ser lida de uma perspectiva muito produtiva para uma reflexão a respeito do que é o humano, trazendo uma concepção de indivíduo que se torna em situações adversas presa do medo. A narrativa está marcada por uma compreensão da violência e a brutalidade do domínio desenvolve a visão trágica de uma sociedade entregue à lei dos mais fortes e da infinita iniquidade que o ser humano pode desenvolver.

A violência contra a mulher é endossada, reforçada e somada a diversas situações as quais estão submetidas, especificamente, por serem mulheres. Há a violência doméstica e sujeição, especialmente submissão e invisibilidade; por esta razão as mulheres estão sujeitas a uma diversidade de violência. Num cenário em que a mulher é marcada e modelada pelo domínio masculino, uma dominação simbólica, legal, físico, político, engendrando um sistema de valores polarizados entre o feminino e o masculino. É evidente que os poderes femininos exercem uma atração simbólica inegável e por conta disso devem ser depreciados.

às raparigas nada lhes dava o ócio, mesmo para bordarem, tão parecidas com estarem a fazer nada, havia que lhes dar severas lições, umas às outras, de outro modo trocariam os pontos e o resultado dos seus trabalhos seriam estrupícios sem beleza, ofensivos para a dignidade das mesas. (MÃE, 2007, p. 18)

Pacientemente, a leitura revela que a misoginia é uma construção essencialmente masculina e proveniente do trabalho dos homens em favor da manutenção do domínio. Don Afonso detém o poder do mandatário, subjugando, tornando refém a família Sarga a diversos serviços – de trabalhos do campo a obrigações sexuais, como é o caso de Brunilde, irmã mais nova de Baltazar, que foi entregue logo cedo, no início da adolescência, para prestar serviços e satisfazer os desejos carnis do senhor feudal, Afonso. *“a brunilde tinha onze anos quando foi para a casa. diziam que lhe vinham as mamas tardava nada, preparava-se para ser leiteira.”* (MÃE, 2007, p. 18) Esses fatos apenas ilustram o que se sucede numa sociedade em que as mulheres são tratadas de modo inferior a animais, como a vaca da narrativa. A violência está enraizada nas representações do feminino em todos os níveis, uma vez que as mulheres desde cedo, como no caso da Brunilde, são mantidas como objetos para satisfazer as vontades dos homens. Confinadas ao lar, ao sexo, e ao parto, além de impossibilitadas de falarem por si.

era o que ela confirmava quando vinha aos legumes e ao leite. que era assim que fazia, deixada à deriva pela casa, ao pó e carregando pequenos objetos, e falso seria porque o tronco não se fortalecesse. eu percebera muito antes de que mo dissesse, era para que se conservasse boa de aparências, com a pele clara e as mãos ágeis, assim a queria o senhor para as servíCIAS que lhe davam a ele, a esfregar-se e a meter-se nela pelos cantos da casa, a tentar retribuir-se de tudo o que dona catarina, velha de carnes, descaída e dada às maleitas, já não lhe oferecia. (MÃE, 2007, p. 20)

Não pode haver formas definidas onde há desespero, selvageria, onde a humanidade está enterrada na agonia, não existe um vestígio de luz, é tudo sombrio e repulsivo. A desvalorização do sexo feminino é gradualmente consolidada e os clichês misóginos são atestados apresentando as mulheres como maléficas, violentas e praticamente animais. Como tudo o que é desconhecido é assustador, a menstruação foi considerada uma doença até a ovulação ser descoberta<sup>17</sup> na segunda metade do século XIX. Apesar do grande número de pessoas envolvidas (metade da humanidade...) muitas mulheres em todo o mundo ainda experimentam o período do ciclo menstrual como um momento de vergonha, angústia e até exclusão. Entre lendas e crenças populares, as mulheres menstruadas há muito são consideradas impuras ou mesmo más, porque sua origem permaneceu desconhecida há séculos.

à brunilde rebentou-lhe o meio das pernas em sangue, um dia em que carregava palha para os animais. ficou assim encarnada no meio do campo, a chamar a minha mãe em surdina e a dizer nojices com as mãos nas suas partes da natureza. Era assim como se rebentasse um fruto maduro, um tomate que se desfizesse, e ali ficasse a sair-lhe de dentro, a cheirar mal e a doer. (MÃE, 2007, p. 19)

Valter Hugo Mãe abraça a alma de seus personagens, pelas palavras ele ilumina, dá corpo e carne a reflexões que espelham as mais peculiares facetas humanas. Com a gênese caótica e dolorosa do texto, o esquema narrativo repousa sobre uma série de rupturas brutais, onde somente contam impressões pessoais, subjetivas e íntimas, uma vez que os limites racionais e objetivos não são mais relevantes. A história se alinha ao caminho desordenado das impressões do narrador: reorganizando o mundo de acordo com suas impressões e com a maneira pela qual o que ele vê afeta seu modo de ser, totalmente dependente das modalidades e divagações dos próprios pensamentos.

A arrogância do discurso de Baltazar liga-se ao desconhecimento que o alimenta de brutalidade indiscriminada. Sabe-se que a história da humanidade é marcada por modos organizacionais que estabelecem hierarquias. O roubo de liberdades individuais e coletivas

---

<sup>17</sup> Os historiadores Jean-Yves Le Naour e Catherine Valenti apresentaram sua descoberta no artigo: *Du sang et des femmes. Histoire médicale de la menstruation à la Belle Époque*

personifica a época conflitada pelo feudalismo capitalista que escravizava o homem no campo, catalisando a exploração do homem pelo homem. Infelizmente, a manutenção dessa ordem, não raro, promove violência. Isso se evidencia em “*o remorso de baltazar serapião*”. Este mundo improvável é, portanto, duplamente suspenso de uma peculiaridade de inclinações sexuais que se tornam despóticas, com um duplo significado objetivo e subjetivo: é de certa forma a estreiteza da motivação e seu caráter excepcional que dão ao mundo um aspecto frívolo, o desencadeamento e a precisão detalhada da violência perturbam visceralmente o leitor.

Ainda na esfera do feminino, nota-se que as mulheres são silenciadas ao longo do romance. Convém destacar as personagens Teresa diaba, mulher sem família, que vive da luxúria, tendo seu corpo como forma de sustento, exercendo o ofício de puta, de modo “democrático” – não apenas para machos em ascensão (a exemplo do irmão de Baltazar), mas também para aqueles que, feito Baltazar e seu pai, já exercem ou exerceram dominação sobre as mulheres.

a teresa diaba era quem vinha muito por mim. parecia uma cadela no cio, farejando, aninhada pelos cantos das árvores e dos muros, à espera de ser surpreendida por macho que a tivesse. era toda carne viva, como ferida que se tocasse e fizesse gemer. abria-se como lençóis estendidos e recebia um homem com valentia sem queixa nem esmorecimento. era como gostava, total fúria de vontade, sem parar a ganir de prazer. não queria mais nada senão esses ocasionais momentos, estropiada da cabeça, torta dos braços, feia, ela só servia de mamas, pernas e buracos, calada e convicta, era como um animal que fizesse lembrar uma mulher, servia assim como melhoria de uma vez que tivéssemos de fazer com a mão. (MÃE, 2007, p. 27)

Depois, a mulher queimada, personagem que surge na altura do capítulo 11 ao fugir da fogueira e se transformar em uma espécie de fantasma ou espírito cuja sina é rondar o vilarejo, sobretudo ficar à porta dos Sargas. “*não vimos passar qualquer mulher em fogo, confirmámos ao padre em mentira. não, senhor padre, não vimos mulher que passasse aqui a correr, nem vestida de roupas nem de chamas que a consumissem, apenas nada.*” (MÃE, 2007, p. 78) Também há Catarina, mulher de Afonso e, por isso, a única que detém certo status, por ser a senhora. Contudo, não deixa de ser submissa e rebaixada em virtude da sua condição de oprimida em uma sociedade majoritariamente misógina. Descrita como “*velha de carnes, descaída e dada às maleitas*” (MÃE, 2007, p. 20) Ela, como outras, tem sua liberdade cerceada, seu direito de ir e vir comprometido, além de se sujeitar às traições do marido, sempre ocupado em aventuras sexuais.

#### 4.4 PATRIARCALISMO, CIÚME E CÁRCERES EM “O REMORSO DE BALTAZAR SERAPIÃO”

Não é por acaso que o ciúme protagoniza uma copiosa literatura. Na cultura e arte populares, o ciúme é objeto de ampla recorrência. Em todos os relacionamentos românticos esta emoção é convidativa e pode ter um impacto considerável na relação com o outro, em maior ou menor teor, ninguém está imune ao ciúme, seja através de impulsos vivificantes ou mortificantes. É preciso (re)conhecer esse fenômeno para que se possa elaborar artimanhas profícuas de enfrentamento em favor da vida amorosa, e não menos importante, da saúde mental. A obra do escritor português Valter Hugo Mãe - “*o remorso de baltazar serapião*” - metaforiza diversas manifestações de violência provenientes do ciúme do personagem Baltazar Serapião. As relações entre as personagens da obra reafirmam a superioridade do homem e da imposição viril constituindo formas de impetuosidades que comunicam motivações patriarcais de controle dos homens sobre e as mulheres, desde o exercício da prerrogativa compulsória de chefia e mando; a defesa da honra; a busca e a manutenção do prestígio; a vingança; a preponderância sexual de demonstrações de poder através da força e o que podemos classificar de misoginia explícita. Através da narração autodiegética, parte do discurso é endereçada ao próprio narrador, tornando-o um tipo de destinatário. Num árido contexto asfíxiante sob o signo do absurdo, o ciúme abala a saúde física e mental dos envolvidos atingindo sua forma patológica.

Enamorado por Ermesinda, Baltazar deseja se casar com a moça, que era conhecida como sendo a mais bela. No entanto, Baltazar tinha que pedir autorização ao Don Afonso. Diante de certas circunstâncias, Don Afonso autoriza, porém, faz-se necessário que Ermecinda trabalhe, prestando serviços diariamente na casa do senhor de Baltazar, em seguida, ocorre o casamento. “*dom afonso estava de acordo, e temia eu que estivesse também curioso por se ter perto de nova rapariga e assim exercer o seu domínio sobre todos nós, ultrapassando os mandamentos.*” (MÃE, 2007, p. 24) Após o casório Ermecinda começa a frequentar a casa do Don Afonso e acende em Baltazar desconfianças de um suposto envolvimento entre sua esposa e o dono das terras, com receios constantes e ofuscado pelo ciúme, começa a violentar fisicamente sua mulher. “*eu teria espírito para proteger a minha mulher e lhe pôr freios. ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres era competido, e viveria nessa ilusão, enganada na cabeça para me garantir a propriedade do corpo.*” (MÃE, 2007, p. 23) Baltazar: paranoico e extremamente possessivo, torna-se

rapidamente obsessivo, e, ele tem apenas um objetivo, buscar a todo custo, por todos os meios possíveis pôr “freios” a traição que ele julga convicto.

O ciúme pode existir e muitas vezes existe sem a presença do desejo de posse. Quando, porém, uma pessoa é dominada pelo sentimento da *posse*, o ciúme torna-se inevitável. Pode ele permanecer latente e bem oculto durante algum tempo e mesmo durante muitos anos. Mas, no momento em que aparece o perigo de ser o “objeto” arrebatado por outra pessoa, o ciúme manifesta-se na sua forma mais cruel. (SOKOLOFF, 1954, p. 108)

Baltazar se apropria de Ermecinda, a qual deve cumprir seus requisitos, sabendo que ela sempre estará errada, não importa o que diga ou faça, cada crise é uma oportunidade de verificar a posse e submissão da esposa. Baltazar embarca numa incursão de ódio e de ciúme que impugna a agressão de forma justificada: o ciúme aparece não apenas como um sentimento, mas como um fenômeno oriundo de uma construção social que abrange vários outros sentimentos e que desencadeia idiossincraticamente reações diferentes, rompendo as fronteiras reais e imaginárias. A imaginação de Baltazar é uma intensa contração flagelante e não se contenta na superfície receptiva da subjetividade, suas atitudes cruéis permanecem, no entanto, subjacentes a sua convicção distorcida. É um empreendimento de destruição do outro que está em ação.

e se lhe dei o primeiro corretivo de mão na cara não foi porque não a amasse, e disse-lho, existe amor entre nós, assim te aceitei por decisão de meu pai que quer o melhor para mim, mas deus quis que eu fosse este homem e tu a minha mulher, como tal está nas minhas mãos completar tudo o que no teu feitio está incompleto, e deverás respeitar-me para que sejas respeitada. nada do que te disser deve ser posto em causa, ao menos que enlouqueças e me autorizes a pôr-te fim. (MÃE, 2007, p. 48)

O ciúme de Baltazar está imerso pelas especificidades de um contorno sociocultural que demarca o aspecto da inferioridade feminina. No plano dos relacionamentos amorosos e familiares, a narrativa revela a condição histórica da dominância subjacente à ideia dos papéis de gênero alicerçado numa visão sexista. As suspeitas de Baltazar atuam na narrativa como um elemento ilusório intersubjetivo, longe de um ponto de vista racional e uma base real, predomina a ideia de que é enganado e traído por Ermecinda. Consequentemente, a violência se transforma progressivamente numa tendência tiranicamente sofisticada. Um texto com densidade igual à sua crueza e a única coisa que conta é a tortura a sua esposa, provando todos os venenos que o ciúme pode servir. Tal como Eva, personagem bíblica, as mulheres são encaradas como seres marcados por promoverem maldições, como se fossem bruxas relegadas à fogueira (literalmente).

as mulheres são frutos podres, como maçãs podres, raios hão de partir eternamente a eva por ter sido mal lavada nas intenções. e, quando a ermesinda puser aqui o pé, o primeiro que lhe acontece é ficar com ele torcido duas vezes o da mãe, para não se esquecer nunca mais. sem pio, que deve vir de artimanhas para me iludir, será sem aviso e sem tempo algum que se terá torta para o curandeiro acudir. (...) fiquei fumegando na casa, como a pegar-lhe o fogo da raiva, e atazanei cada segundo inventado por deus com as minhas podridões de consciência. (MÃE, 2007, p. 52)

É notório como a intervenção especulativa precipita as tendências interiores de Baltazar, levando-o ao extremo desde a ação ao desfecho. O desejo pelo poder absoluto intrica-se ao ciúme numa rede compulsória e violenta. Tais manifestações, cujos sentidos ficarão evidenciados, trazem consigo outros significados mais profundos, associados ao domínio e à manutenção da imposição do poder pelo homem. Com isso, a obra assenta questões delicadas, como o ciúme e a desconfiança, revelando como o desenvolvimento de tais sentimentos pode degenerar em patologia.

O ciúme e a desconfiança caminham lado a lado. Quando um marido desconfia que sua esposa é infiel e deseja uma prova dessa infidelidade, todas as palavras da mulher, todas as suas frases são aceitas com dúvida e hostilidade; assim, a discussão do ciúme num caso em que a hostilidade e o ódio estão se desenvolvendo irrefreadamente, não trará solução alguma, e é de antemão condenada a fracassar por completo. (SOKOLOFF, 1954, p. 224)

Para além das agressões físicas a que Baltazar submete Ermecinda, há também as pequenas coações; desde o direito simples e físico de falar, se locomover livremente, ter autonomia sobre as decisões que interferem no próprio corpo até os direitos mais íntimos e subjetivos, como o de poder existir e se desenvolver com dignidade; com a possibilidade de realizar os seus desejos, de seguir sem estar sujeita a medo e também desassistência. Baltazar aparece como um predador que invariavelmente extravasa toda a sua insegurança e ignorância por meio do controle e da brutalidade cruel.

e, quando ermecinda veio, entrou no nosso lado da casa, solta das demoras de don afonso, preparada para se explicar, sabia eu, e surpresa com a minha aparição gaguejou algo que não ouvi, tão grande foi o roído de minha mão na sua cara, e tão rápido lhe entornei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos. que te saiam os peidos pela boca se me voltas a encornar, definharás sempre mais a cada crime, até que sejas massa disforme e sem diferença das pedras ou das merdas acumuladas, e coisa que te entre pelas partes há de cair e cozinhar-se para jantar. que em verdade, se filho algum lhe sáfisse de um homem que não eu, haveria de servi-lo ao jantar para a sua própria boca. e assim ficou revirada no chão, esfregada de dores corpo todo, a respeitar-me infinitamente para se salvar de morrer, e como me deitei fiquei, surdo de ouvido e coração, que o amor era coisa de muito ensinamento.(...) mas poupá-la da morte era o único que me permitia, tão louco de paixão estava, tão grande amor lhe tinha, não poderia matá-la. de outro modo acabaria também de remorsos. (MÃE, 2007, p. 53)

Baltazar ama Ermecinda com todo o seu horror. Uma leitura vertiginosa na qual o distúrbio que causa é semelhante à tortura assistida, pois afeta algo originalmente humano,

desencadeando assim uma reflexão sobre a humanidade, às suas margens e sobre a vulnerabilidade que a constitui, causando uma estranheza um tanto perturbadora. A obra se caracteriza pelo absurdo das situações colocadas, pelas estruturas de poder labirínticas e por suas atmosferas sufocantes que formam elos de uma cadeia de perplexidades. Adindo ao ofício social atribuído aos homens na sociedade patriarcal de uma presumida Idade Média que se confunde com as manchetes midiáticas sobre hostilidade familiar do contemporâneo.

Os noticiários jornalísticos nos fornecem amplas provas da manifestação dessas remanescências atávicas. Um marido ciumento, suspeitando que sua mulher lhe é infiel, volta para casa, encontra-a tocando piano com o vizinho e a mata num acesso de ciúme. O júri o absolve. “Ele a amava”, pronuncia o juiz. “É o amor”. E’ isto uma lei, embora nunca tenha sido escrita. (SOKOLOFF,1954, p.35)

Tanto a ação quanto o discurso de ódio impõe o componente do medo que violentamente luta para sair da pele do protagonista, o qual é alimentado pela ignorância, explicitando a irracionalidade do ódio e da ação violenta. Num cenário em que os homens se destacam dentro do espectro da ânsia pelo domínio, e o ciúme aparece como mais um acessório para a validação da atuação brutalmente feroz contra as mulheres. Sua rijeza torna o leitor tão atento a cada imagem convidando o público a contemplar uma estranha muralha de vultos violentos que inscreve o olhar masculino sobre as mulheres e se instala indelevelmente nas representações.

gemia à noite segundo o prazer, bocejava ao acordar segundo o sono, e nada mais era som de sua boca, arredada das palavras por medo grande de morrer. e em dias desses estive eu muito atento a amá-la, rédeas curtas sim, mas a amá-la muito mais por sabê-la a retomar o seu lugar, estropiada do pé mas bela de sempre, rosto e figura feminina por que me apaixonei, era sem dúvida a minha ermecinda, a minha doce mulher. (MÃE, 2007, p. 54)

A narrativa permanece nas incongruências do mundo, que levam a linguagem ao limite. Há um forte atrito entre o caráter de Baltazar e a sua brutalidade. Todavia, não abordaremos essa violência praticada pela sua essência, mas sim a partir de uma característica da personalidade de Baltazar que parece ter sido edificada. “*A transformação de uma reação ou impulso de ciúme num complexo repressivo, acarretando as irracionalidades do comportamento, deve ser interpretada como uma reação a influências exercidas pelo mundo exterior durante a infância, durante a formação do indivíduo.*” (SOKOLOFF, 1954, p. 227) A narrativa expõe a inquietude de uma mente perturbada e alimentada pelo desequilíbrio, cristalizando o delírio de ciúme em uma patologia individual imbuída de causas sociais.

A reação do ciúme é essencialmente um reflexo negativo e atávico. Tem sua origem no mundo animal com o homem pré-histórico, quando o instinto da conservação era uma necessidade biológica, e quando qualquer interferência na satisfação desse

instinto motivava um violento protesto, uma reação de ciúme. Um animal selvagem mata todos os que tentarem roubar-lhe o alimento, mesmo que ele não esteja comendo, nem precisando da comida no momento. É esta a mais primitiva e pura reação de ciúme, com o propósito imediato de destruir o rival. (SOKOLOFF, 1954, p.34)

A força e a crueza nefasta das ações de Baltazar derrubam leis, coisificando a si mesmo e aos outros, num contexto de limites extremos e incertezas. Longe de apresentar circunstâncias atenuadoras, Baltazar evoca incessantes provas da traição, por meio dos seus pensamentos obsessivos, exorcizando Ermecinda com a brutalidade que lhe é característica. Nalguns momentos, porém, o protagonista circunscreve em seu discurso uma extrema paixão por Emercinda desbordando sua fúria castradora e maníaca. Assim, o discurso argumentativo do narrador deixa vir à tona a violência de uma paixão totalmente insana que acompanha os movimentos ondulantes de seu psiquismo.

foi como lhe procurei pé que viesse à mão e lho torci, e gritei, que puta em minha casa era coisa de rastejar, e ao invés de lhe conseguir estragar novo pé, virei-lhe braço que agarrei e aproveitei de o escolher. Se lhe arranquei uns cabelos, nada se notaria na manhã seguinte.(...) a minha pobre mulher mal educada e não preparada para o casamento. o anjo mais belo que eu já vira, por sorte tão incrível, minha esposa, amor meu. (MÃE, 2007, p. 65)

Trata-se de violência assimétrica, na qual Baltazar considera que sua conduta é justificada pela incompetência ou pelo comportamento (real ou suposto) de seu parceiro e, nesse contexto, o ciúme como justificativa de abuso faz parte disso. A violência é reforçada pelo contexto familiar feroz que sustenta a brutalidade dos atos, cuja ornamentação bizarra se entrelaça em um movimento de perpetração cruel no qual Baltazar é sucessor do pai no quesito violência, reproduzindo as desumanidades exercidas pelo patriarca. A exemplo disso, Baltazar estropia o pé de Ermecinda conforme o pai já havia feito outrora com sua mãe, testificando uma herança catastrófica.

ficou-lhe o pé para dentro, ao invés do de minha mãe que lhe tinha ficado para fora, ficou-lhe para dentro e até um pouco para trás, e doía-lhe muito, e o meu pai viu-a e disse, eis o teu corno meu filho, se não o tivesse feito o povo esqueceria, assim vais ter os cornos à mostra a vida toda. não percebera, e falava a experiência, e se calhar dizia-me que devia tê-la matado para a enterrar como cornadura inteira, longe das vistas da gente. (MÃE, 2007, p. 54)

O pai possibilita e alimenta as atitudes indesejáveis e cruéis de Baltazar, fazendo com que este não tenha consciência de seus limites. Não podemos ignorar que o ciúme de Baltazar está enquadrado na esfera da desigualdade de gênero, incidindo num comportamento deliberado de violência que denota nefastas consequências. À vista disso, a desfiguração por meio de um poder patriarcal que busca sustentar sua dominação mutilando os corpos não é



apenas física, mas violentamente simbólica, assumindo formas que o permite adaptar estratégias de controle, por meio de agressões insidiosas e permanentes.

O pai de Baltazar, chamado Afonso, o qual possui o mesmo nome do dono das terras, aparece como membro deste sistema, impondo ditames de conduta em todas as dimensões de tal funcionamento. Empreendendo um dinamismo brutal e violento contra a esposa; o patriarca dos Sargas estende uma teia de selvageria cada vez maior na qual envolve a mãe de Baltazar até a morte. *“e foi no dia em que o povo se preparava para queimar mulher que se portara mal que o meu pai rebentou braço dentro o ventre da minha mãe e arrancou mão própria o que alguém ali deixara.”* (MÃE, 2007, p. 75) Todos são cúmplices da brutalidade, exacerbada, distorcida e exibida em ações de extremo pedantismo, porque a ausência de opções são as mesmas para as mulheres desta sociedade na esfera pública ou íntima: o massacre faz sentido. Nesse cenário, o ciúme e a violência são instâncias institucionalizadas, se cristalizam em movimentos, têm projetos: raiva, dor e vingança.

como a minha mãe, por um momento, poderia ter sido inocente. velha, estropiada, feia, desonrada de romance do marido com vaca, que quisera ela de outro homem senão malfado. nada quereria, tanto a conhecia e tão atida ao seu juízo se deixava, teria inocência, pensava, teria inocência e a violência do meu pai era ciúme de si próprio. (MÃE, 2007, p. 78)

Embora não chegue propriamente a se redimir, parece-nos que Baltazar percebe, em alguns momentos, as contradições e os absurdos do tipo de pensamento que aprendeu de seu pai, mas insiste em reproduzir o ciclo vicioso da misoginia. Tal fato advém de breves momentos em que o fluxo de consciência, a partir da perspectiva do narrador, traz à tona, ainda que intuitivamente, a sensação de que o nosso anti-herói (talvez assim possamos chamar) é uma vítima da sociedade patriarcal. Seu ciúme é irracional, mas também pautado em (des)estruturas sociais. Educado para ser machista, não consegue se libertar dessa herança e da influência do meio. A violência existe com a humanidade e às vezes é uma das características da personalidade, já que algumas pessoas se tornam violentas quando estão com raiva, frustradas ou mesmo tristes, o que significa que às vezes a violência está imbuída em nossos personagens. A obra constata como a questão da violência doméstica não é apenas um problema da própria mulher, mas também de sua família e de toda a sociedade, celeuma que ainda está em curso, pois reflete nela e na maneira como ela lida com aqueles a sua volta. Em muitas sociedades ao redor do mundo, as mulheres foram – talvez ainda – confinadas às esferas privadas, socialmente silenciadas, estereotipadas e destituídas de seus direitos básicos, apesar do fato de numerosos movimentos internacionais terem procurado reduzir esse dilema.

#### 4.5 DELINQUÊNCIAS DO CIÚME: O GOSTO CORTANTE DAS RELAÇÕES FATAIS

A obra “*o remorso de baltazar serapião*” aglomera uma diversidade de significados provenientes da mesma imagem inicial: “mulheres destituídas de valor”, que pode confundir alguns leitores, deixá-los perplexos ou incrédulos. Isso é possível porque tal imaginário ainda ocorre livremente no concreto das sociedades modernas. O campo narrativo da obra é privilegiado do sentimento de ciúme e o desejo de vingança, os quais nutrem os efeitos da “posse”, controle e violência. A humilhação é motivada pela expressão do impulso de destruição devastadora. Aparece como uma forma de crueldade institucionalizada. Baltazar sempre imagina Don Afonso como um rival que certamente ocupa seu lugar. Baltazar é um “proprietário” frágil e tem medo de perder seu território. Aqui, novamente, entram o controle e a brutalidade como forma de tomar o poder. Enquanto isso, no intervalo perdido, o ciúme ajuda a adiar a morte: Baltazar se odeia um pouco menos ao sucumbir os golpes de ódio em Ermecinda.

nessa altura, a minha ermecinda comida dia a dia pelo nosso senhor, entre dilemas me via eu. partir-lhe tronco, deixá-la a rastejar, inútil, e depois largá-la no centro das casas a vê-la solteira, esquecida a esmolar-se para nacos de pão seco. Partir-lhe pescoço e matá-la de mais nada, isso sim, cornadura enterrada de vez por todas, como meu pai tinha razão, se todos pareciam saber, tão insistentes se tornavam as idas dela à casa grande, diariamente, quando ninguém esquecia coisa que se repetia tanto. (MÃE, 2007, p. 94)

A obra apresenta uma visão social de um fenômeno doloroso e desumano como resultado da identidade de gênero, transfigurado na violência contra as mulheres como uma prática aceita e até socialmente justificada, fortemente marcada pela tradição cultural. Pode-se observar como a sociedade cria e ajuda a perpetuar esse fenômeno. “*Aos homens sempre foi concedida irrestrita liberdade sexual, enquanto exigiam absoluta fidelidade das mulheres. Retrato típico do famoso hipócrita padrão. Sentir ciúme significava que o homem não mantinha sua mulher sob controle.*” (FRIDAY, 1985, p. 25) Uma atmosfera sinistra e sórdida com um pano de fundo mitológico como o destino ou deuses de um destino que tornam a vida humana vulgar e efêmera, arqueando a dor com carne e osso expostos trivializando o horror.

Minha esperança de que o ciúme pudesse ser explicado através das linhas da separação incompleta durou pouco. Tinha tomado por base uma pergunta que muito me impressionara: numa situação de ciúme, contra quem a agressão é dirigida? Contra o intruso, contra o ser amado ou contra a si mesmo? (FRIDAY, 1985, p. 22)

Graças à arte de Mãe, o ciúme não é um simples estado afetivo, torna-se a porta para um "além", que constata, por um lado, justificativas para tudo, ou quase, e, por outro, constitui o reflexo das matrizes íntimas do inconsciente humano. No entanto, precisamos ir mais longe e assumir que essa abordagem não parece profunda e rica o suficiente para explicar a totalidade do estado complexo e arcaico do ciúme. Perto da perspectiva psicanalítica, Mãe tematiza a experiência do ciúme como uma "arqueologia" do subconsciente: como alcançar, escavar, encontrar, sob as diferentes camadas dos indícios do inconsciente de um "passado soterrado".

e agarrei no aldegundes e apertei-o. se agora está lá dentro, diz-me que coisas vêes. anda, se podes ver anjos nas tábuas, há de poder ver don afonso em cima da minha ermecinda. não ouviste nada, aldegundes, diz-me se não ouviste nada. e o aldegundes abanava com a cabeça e padecia comigo. e com ele o teodolindo negava também. passavam muito tempo na casa de don afonso, dentro e fora em trabalho delicado, mas não percebiam nada que acusasse a ermecinda de infidelidade. (MÃE, 2007, p. 97)

Não há rigor com a precisão e historicidade de qualquer período. Todavia, a obra desenvolve um panorama da sociedade, da cultura e principalmente do pensamento medieval, inferindo a narrativa por esse recurso temporal capturando através de imagens simbólicas, abstratas ou figurativas a realidade mais profunda do ser humano num passado presente. A revolta é proposta como um meio oferecido ao homem para suportar sua condição miserável. Na escala da ferocidade Baltazar é um homem diabólico ou estúpido, terrível ou um símbolo da sociedade falocêntrica? Baltazar é feroz e predatório e é com essa demonização nos tempos medievais que os acontecimentos da narrativa estão imersos.

e era a minha ermecinda, escorreita no cumprimento das ordens, a irradiar sua beleza para proveito do velho tarado que a submetia a tão grande compromisso. que compromisso nojento seria, ultrapassado da vontade do marido, sobreposto ao marido, coroa de osso, minha puta, se te apanho um só sinal, um só sinal que me garanta que o avias, abro-te meio a meio, e enterro-te meio a meio tão longe de parte a parte que seguirás incompleta para o inferno para eternamente agonizares de desencontro. ela a encolher os ombros e a jurar, não fazemos mais que conversar. (MÃE, 2007, p. 97)

Baltazar é o “lobo” de Ermecinda. Essa personagem, por ironia, tem como condenação aquilo que mais chama atenção a ela: sua beleza. É por causa desta que se torna prisioneira de doutrinações machistas. Baltazar, intuindo isso, quer destruir o elemento que o atraiu para sua esposa, pois a beleza dela atrai outras figuras masculinas. *“No ciúme sexual, o complexo de vingança apresenta uma persistência excepcional. Ele tem todas as propriedades de uma obsessão, beirando a loucura, com alguns sinais de frustração e dissociação de ideias.”* (SOKOLOFF, 1985, p.165) Essa singularidade peculiar é mais precisamente a ostentação do

domínio, a afirmação de poder e superioridade que serve como cimento entre os indivíduos de uma sociedade que se pauta em diretrizes marginalizadas. Domado pelo ciúme, intenta sucessivamente desfigurar a sua mulher até que, definitivamente, consegue.

a minha ermecinda já tinha pé torto virado para dentro, braço que não baixava com mão apontada para o céu, outro braço flácido e sem mão a partir de pulso, mais olho esquerdo nenhum, só direito. era como estava, mais nada verdade que vantagem sua se apagasse, estava de curvas mantida, pele macia, o cabelo longo e claro, lábios cheios. por cada noite em diante, de saudade dela, cada instante que fosse me lembrava do seu corpo tal como estava, e só bela me parecia. (MÃE, 2007, p. 150)

Baltazar experimenta o ciúme como uma perda de poder. O controle é uma das primeiras fontes de desequilíbrio: pouco a pouco, uma assume a outra, pois é bem antes do primeiro tapa, em gestos e palavras, que a violência se enraíza. Assim, mostra insensibilidade e exhibe ostensivamente rejeição e desprezo no que toca o estado físico e psíquico de Ermecinda. A obra manifesta o quão é grave o fato de a violência doméstica ser muitas vezes tratada como qualquer outro crime violento. Quando não deveria, porque não é apenas a violência que está em causa, mas um problema social com origem no desequilíbrio das relações de poder entre homens e mulheres, pois negligencia em simultâneo outras formas de abusos que ocorrem na intimidade a que devemos estar igualmente atentos. As ideias vertidas desnudam o clamor de uma sociedade vulnerável e os registros estão, portanto, cheios de representações sexistas com as quais as mentalidades ainda são permeadas.

Uma reação de ciúme precisa ser seguida de ação. É este o padrão dessa emoção peculiar. E, uma vez que as tradições da vida civilizada nos obrigam a controlar o desejo de matar ou de espancar nossas mulheres à mais leve provocação de ciúme, o homem moderno manifesta o seu desejo de vingança e sua satisfação por centenas de outras formas. (SOKOLOFF, 1954, p. 37)

O fluxo é destrutivo e o fim de Emercinda, no sentido banal e fatal do termo, provoca o momento providencial do delírio incorporado que Baltazar arrasta ao longo da trama, seria, portanto, mais letal do que cruel até o último momento da narrativa; como se Emercinda em vida já não vivesse. Baltazar se destaca por ser herdeiro-portador da violência de uma sociedade patriarcal. Um dilema social que retém as mulheres há séculos até agora em episódios de agressão repetida – violência física, psicológica, verbal, econômica e sexual. Valter Hugo Mãe costura uma nova linguagem poética, a partir de confrontos e elementos que aumentam a visibilidade dos personagens, como as experiências das minorias sociais, discutindo como as questões de formação social podem implicar no imaginário de toda uma sociedade.

sim, poderiam sentir remorso pela competência tão apurada usada na educação da minha mulher. por essa sensatez de não deixar que se perdesse sem retorno. poderia sentir remorso por essa bondade de, a cada momento a ir buscar à razão, a fazer ver as coisas mais corretas da criação, para a ajudar a encontrar o seu lugar mais humano. poderia sentir remorso naquele instante, perante a minha ermecinda tão diferente, que muito mais descansada estaria do corpo se eu me houvesse desleixado nos bons trabalhos de ser seu marido. (MÃE, 2007, p. 190)

A leitura da obra “*o remorso de baltazar serapião*” oferta uma concepção do corpo numa experiência do limite, quando o ser humano sente na pele o fato de não controlar os acontecimentos de sua própria vida. Executando diversas modalidades da agressividade exercida sobre sua esposa: taca-lhe um tapa no rosto, entorta-lhe o pé, quebra-lhe o braço, arranca-lhe o olho (e coloca areia em seu lugar), até matá-la. Pois, no último capítulo, Baltazar reage com indiferença e consente que o seu amigo Dagoberto e seu irmão Aldegundes estuprem coletivamente a Ermecinda, até o último suspiro, com a participação da vaca Sarga.

ainda pensei, talvez fosse só da chuva que caía, talvez fosse só da avidez dos dois traidores, com ganas de alívio maiores do que o costume, ou talvez fosse por pressentir o apelo da minha indefesa amada, ali disposta para banquete de homens que não eram seu marido, sim, talvez fosse por isso que a sarga estava diferente. e a minha ermecinda mais se tentou debater e mais lhe custava a respirar, mas eles se afligiam com controlá-la para, mais que não fosse, voltarem aos seus lugares e esperarem que se acalmassem, as duas, ela e a vaca. (MÃE, 2007, p. 194)

Uma vez sob o controle de seus atacantes, as mulheres passam por um ciclo infernal de violência física, psíquica e sexual do parceiro íntimo e violência sexual por outras pessoas que não seu parceiro, como no caso de Ermecinda que, com o consentimento de Baltazar, é violentada pelo cunhado e pelo amigo do marido até a morte. Também é o caso de Brunilde que a violência começa na infância antes da idade adulta, quando é entregue aos onze anos para servir sexualmente o dono das terras. Finalmente, este texto fortemente tingido de misticismo se apresenta como uma busca pelo absoluto, pois o absoluto é o que não tem limites e que escapa a todo conceito. Todas as definições são obviamente arbitrárias, todos os campos estão entrelaçados e é precisamente no ponto de interseção em que é traçada a verdadeira relação com o limite e com os contornos reais desse assunto: “violência”. Entre a humanidade e a desumanidade, expressa simbolicamente o infortúnio dos personagens através de uma individualidade que os mitos expressam coletivamente. Como mitos e lendas, a narrativa mergulha nas partes mais primitivas da psique.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*“La jalousie est la sœur de l’amour, comme le diable est le frère des anges.”* (Proverbio francês)

Superar o ciúme é aprender a se livrar desse sentimento ou controlá-lo? Nem uma coisa nem outra. Não nos livramos das emoções, assim como não as controlamos. Contudo, podemos aprender a percebê-las, e, assim, conviver. Isso significa optar por não sermos mais guiados pela emoção: sentir, mas escolher o que fazer dali em diante. Superar o ciúme é criar intimidade com ele, respeitando as fronteiras do sentimento e da razão. Perceber e operar com instrumentos racionais, em busca de “arrefecer” o ciúme. O primeiro ponto é entender que o ciúme pertence a quem o vive e não precisa ser outorgado a terceiros. Precisamos, ainda, destacar que nossas emoções, na ocasião do outro, não nos dão nenhum direito sobre o outro. Devemos ser categóricos neste ponto. Este também é o caso da violência: não importa o que a outra pessoa faça conosco, permanecemos mestres de nossas reações, devendo assumir todas as consequências.

Nosso estudo do ciúme se concentrou em aspectos como sua definição, suas manifestações e as perspectivas teóricas para investigá-lo. Sob tais premissas, ousamos apontar o ciúme do personagem Baltazar como um ciúme sem qualquer motivo válido, que se torna incontrolável, constante e inclinado à patologia, longe de ser uma preocupação protagoniza um verdadeiro problema real. Assim, as pessoas que se enquadram nesses espirais obsessivos de suspeita e desconfiança de seus cônjuges somada a atitudes extravagantes, vendo o que desejam ver, independentemente de haver ou não evidências ou detalhes para apoiar suas crenças, são fortes candidatos a uma condição que pode ter consequências dramáticas quando adentra uma psicose estabelecida. Nesse contexto, o ciumento - em seu íntimo - gostaria de ser o proprietário de todos os cantos, pessoas, objetos e ocupações nas quais o outro é fixo; ser o autor de todas as canções, piadas, conversas e silêncios que o outro ouve; ser o presente e o passado da história do parceiro. Tal fato é proveniente de ele se sentir no dever de ocupar a lembrança de tudo para o outro, mas, pela mesma razão, ao mesmo tempo, ele quer se livrar de tudo que não o é. Ou seja, eliminar todas as pessoas, objetos, piadas, aromas e perfumes nos quais prende a atenção do seu parceiro, com o qual o outro se distrai mesmo que por um momento, não tolera que agora existem duas pessoas em que há apenas uma vontade de fundir e abarcar todos os desejos do outro.

Enquanto aceitarmos o ciúme como um sentimento em nós mesmos, podemos explorá-lo e questioná-lo: do que exatamente temos medo? A vida moderna está cheia de mensagens que promovem soluções individuais através dos famigerados livros de autoajuda, tutoriais na internet, "faça você mesmo", entre outros. A temática do ciúme é um campo repleto de promessas e de receitas em forma de livros e conteúdos comercializados que garantem ter caminhos para soluções simples e práticas de como sanar os problemas provenientes de tal afeto. Embora os títulos de autoajuda ou outros meios autossuficientes pareçam atrativos e até possam de fato surtir algum efeito em alguns de seus adeptos, existem verdadeiramente pessoas que precisam de ajuda psicológica para resolver questões que, de outro modo, não serão capazes de resolver sozinhas. Queremos dizer que essas mensagens podem ser profundamente falaciosas: muitas vezes precisamos de ajuda terapêutica, porque existem níveis profundamente enraizados num passado perdido e difícil de acessar sem os mecanismos de uma análise, pois somos seres humanos e, portanto, falíveis. O ciúme apenas precisa da loucura de sua primeira manifestação, e é por isso que ele anseia pela irracionalidade. Então, em um segundo pode-se criar danos, por conseguinte, incontornáveis ao relacionamento: desconfiança, controle, restrição de liberdade e desvalorização.

Um tema recorrente na literatura ligado à honra. Às vezes com um caráter dramático e às vezes com um caráter tragicômico. Do ponto de vista psicanalítico, o interesse está no fato de que, nesse cenário, as coisas muitas vezes não são o que parecem, criando uma "turvação" que, como em um tratamento analítico, só será revelado ao longo do percurso. Esse modo de encarar o ciúme em que o real é deformado pelo imaginário nos coloca na consideração de que o ciúme, do "normal" ao delirante, nunca é objetivo, mas também e acima de tudo um produto da subjetividade do sujeito e da capacidade ou incapacidade de dar e receber amor. Suas manifestações literárias nos diferentes momentos históricos poderiam nos mostrar o que é imutável e aparentemente novo no ciúme. O que não mudaria seria o sofrimento dos ciumentos e também da pessoa em quem eles caem.

No decorrer deste estudo, objetivamos apresentar um trabalho de pesquisa bibliográfica e de escrita crítica sobre a obra "o remorso de baltazar serapião", de Valter Hugo Mãe, que pudesse auxiliar no levantamento analítico do ciúme. Com o trabalho ora apresentado, esperamos ter podido contribuir para o fomento e a expansão do conhecimento a propósito do ciúme, bem como sua relação com a violência, relatando sua presença nas sociedades antepassadas e atuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Da violência**. Tradução: Maria Claudia Drummond. Data da publicação original: 1969-1970. Data da digitalização 2004. Disponível em: <[www.sabotagem.revolt.org](http://www.sabotagem.revolt.org)> Acesso em 23 de setembro de 2019.

BALLONE, Geraldo José. História de ciúme patológico: identificação e tratamento. Barueri, SP: Manole, 2010.

BLÉVIS, Marcianne. **O ciúme – delícias e tormentos**. Tradução Vera Ribeiro – São Paulo: Martins, 2009. - (coleção psicologia)

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CURY, Augusto. **CIÚME: o medo do abandono provoca a perda**. *Copyright*, da adaptação e da edição portuguesas *by* Editora Pergaminho, uma chancela da Bertrand Editora, Lda, 2017.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARJANI, Antonio. **Édipo Claudicante – Do Mito ao Complexo**. Copyright 1987, Antonio Farjani.

FERREIRA-SANTOS, E. (2003). *Ciúme: O medo da perda*. São Paulo: Claridade

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade infantil**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1905

FREUD, Sigmund. **A dinâmica da transferência**, 1912. In: \_\_\_\_\_. O caso de Schreber e artigos sobre técnica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 107-120. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes**, 1915. In: \_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).



FREUD, Sigmund. **Repressão**, 1915. In: \_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**, 1917 [1915]. In: \_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14)

FREUD, Sigmund. (2011a). **Psicologia das massas e análise do eu**, In (Paulo César de Souza, Trad.), Obras Completas. (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1921).

FREUD, Sigmund. (2011b) **Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade**, In (Paulo César de Souza, Trad.), Obras Completas. (Vol. 15, pp. 209-224). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1922).

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. In: \_\_\_\_\_. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**, 1923. In: \_\_\_\_\_. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-72. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago. 1930

FREUD, Sigmund. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. (1910b). (contribuições para psicologia do amor I). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIDAY, Nancy. **O ciúme**. Tradução de Eduardo Borsato. Editora Record. 1985.

GIKOVATE, F. (1998). **Ciúme ou "ciúmes"**. Em *Ensaio sobre o amor e a solidão* (p. 103-140). São Paulo: MG Editores. Ferreira-Santos, E. (2003). *Ciúme: O medo da perda*. São Paulo: Claridade.

GREEN, André. **O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: brasiliense, 1982.

LACAN, Jacques. **Agressividade em psicanálise**. Relatório teórico apresentado no XI congresso dos psicanalistas de língua francesa, reunido em Bruxelas em meados de maio de 1948.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia/** tradução de Aluísio Mendes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguar Mendes da Silveira Jr. - Rio de Janeiro: Forense-Universitário, 1987.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do [eu] tal qual nos é revelada na experiência psicanalítica**. Comunicação no XVIº Congresso Internacional de Psicanálise, Zurich, 17 de julho de 1949. Disponível em: <[file:///C:/Users/DELL/Downloads/kupdf.net\\_o-estadio-do-espelho-lacanpdf.pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/kupdf.net_o-estadio-do-espelho-lacanpdf.pdf)> Acesso em 12 de março de 2020.

LACHAUD, Denise. **Ciúmes**. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2000.

LAGACHE, D. (1986/1947). **La jalousie amoureuse**, Paris: PUF

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MÃE, Valter Hugo. **o remorso de baltazar serapião**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

OSHO. **Faça o seu coração vibrar**. Tradução de Denny Zuca. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

OVÍDIO, 43aC-17dC. **A arte de amar**. Publios Ovidios Naso/ tradução de Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2010.

PLATÃO. **A república**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

QUEIROZ, Edilene Freire. **O corpo na organização perversa**. In: \_\_\_\_\_. A clínica da perversão. São Paulo: Escuta, 2004.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. 1996. Editora brasiliense, coleção primeiros passos.

SHAKESPEARE, William, **Otelo**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SOKOLOFF, Boris. **O ciúme: um estudo psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro. 1954.